

Paola de Carvalho Buvolini Freitas

**Pertencer e deslocar virtualmente: Teletandem como espaço
antropofágico**

São José do Rio Preto
2015

Paola de Carvalho Buvolini Freitas

**Pertencer e deslocar virtualmente: Teletandem como espaço
antropofágico**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Drº João Antônio Telles

São José do Rio Preto
2015

Buvolini, Paola C. F.

Pertencer e deslocar virtualmente : Teletandem como espaço antropofágico / Paola de Carvalho Buvolini Freitas. -- São José do Rio Preto, 2015

150 f : il.

Orientador: João Antônio Telles

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística aplicada. 2. Professores de línguas - Formação. 3. Sujeito (Filosofia) 4. Identidade. 5. Educação e globalização. 6. Subjetividade. 7. Ensino a distância - Ensino auxiliado por computador. I. Freitas, Paola de Carvalho Buvolini. II. Telles, João Antônio. III. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. IV. Título.

CDU – 407:371.13

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Paola de Carvalho Buvolini Freitas

**Pertencer e deslocar virtualmente: Teletandem como espaço
antropofágico**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Drº João Antônio Telles

Comissão Examinadora

Prof. Drº. João Antônio Telles
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Drª. Ana Mariza Benedetti
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Drª. Angela Aparecida Donini
UNIRIO – Rio de Janeiro

São José do Rio Preto
01 de Setembro de 2015

Para todos que desejam, performativamente, estar além do lugar-comum...

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente estar neste processo acadêmico, para isso, tantas pessoas trilharam este caminho comigo e agora é o espaço de agradecê-las.

Em primeiro lugar, agradeço às incontáveis orientações do meu orientador, Prof. Dr. João Antônio Telles, que em todos seus pronunciamentos me fez refletir sobre formação docente, formação humana. Nas nossas orientações sempre uma interpelação a ver o outro na sua subjetividade, sem padrões, sem limites, com o teletandem. A experiência foi fantástica!

Também, um obrigado especial às professoras convidadas para a banca de qualificação e defesa, Prof. Dr^a Ana Mariza Benedetti, Prof. Dr^a Angela Donini. Que bom ouvi-las e poder aprender mais. Um prazer incrível conhecê-las e partilhar de seus conhecimentos. Muito obrigado!

Em segundo lugar, agradecer minha família que no coletivo é representada por tantos que deram suas contribuições de várias formas. Meu marido, Helder Luís de Freitas, que ao aceitar caminhar comigo nesta jornada, também passou a entender os processos de pertencimento e deslocamento que nos constitui em tudo. Hoje, deslocados, nos pertencemos. Muito obrigado!!! Minha mãe, Carmen Lúcia de Carvalho, que foi meus primeiros olhos e ouvidos com os livros, me inaugurou nesta vida letrada e, na sua antropofagia, passou-me valores primorosos. Muito obrigado!!! Aos meus irmãos, Maita, Lucas e Bárbara, cunhados, Jefferson, Michelli e Roseli agradecer a compreensão de estar em falta em alguns momentos, mas sempre junto em pensamento. Ficaram na torcida constante por esta conquista intelectual.

Agradeço às minhas queridíssimas sobrinhas, Maria Eduarda e Laís, foram meu fôlego, com seus sorrisos singelos, verdadeiros e carinhosos. Como é bom tê-las!

Meus avós, Armando e Laura e Ricardo e Waina (in memoria), o vô Armando não mais presente há um mês, pela caminhada de ensinamentos. Mesmo com tanta idade ainda podia, antropofagicamente, passar tantas ideias. Só com eles, pude entender o ciclo da vida, dolorosamente em alguns momentos, mas tão cheia de amor enquanto vivida. Valeu muito a pena estar com vocês!

Aos meus companheiros de trabalho, por tantas trocas no espaço da educação. Em especial, a minha diretora Lucimeri Rizzo Parra e minha coordenadora, Marici Cagliari Rizzo, pela compreensão da ausência para esta produção, pela confiança

na minha formação processual e respeito das minhas necessidades. Muito obrigado!

Agradeço a atenção de todos os funcionários da seção de pós-graduação da UNESP de Rio Preto, em especial, para Silvia Emiko que tanto me ouviu e, pacientemente, esclareceu todas as dúvidas. Que competência e respeito. Muito obrigado!

As professoras e alunas de mestrado e doutorado do grupo de pesquisa *Teletandem e Transculturalidade* pelas reflexões e risadas no nosso percurso acadêmico.

RESUMO

Teletandem é um contexto virtual, autônomo e colaborativo de ensino e aprendizagem de línguas e culturas estrangeiras mediado pelo computador que utiliza aplicativos de tecnologia VOIP (Voice Over Internet Protocol), como o Skype ou Google Hangout. Neste contexto, utilizando os recursos de voz, texto e imagens de webcam (dentre outros), pares de alunos colaboram um com o outro na aprendizagem de suas respectivas línguas nativas ou de competência (não é necessário ser falante nativo da língua-alvo). O objetivo desta dissertação é investigar as subjetividades dos interagentes constituídos como pares na tentativa de verificar como essas subjetividades são marcadas por fenômenos históricos como a globalização e a tecnologia na educação. Para isso, usamos os enunciados que trazem (ou não) a identidade nacional como símbolo de diferença desses sujeitos. Tal objetivo partiu das seguintes constatações: (a) os conteúdos das interações em teletandem centram-se no contraste e na marcação de diferenças entre os países dos interagentes e (b) as discussões entre os participantes sobre tais diferenças são frequentemente repetitivas, de senso comum e essencialistas por natureza, podendo produzir estereótipos de nacionalidades. A pergunta norteadora da pesquisa é: quais são os efeitos subjetivos da comparação de identidades nacionais nas interações via teletandem? Teoricamente, o estudo está fundamentado nas teorias de identidade e sujeitos trazidos por Hall, Silva, Bauman, nos estudos de subjetividades trazidos por Rolnik, Deleuze e Guattari e nos estudos sobre *performatividade* da filósofa Judith Butler, esses ancorados nas ideias de *sedimentação*, *citacionalidade* e *iterabilidade* trazidas por Derrida. Assim, buscamos conhecer parte das subjetividades dos aprendizes que participam dessa prática virtual, autônoma e colaborativa do teletandem. O estudo adota metodologia qualitativa, com formato de três estudos exploratórios de casos. Os dados foram coletados por meio de gravações em vídeo das interações entre três pares de interagentes de teletandem e subsequentemente transcritas verbatim. A análise qualitativa, de cunho interpretativista das transcrições das falas utilizou

escolhas lexicais dos interagentes, tais como meu, minha, eu, aqui, aí, para confrontar as marcas de identidade nacional. Os resultados da análise apontam para sujeitos que se tornam mais híbridos por este contato proporcionado pela interação intercultural do teletandem. A utilização de identidades nacionais aparece, na maior parte dos dados analisados, para estabelecer pertencimentos territoriais, para expor maior conhecimento de onde vem e/ou está este sujeito. Entretanto, os deslocamentos subjetivos superam a nacionalidade pela aproximação de ideias de mundo cada vez mais globais e hibridizantes. Os resultados também indicam que, pelo menos no contexto dos poucos dados deste estudo, não podemos estudar identidades nacionais somente via os estereótipos disseminados pelo mundo. Tais estereótipos são constitutivos dessas nacionalidades inventadas, efeitos de práticas sociais consolidadas/sedimentadas. Não são, contudo, o todo neste processo. Com a contemporaneidade, novas práticas se instalaram. O contato intercultural com sujeitos de nacionalidades diferentes é tão constante que aparentemente, parece não haver tantas diferenças subjetivas e sociais entre sujeitos e seus espaços. Tal fato levanta a possibilidade de ver tais sujeitos como híbridos e fabricantes de novas práticas de ensino e aprendizagem de línguas.

Palavras-chave: sujeitos, interação no Teletandem, subjetividades, globalização.

ABSTRACT

Teletandem is a virtual, autonomous and collaborative context of teaching and learning foreign languages and cultures that is mediated by computer using VOIP (Voice Over Internet Protocol) technology software, such as Skype or Google Hangout. Within this context, pairs of students collaborate with each other in learning their respective native languages or language of competence (no need to be a native speaker of the target language). Learners use the voice, text and webcam image features of Skype. The study is about the subjectivities these pairs of virtual interactants. We tried to verify how their subjectivities are marked by historical phenomena such as globalization and the use of educational technology. For this, we used the learners' utterances that suggest (or not) national identities as symbols of differences of these subjects. We set out this objective by having the following presuppositions in mind: (a) the content of the teletandem interactions focuses both on the contrast and the marking of differences between the interactants' countries; and (b) the participants' discussions on such differences are often repetitive, common sense and essentialist in their nature and they can produce stereotypes of nationalities. The guiding research question is: What are the subjective effects of comparing national identities in interactions via teletandem? Theoretically, the study is based on theories of identity and subject proposed by Hall, Smith and Bauman, on studies about subjectivities brought by Rolnik, Deleuze and Guattari, and on Judith Butler's studies about performativity (these anchored on Derrida's concepts of sedimentation, citationality and iterability). Thus, we sought to know part of the learners' subjectivities who participate in this virtual, autonomous and collaborative practice of teletandem. We adopted a qualitative methodology in the format of three exploratory case studies. Data were collected through video recordings of interactions between three pairs of students who interacted in teletandem. Data were subsequently transcribed verbatim. In the qualitative/interpretive analysis of the interaction transcripts we used the students' lexical choices, such as mine, my, me, here,

there, to confront the students' markings of their national identities. The results of the analysis suggest that subjects become more hybrid through the intercultural contact provided by the teletandem interaction. In most of the analyzed data, the use of national identities appears to establish territorial affiliations and to expose greater awareness of where the subject comes from and/or is. However, the subjective displacements outnumber those of nationality by approaching themselves to ideas of the world that are increasingly global and hybridizing. The results also indicate that, at least within the context of the limited data from this study, one cannot approach the study of national identities only through stereotypes that are disseminated in the world. Such stereotypes are constitutive of these invented nationalities; they are results of consolidated / sedimented social practices. Nevertheless, they are not the whole of this process. With the contemporaneity, new practices have been settled. Intercultural contact with individuals of different nationalities is so constant that, apparently, differences between subjects and their spaces do not seem to exist. This fact raises the possibility of seeing the subject as hybrid and manufacturer of new practices of teaching and learning languages.

Keywords: *subject, interaction in Teletandem, subjectivities, globalization.*

Sumário

Introdução.....	16
1. Fundamentação teórica.....	28
1.1.Educação e tecnologia: Teletandem.....	30
1.1.1. Interações no teletandem.....	38
1.1.2. Mediações no teletandem.....	41
1.1.3. Teletandem aplicado e antropofágico.....	42
1.2.Identidades e subjetividades: crises.....	45
1.2.1. Identidade e pertencimento: Bauman.....	49
1.2.2. Identidade e deslocamento: os pós-modernos.....	53
1.3.Teoria da performatividade.....	57
1.3.1. Atos de fala: o nascimento da performatividade.....	64
2. Metodologia.....	72
2.1. Paradigmas de pesquisa.....	73
2.2. Método.....	75
2.2.1 Contexto da pesquisa.....	76
2.2.2 Participantes.....	77
2.2.3 Organização e procedimentos de análise dos dados.....	78
3. Análise dos dados.....	81
3.1. Parceria 1: Brasileiro e cubano.....	83
3.1.1 Discussão sobre identidades.....	83
3.1.2 Discussão sobre Política.....	92
3.1.3 Discussão sobre comidas.....	98
3.1.4 Discussão sobre variação linguística.....	101
3.2. Parceria 2: Brasileira e estadunidense.....	104
3.2.1 Discussão sobre identidades.....	106
3.2.2 Discussão sobre comidas.....	111
3.3 Parceria 3: Brasileiro e estadunidense.....	115
3.3.1 Discussão sobre identidades.....	117
3.3.2 Discussão sobre fast food.....	130
Resultado das análises.....	135
Considerações finais.....	141
Referências bibliográficas.....	144
Anexo.....	149

Lista de figuras

Figura 1: Ilustração do processo de sedimentação utilizado na dissertação....	64
Figura 2: Imagem da pesquisa elaborada pela pesquisadora.....	69

Lista de quadros

Quadro 1- Distinções entre tandem presencial, e-tandem e teletandem (Vassalo & Telles, 2009, p. 49).....	36
Quadro 2 - Quadro geral das interações utilizadas, pares, duração e temáticas..	76
Quadro 3 - Participantes da pesquisa.....	78
Quadro 4 - Características dos interagentes – Par 1.....	83
Quadro 5 - Características dos interagentes – Par 2.....	105
Quadro 6 - Características dos interagentes – Par 3.....	116

Introdução

A temática inicial desta pesquisa cresceu como um feto que vai sendo alimentado pelo dia a dia de ser professor, da sala de aula, dos cheiros, expressões e gostos que ela, recheada de alunos, traz. Formei-me em Letras com habilitação em Português-Espanhol na UNESP de Assis em 2006. Algumas respostas esclarecidas durante a graduação, iniciação terminada, faculdade também e nada de pós-graduação, mas o trabalho docente começou a ganhar espaço para além da sala de aula, era uma rotina sem relógio, pois não bastava cumprir o horário da grade escolar. As atividades docentes multiplicavam-se infinitamente em cada aluno, planilha, disciplina. Assim fui me fazendo professora de língua espanhola, produção de texto e literatura de algumas instituições particulares, uma ETEC e um centro de idiomas (Fisk) e depois o espaço do ensino superior com as disciplinas de Língua espanhola e Língua portuguesa.

Buscava a intensa relação entre a teoria dada na universidade com minha prática docente, mas esta se fragmentava nos dias corridos e, só conseguia perceber certa tala prática quando participava de cursos, seminários. Isto me incomodava, me provocava a refletir que processo é este de se formar e “se desformar” ou mesmo deformar ideias e, principalmente, prática. Neste processo um tanto reflexivo, vi que as respostas estariam no que deixei guardado por seis anos, a pós-graduação e não qualquer pós, porque uma vez gerada a inquietação há que cuidá-la, entendê-la, mostrá-la. Eis aonde chegamos: Que atuação é essa que nos transforma? Que identidades carregamos? Elas também são cambiantes? Há uma raiz que muda? O que se conserva da Paola aluna de graduação?

Com estas ideias inscrevi-me para ser aluna especial da disciplina sobre Formação de professores do programa de Estudos Linguísticos da Pós-graduação da UNESP de São José do Rio Preto. No transcorrer da disciplina, meus questionamentos aumentavam e seus esclarecimentos também, mas me ative à questão que assolava todo esse redemoinho prática/teoria, a identidade pessoal/profissional. Pensei, segundo algumas leituras, de Varghese (2005), Borg (2009) que a nossa identidade poderia ser modificada pelo modo como os sujeitos a volta de nosso trabalho nos percebem, avaliam, sugerem, criticam. Ou seja, a identidade assumida transformava-se de acordo com as identidades atribuídas. Foi

com esse olhar que escrevi meu pré-projeto e iniciei o processo seletivo para o ingresso no mestrado da UNESP de São José do Rio Preto. Fui aprovada.

Foi na oportunidade da entrevista que fui desafiada a pensar em troca, ampliação e transformação dos horizontes de meu projeto inicial de pesquisa de mestrado, função mesma da academia. Meu orientador era mais que um professor. Era um idealizador de trocas de línguas e de uma vastidão de mundo que nos torna mais completos e felizes. Foi assim que revi (talvez ainda esteja conhecendo-o a fundo) o professor Doutor João Telles, professor da Unesp de Assis e da Pós-Graduação do Ibilce. Ele idealizou e concretizou o projeto *Teletandem Brasil - Línguas estrangeiras para todos* com o intuito inicial de fazer com que os alunos de Letras tivessem contato com a língua estrangeira além da sala de aula formal. Por meio de uma webcam, de um microfone e do Skype, a minha língua materna chegava a outro e a dele vinha até mim. Encantador. Portanto, precisava refazer meu projeto. Mais do que queria pensar, pensei como as identidades docentes eram tão importantes para os alunos de Letras que estavam com uma nova função. Agora, eram interagentes deste projeto, comunicavam-se com outros povos e outras nacionalidades do mundo e discutiam todo esse processo no momento posterior ao das interações, as chamadas *mediações de teletandem*. Estas são organizadas por esses professores que transitam da sala de aula formal para este espaço mais particular e complexo de ensino-aprendizagem de línguas, culturas e identidades. Assim, fui mudando minha pesquisa.

Com as disciplinas, leituras iniciais e participação no grupo de pesquisa *Teletandem Transculturalidade na interação on-line em línguas estrangeiras por webcam* (Telles, 2013), percebi que, mais do que a identidade docente, o que tocava alunos de lugares bastante diferentes em cultura e língua e distanciados no espaço e no tempo, era a vontade de ampliar, inicialmente, língua, cultura, hábitos, currículo e, no pacote geral, identidades. Então, do foco nos professores, passei a olhar com mais atenção este aluno-interagente, que não é só do curso de Letras. Por isso mesmo, precisava abrir mão de uma construção docente de mão única. Comecei a buscar nas transcrições de interações de um mesmo par, marcas

de uma identidade nacional que salientariam que tipo de sujeitos participava deste espaço inovador de ensino e aprendizagem de línguas, o teletandem. A formação do par, de duas línguas estrangeiras, levou-me à diferença, traço imprescindível para estudar a identidade e mais ainda sujeitos.

O que busco estudar é o processo de comparação/confrontação de identidades nacionais dos sujeitos interagentes deste contexto de Teletandem. Este foco se fabrica através de uma análise prévia dos dados e de discussões de mediadores do teletandem sobre as visões estereotipadas da nacionalidade dos interagentes. A expressão de cada interagente evidencia marcas de valores que foram sedimentados e valores que querem ser ou são alterados, fragmentados, portanto, hibridizados. Estes dois processos, sedimentação e fragmentação, são o eixo da análise dos dados e os explicaremos melhor na fundamentação teórica. Cabe ressaltar que, ao trabalhar inicialmente com a questão identitária, através dos estudos culturais, percebemos que este termo *identidade* está carregado de uma rigidez contextual e conceitual. Por isso, tentaremos não classificar os sujeitos que trazemos para esta dissertação, a fim de vê-los na sua constituição mais subjetiva, múltipla, aberta para a alteridade que unicamente a identidade como roupa, bandeira nacional, pouco frouxa para novos contextos globalizados e tecnológicos.

O caminho da pesquisa é olhar para o sujeito-interagente e sua identidade nacional inicialmente, para entendê-lo subjetivamente, via performance discursiva. Para isso, a teoria da Performatividade se faz presente, já que permite olhar para os múltiplos modos pelos quais nos tornamos brasileiros, por exemplo, e não espanhóis, num processo de iterabilidade e citacionalidade, de repetir, demarcar linguisticamente (iterabilidade) e citar o já posto sócio historicamente (citacionalidade), constituindo-nos como sujeitos de tal lugar, de tal meio social, de tal raça, etnia e sexo. Por isso, a inquietante proposta desta pesquisa é *verificar, via performance, que sujeito é esse que participa dessa experiência do teletandem, o que ele deseja, em termos de identidade quando se mostra e se compara/contrasta com seu parceiro estrangeiro no contexto virtual, autônomo e colaborativo de ensino e aprendizagem de línguas, como o teletandem*. Mais

ainda, como as identidades nacionais se manifestam performativamente em discussões de cultura, economia e política.

Este trabalho objetiva evidenciar os modos pelos quais a interação do teletandem tende a chocar, a fragmentar identidades e a construir novas ou reformulá-las. São estes movimentos (pertencimento nacional e deslocamento subjetivo) que nortearão a concepção dos sujeitos em questão.¹

Por isso, nosso quadro teórico passa pelos estudos de identidade e sujeitos trazidos por Hall (2006), Silva (2013), Bauman (2005) e se encontra com os estudos de Austin (1990), o qual destacou a definição de ato performativo. Este foi aproveitado por Derrida (1991) e Butler (1990) em estudos que foram além da linguagem. Porém, é a filósofa Judith Butler que dará maior sustentação teórica a esta pesquisa com seus estudos sobre a performatividade (Butler, 1990, 1999, 2004). Tal teoria vem dos estudos de gênero, da linguagem, da filosofia, da psicologia, ou seja, é uma área que pensa o sujeito em sua constituição global.

A escolha do Teletandem como espaço da pesquisa se dá, pois este é um contexto virtual, autônomo e colaborativo de aprendizagem de línguas estrangeiras que utiliza os recursos de escrita, voz e imagem de webcam e no qual, pares ajudam um ao outro a aprenderem suas línguas nativas ou línguas de proficiência. Um contexto online de contato intercultural com a língua estrangeira diferente, no qual os alunos produzem interações que auxiliam em sua constituição subjetiva de sujeitos mais globalizados e híbridos.

A metodologia está baseada em Estudo de Caso (Yin, 2014) de três pares de interagentes de teletandem. Será um estudo exploratório, já que parto do que os dados podem me revelar quanto à temática escolhida e não de uma hipótese preestabelecida a ser empiricamente testada em termos de verdadeira ou falsa. Os dados foram retirados de transcrições feitas a pedido do idealizador do projeto. O primeiro par que utilizamos para análise teve sua transcrição feita por uma aluna de graduação com bolsa de iniciação científica, a transcrição do segundo par foi feita por mim e a do último par, por uma doutoranda do grupo de pesquisa. As

¹ Iterabilidade é o fenômeno de repetir ideias na alteração, em outros espaços. Citacionalidade é o fenômeno de citar ideias em contextos diferentes do original.

transcrições estão recortadas, já que utilizarei só as transcrições em português. Do primeiro par, utilizei quatro interações e dos outros dois pares, utilizei as cinco interações estabelecidas pelo projeto. Todas as interações que servem de dados para a pesquisa aconteceram em 2012.

No percurso da pesquisa algumas mudanças aconteceram. Explico-as para que entendam algumas escolhas e a possível falta de mais instrumentos para análise. Inicialmente, a temática do meu estudo estava centrada em estudar as variações entre identidades assumidas e atribuídas (Varghese, 2005), ou seja, a que vem de um processo pessoal, individual e a que vem do meio educacional ao qual estamos inseridos, o quanto do discurso dos “tantos outros” que circulam nesses espaços modificam nossa identidade. Aqui, também tinha o foco na identidade docente, pois pretendia perceber melhor esse ciclo de formação que é tão social e de dependência do outro.

Outro quesito que foi totalmente reformulado foi inserir o contexto do projeto *Teletandem Brasil - línguas estrangeiras para todos* ao novo projeto de mestrado. Em março de 2013 comecei a participar do grupo de pesquisa intitulado “Teletandem: Transculturalidade na interação on-line em línguas estrangeiras por webcam”, na Unesp de Assis, com doutorandas e professores de línguas e educação interessados em ampliar estudos do e com o teletandem.

A temática deste grupo era também a teoria da performatividade que passava a ganhar espaço na área da Linguística Aplicada. Primeiras leituras, pouca compreensão, bastante discussão, certa provocação, mas, sobretudo, receio. Continuei no cronograma inicial, leituras sobre identidades e Vygotski (2007), assim também não me deslocava tanto do que já previamente conhecia. Mas, nas orientações individuais comparava as teorias e, em cada explicação do orientador, mais a performatividade dele me interpelava. Eu precisava entender como nos convencemos e adotamos certas teorias, posturas e práticas através de atos de falas, especificamente da performatividade. Se isso foi acontecendo comigo nas sessões de orientação poderia, também, acontecer nas sessões de interação. Somente não teria como perceber se os interagentes passam a praticar o que os interpelava na troca de conversas e aprendizagem de línguas. Entretanto, queria

perceber, via identidades nacionais, que performatividade estes sujeitos traziam para o contato intercultural online via teletandem. Entender a performatividade do par me faria compreender que tipo de sujeitos participava da experiência do teletandem. Como esse processo de conversação instaura questionamentos que ampliam as identidades nacionais e as subjetividades de cada participante. Como eles podem, em ocasiões oportunas, pensar ou dizer “isso aprendi com meu parceiro no teletandem”. Enfim, com certos ajustes, mudei o enfoque teórico e estou mesmo no processo de deslocar para fazer pertencer esta nova teoria - a *performatividade* (Butler, 2004). Ao pensar em sujeitos que se constituem como interagentes neste espaço específico de ensino e aprendizagem de línguas, os estudos sobre processos de subjetivação e alteridade tomam lugar.

1. Justificativa e relevância do tema da pesquisa

A pesquisa está baseada nos estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas através da tecnologia e de identidades de sujeitos que participam desse processo virtualmente pelo projeto *Teletandem Brasil – línguas estrangeiras para todos*. Talvez enalteça o teletandem, justamente pela inovação que traz em seu bojo: no contexto atual, com rompimento das fronteiras pela globalização e crescente tecnologia, ele promove a troca de línguas e cultura entre parceiros de países diferentes. Ao praticar a língua, com o fim de ensino e aprendizagem, os parceiros negociam turnos de fala que evidenciam performances, no caso deste estudo, de identidades nacionais que ora estão muito sedimentadas (como o próprio processo químico mostra, os elementos = valores mais pesados ficam no fundo do recipiente = sujeito) ora tendem para o deslocamento de seu eixo nacional, ou seja, na discussão temática escolhida pelo par, a identidade nacional toma a cena para evidenciar como estes participantes se chocam, se imbricam, se

interpelam e, muitas vezes, constroem um terceiro elemento, trazido da soma das identidades diferentes do par.

Este estudo pode contribuir não somente para a compreensão de teorias e práticas inovadoras para a formação docente da própria pesquisadora, em nível pessoal/profissional, mas a um leitor curioso pelas questões interculturais e de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Em âmbito coletivo e acadêmico, a pesquisa pode esclarecer que valores de nacionalidade estão sedimentados, já que é por ele (processo de sedimentação) que vemos repetições de valores e ideias padronizados como modelo nacional.

Esta dissertação também pretende mostrar o quanto a globalização e a tecnologia fomentam nossa proximidade cultural e linguística, e mais ainda, como estes fenômenos são importantes para o campo das Ciências Humanas, quando agem na formação subjetiva dos sujeitos que participam dos resultados e/ou avanços destes fenômenos. Ou seja, é visível como estamos realmente no campo da Linguística Aplicada. Usamos a linguagem como instrumento de estudo do sujeito que é concebido através de outras áreas intrinsecamente ligadas, filosofia, história, psicologia.

Pensem como seria estudar um sujeito hoje sem levar em conta suas práticas sociais, políticas, linguísticas e culturais. Quando as consideramos efetivamente, o estudo do contexto sócio histórico é de suma importância porque revela, provavelmente, o porquê de determinadas posturas, escolhas, ou seja, subjetividades.

O trabalho com a tecnologia associado ao ensino de línguas estrangeiras é desafiador, mas mais abrangente para este fim. Percebe-se isso na sala de aula formal e mais ainda no espaço do teletandem, cuja base é a tecnologia computacional. Quem se propõe a participar das interações de teletandem vive uma experiência diferenciada no quesito aprender língua, associado a conhecer outro sujeito e seus modos de pensar. Por isso, o teletandem é um espaço de macro e micropolíticas estabelecidas por um mundo globalizado, portanto, foco de muitas pesquisas.

Para os professores mediadores, a pesquisa pode servir de esboço do que eles usam para seguir sedimentando (padronizando) ideias de nacionalidade, língua, cultura nos momentos de discuti-las com os interagentes em suas sessões. Como tratam as questões identitárias, o quanto delas é aproveitado para ampliar nacionalidades ou reforçar uma sedimentação/ estereótipos que possam circular nas discussões formativas das mediações.

O que se evidencia na prática inovadora do teletandem é a ideia de que não podemos estudar identidades nacionais somente com os estereótipos disseminados pelo mundo. Tais estereótipos são constitutivos dessa nacionalidade, são efeitos de práticas sociais consolidadas. Entretanto, eles não são o todo neste processo. Com a contemporaneidade, novas práticas se instalaram e o contato com sujeitos de nacionalidades diferentes é tão constante que parece não haver tantas diferenças subjetivas e sociais entre estes sujeitos e seus espaços, traços prováveis de hibridismo (Souza, 2004) que pretendemos discutir melhor na análise dos dados.

A proposta da Teoria da Performatividade de Butler (1990) pode ser o caminho mais coerente para os estudos críticos sobre formação de sujeitos. A performatividade traz em seu bojo a amplitude que passou a ser discutida com a proliferação dos estudos sobre discurso, sobre constituição do sujeito pelos inúmeros contextos em que vive, como salientado pela teoria sócio-construtivista e com as relações de poder que Foucault (1996) enaltece atreladas as ideias do *outro* de Bakhtin (2010) para entender nosso estar na sociedade.

Como este *estar* do sujeito está intrinsicamente realizado pela linguagem, a teoria da performatividade se engrandece aí mesmo, toma os atos de fala de Austin (1990), discute, desconstrói, diferencia e percebe que no olhar para os excluídos, os inovadores, uma população minoritária por raça ou gênero, o que se diz se realiza, e quando não se realiza vira motivo de muito estudo como temos visto pelos crescentes trabalhos com o feminismo na literatura e o feminismo e a Teoria Queer nas Ciências Sociais, na voz de Guacira Lopes Louro (Louro, 2014) com o fim de dar voz às comunidades sexuais minoritárias e suas identidades. A valorização da língua indígena nos cursos de pós-graduação da UEMS, já que há

pesquisa in loco da permanência ou não das línguas naturais vistas por lá. Com este enfoque, a UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas também traz como área de estudos linguísticos, a língua indígena. Há no site desta universidade a apresentação da revista LIAMES, cujo papel é divulgar cientificamente as línguas naturais faladas pela sociedade indígena das Américas. A UNICAMP possui uma área específica no Departamento de Linguística, chamada de Língua Indígena.

A presente pesquisa esclarece os dois movimentos do teletandem, em dimensões diferentes, mas esclarece como a mediação neste espaço é ampla e trabalhada nas interações e as interações, instrumento real de troca, confronto e interpelação de sujeitos globalizados. Assim, ampliando essa noção de sujeitos interagentes, poderemos escolher estratégias de trabalho no teletandem capazes de tornar tal modalidade de ensino/aprendizagem virtual de línguas estrangeiras cada vez mais formativa, múltipla e reflexiva quanto aos estereótipos e as questões identitárias.

2. Organização da dissertação

O presente estudo organiza-se em três capítulos, além da introdução, justificativa, relevância do tema e organização da dissertação apresentadas, acima.

O primeiro capítulo é a fundamentação teórica. Este começará com a apresentação e discussão do espaço do teletandem porque é por ele que o estudo se desenvolveu. Portanto, cabe dimensionar este espaço para entender a sequência da pesquisa, os sujeitos que participam deste espaço e suas subjetividades em confronto. A fundamentação teórica está dividida em três itens que estão assim dispostos: o primeiro explora o contexto do teletandem, seu histórico, seus objetivos, a fim de evidenciar seu formato inovador na área de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras por meio do contato intercultural

online via tecnologia VOIP² (voz, texto e imagem de webcam). A relação entre educação e tecnologia foi a base deste projeto daí, o título desse item ser *Educação e tecnologia: teletandem*. Deste, destaco três subitem para elucidar o que aproveitamos do teletandem. No primeiro subitem disserto sobre as interações do teletandem, sessões de uma hora, na qual dois sujeitos se veem e se escutam por meio de imagens de *webcam* e se comunicam segundo os objetivos do teletandem. No segundo subitem, discuto as funções da mediação e qual delas tem maior impacto para as interações analisadas. O terceiro e último subitem do primeiro item da fundamentação teórica deste trabalho é o mais inovador e, possivelmente, o caminho para mais pesquisas. Nele mostro como o teletandem é ponte para outras áreas de estudo, é poroso para uma concepção de sujeitos e educação mais atual, mais concreta e mais profícua. Tal qual a Linguística Aplicada, o teletandem é aplicado uma vez que se torna rede para abranger uma prática com tantos fenômenos e áreas participantes.

O segundo item do primeiro capítulo versa sobre a ideia de *identidades e subjetividades* para compreender a constituição do sujeito que se tornou interagente no espaço do teletandem. Neste momento, questiono o conceito de identidade e o trago como referência ao externo, como a roupa que vestimos, a bandeira nacional matizando características coletivas e comuns. Mas, como isso é superficial para estudar sujeitos, adentro nesta roupa e vejo a necessidade de ampliar as identidades para a porosidade humana que só é sentida, percebida na subjetividade, nos processos de subjetivação. Por isso, o início desse item da fundamentação teórica explicita também esse movimento de ir de fora para dentro, do mais fixo para o mais fragmentado, volátil, vulnerável. Esclareço essas ideias com os estudos de Stuart Hall (2006), Silva (2013) e Coracini (2003) e os estudos de Suely Rolnik no tocante à subjetividades neste contexto globalizado. Para esclarecer os movimentos que evidenciam a identidade nacional, dividimos este item em três. O próximo subitem busca traçar um paralelo entre identidade e pertencimento com as ideias de Zygmunt Bauman (Bauman, 2005) que se aproximam das ideias de Maria José Coracini (Coracini, 2003), organizadas no

² VOIP – Voice Over Internet Protocol

livro *Identidade e discurso*, para buscar um eixo identitário na globalização, na tentativa de sentir-se pertencente à grupos, instituições e funções.

Bauman (2005) traz a ideia de pertencimento para que o indivíduo se constitua como sujeito, ideia necessária para sua concepção de sociedade líquida e contemporânea por outros estudiosos. Por isso, no próximo subitem, trago as ideias, concebidas historicamente, de Hall (2006) e seus seguidores para a ideia de fragmentação, deslocamento de identidades no jogo da globalização e tecnologia que nos aproximam em 360 graus de outros sujeitos que têm as identidades (pessoal/nacional) confrontadas e reformuladas. Este subitem nomeia-se “identidade e deslocamento: os pós-modernos”. Da ideia de identidade trazida pela diferença exploramos a obra de Tomaz Tadeu da Silva, *Identidade e diferença* (Silva, 2013), buscando todo o arcabouço teórico que trata das questões identitárias, conceito e relação com a diferença, ainda no mesmo subitem.

A intenção é trabalhar com estes dois movimentos subjetivos do sujeito, precisar pertencer, mas ao pertencer precisar deslocar-se no sentido de fragmentar ideias sedimentadas, postas e quase intocáveis socialmente. A necessidade de deslocamento é explicada via os processos históricos de manutenção das relações sociais de acordo com eventos grandes como guerras, globalização, ampliação tecnológica, sistema político-econômico. Assim, relaciono estes dois movimentos como constitutivos da performatividade dos sujeitos que aparecem nos dados. Entretanto, acredito que tais movimentos não estejam restritos ao teletandem. Trata-se de processos gerais e recorrentes em todo tipo de comunicação.

No terceiro item do primeiro capítulo, o foco é a Teoria da Performatividade (Butler, 1990, 1999, 2004). A teoria desta filósofa se faz coerente com o olhar subjetivo para a constituição dos sujeitos interagentes. A autora diz que nos tornamos determinados sujeitos pela repetição constante de atos performativos, de falas sedimentadas no social. Entendamos aqui sedimentação desenhada no próprio processo químico de separação de misturas heterogêneas, de deixar no fundo do recipiente/sujeito o que é mais sólido e difícil de dissolver, ou seja, os padrões estabelecidos por cada sociedade, os estereótipos. O processo de repetição de falas padronizadas é chamado de *iterabilidade*

(Derrida, 1991) ou mesmo a citação de falas consagradas – *citacionalidade* (Derrida, 1991) serão processos que utilizaremos para a análise dos dados e marcação de sujeitos mais sedimentados ou mais híbridos, via identidade nacional. Este item se fragmenta em um subitem cujo foco é mostrar o histórico dos atos de fala até a teoria da performatividade. Percurso importante, pois delinea acréscimos de outros pensadores que dão sustentação à Teoria da performatividade.

O segundo capítulo traz a Metodologia e o método utilizados nesta pesquisa. Seus subitens são: paradigma de pesquisa, método, participantes, contexto da pesquisa e organização e procedimentos de coleta e de análise dos dados. A finalidade é contextualizar e explicar que caminhos metodológicos escolhemos para a análise dos dados de forma a não negligenciar o que temos.

O último capítulo traz a análise dos dados. Há a análise de três pares de interagentes, nossos casos, que desenvolveram as interações durante o ano de 2012. A escolha desses pares se deu pela relevância temática e pelo que tínhamos no „banco de dados“. Após a leitura e seleção temática, dividimos as interações por seções que ressaltam a identidade nacional em temáticas específicas. Por isso, temos as seguintes seções: identidades; política; comidas; variação linguística. A proposta de dividir a análise em seções temáticas foi a estratégia escolhida para deixar este capítulo mais didático e atraente, já que o diálogo com o professor e com a prática de ensino de línguas estrangeiras seja, também, um fim nesta dissertação.

Finalizo com os resultados da análise dos dados e as considerações finais.

Capítulo I:

Fundamentação teórica

Este capítulo traz a seleção das teorias que se envolveram nesta dissertação a fim de fazer entender como analisaremos os dados selecionados. Passamos a uma grande polifonia de vozes.

O trajeto do arcabouço teórico começa do espaço diferencial de ensino e aprendizagem de línguas, o teletandem, que traz nas interações a diferença entre pares. Esta marcação da diferença (sou brasileiro e sou cubano) suscitam identidades que nos levam às subjetividades e, assim, à complexidade do sujeito atual. Por isso, começamos com a leitura das obras de Stuart Hall (Hall, 2006), Tomaz Tadeu da Silva (Silva, 2013), Kathryn Woodward (2003), Maria José Coracini (Coracini, 2003) e Zygmunt Bauman (Bauman, 2005) no quesito identidade(s) e sujeitos, na sequência das leituras feitas. Assim o fiz, na busca por consolidar e, efetivamente, refletir que identidades são essas que nos percorrem e que sujeitos temos através destes dados coletados no contexto de contatos interculturais online via teletandem realizados por alunos de línguas estrangeiras. Na percepção dos sujeitos mostrados pelos dados, ampliamos os estudos identitários para os de subjetividade associados à performatividade.

Exposto o espaço da pesquisa e o foco da pesquisa, as identidades (no caso, delimitadas pela nacional), passamos a pensar a teoria da performatividade, as questões linguísticas e filosóficas da linguagem através do caminho de Austin (1990) a Butler (2004) para que a associação entre a primeira ideia de performativo se amplie para a ideia de performatividade que Butler estabelece em 1988 com seu artigo “Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory”, como explicitado por Guacira Lopes Louro em artigo para a revista Cult (Louro, 2014). O que de Butler muito nos interessa é a noção de que *o ato performativo leva à ideia de repetição estilizada, processo que cunhou de iterabilidade, via performance*. Além deste processo, também queremos perceber como o processo de sedimentação e interpelação é dialético com o da iterabilidade/citacionalidade. Neste ponto, também distinguimos e, ao mesmo tempo, unimos a fala ao discurso, num trajeto que ressaltou os atos de fala, já que entendemos que a fala transcrita, alvo de nossas

análises, carrega uma discursividade que contempla a sedimentação e a iterabilidade. Mais abaixo, faço este esclarecimento mais a fundo.

1.1. Educação e tecnologia: teletandem

Parto para entender o espaço no qual as interações e proliferações de contatos transnacionais acontecem, o teletandem. A relação mais importante aqui é a associação da tecnologia para fins educacionais, a fim de melhorar a qualidade da educação, em especial, a educação de línguas estrangeiras planejada e executada por meio do *contato intercultural online* (Telles, 2015, Kramsch, 2014), por uma instituição pública de ensino superior. Este espaço é um projeto que tem duas grandes frentes de trabalho: as interações e as mediações realizadas em laboratórios específicos, adquiridos pelas universidades envolvidas via projeto temático FAPESP – *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos* (Telles, 2006). O foco desta dissertação está nas interações com uma hora de duração e período estipulado pelas universidades conveniadas. É por meio destas interações que veremos como sujeitos “aleatórios” se contatam, expressando suas identidades nacionais através de suas falas. Mesmo com as interações, as mediações também deixarão suas marcas, já que a própria interação pede uma mediação entre os pares e a mediação destes com todo esse contexto tecnológico do teletandem.

A relação entre educação e tecnologia toma espaço para a nossa discussão. O advento da tecnologia, especificamente, o uso da internet associado à informatização de empresas, instituições, escolas e, por isso mesmo, sociedade, abre caminho para o uso tecnológico no meio educacional, inclusive, para o ensino e aprendizagem de línguas, para a visualização mais concreta de culturas e povos e redimensiona a formação do sujeito em nível pessoal e coletivo, no que tange a sua função profissional. Telles (2009), no capítulo 3 “Teletandem: metamorfoses impostas pela tecnologia sobre o ensino de línguas estrangeiras” do

livro *Teletandem: Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para a aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI* contextualiza as mudanças (metamorfoses) advindas do uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras com o uso de tecnologias específicas que instrumentalizam o projeto Teletandem Brasil. Ele aponta os aspectos do ensino de línguas atual que trazem problemas que a tecnologia pode, ao menos, diminuir, como:

“(a) a deficiência da educação de línguas estrangeiras nos países; (b) a qualidade da formação dos professores de línguas estrangeiras; (c) a exclusão social; (d) o isolamento geográfico do Brasil e (e) a importância do desenvolvimento das habilidades orais (produção e compreensão oral) em conjunto com as habilidades de escrita e leitura das línguas estrangeiras”. (p. 66)

Com a constatação das dificuldades percebidas no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e a disseminação das TICs (tecnologias de informação e comunicação), o acesso às línguas tende a ser mais democrático, com aprofundamento nas relações interculturais e interlinguísticas, aprofundando cada vez mais nosso contato e uso das tecnologias em rápida e constante evolução, como salienta o autor. É por este caminho que podemos perceber a fundo os grandes fenômenos sociais e econômicos pelos quais passamos, tal como a globalização. É, também, por esse mesmo caminho que nos apropriamos de valores, através de uma ascendente educação formal tecnologizada, que nos norteia em performances menos sedimentadas e mais críticas.

No tocante ao projeto *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos* os usos do computador, a conversa a distância com comunicação síncrona (ao mesmo tempo) e por meio do Skype ou qualquer outro aplicativo que utilize tecnologia VOIP (Oovoo, Google Hangouts e, mais recentemente, Zoom), o interagente passa a redimensionar seu lugar, sua vivência, sua língua e sua identidade nacional e pessoal, ou seja, sua subjetividade está porosa para novos contatos que surtirão algum efeito em sua constituição e visão de mundo. A grande proposta do projeto é mais que ensinar e aprender línguas. O espaço

autônomo e colaborativo da aprendizagem em tandem (Brammerts, 2003), transposta para o contexto virtual via tecnologia VOIP – o teletandem, sugere o uso da língua por quem quiser e dele puder participar, propondo uma forma de interação mais autônoma de quem participa, inovadora quando comparada à sala de aula formal. No teletandem é o aluno que, sincronicamente, articula, negocia e gerencia sua participação.

A metodologia de uso de línguas no teletandem tem seu histórico na necessidade de comunicação entre sujeitos que queriam aprender determinada língua estrangeira. Por isso, o foco maior do fim de cursos bilíngues na Alemanha, no fim dos anos sessenta, foi a troca de exercícios e conversação entre alunos de diferentes línguas que estavam em contato real (presencial, face-a-face), na mesma sala. Este evento foi chamado de *aprendizagem em tandem*. Levado a Espanha, esta prática que complementava o ensino e aprendizagem de línguas, suscitou novas preocupações e ganhou novos olhares, a prática de ensinar e aprender línguas por nativos de cada uma delas de forma autônoma, sem um “mediador/professor”. Nos anos noventa, criou-se a Rede Internacional de Tandem (International Tandem Network) para definir todo o projeto que se disseminava.

Os estudiosos do processo inicial de tandem foram Brammerts (2002), Estévez Coto et al (1983), Müller, Wertenschlag e Wolf (1989), Rosanelli (1992), Brammerts e Little (1996), Delille e Chichorro (2002), Rost-Roth (1995-5). Eles cuidaram de perceber, via estudos de caso das instituições que passaram a adotar esta forma de trabalho, o que era favorável ou não para o objetivo do projeto, no que implicava os usos de uma língua sem a função padrão do professor de línguas (aulas frontais) e, assim, estruturar seus princípios. Tais princípios constituem o tripé da aprendizagem em tandem. Eles são: 1) não misturar as línguas, 2) reciprocidade e 3) autonomia. Estes são essenciais para garantir que o aluno que participa deste evento teste, desafie-se na língua-alvo, envolva-se no processo de aprendizagem e mesmo aquisição de outra língua. A reciprocidade é o meio de garantir que a tarefa de ensinar-aprender a língua-alvo será dividida, alternada para que o par sinta-se satisfeito neste processo livre e mútuo. O terceiro princípio

é o mais desafiador, pois leva os interagentes a assumir a postura madura de responsabilidade diante do outro pela própria aprendizagem. Este princípio pede que a negociação entre o par seja de mão dupla e coerente com os desejos (objetivos) deles. A negociação passa exclusivamente pela ideia de colaboração, já que essa forma de aprender e ensinar línguas é livre da cobrança profissional, mas não se restringe a um mero bate-papo, descompromissado da continuidade da ação dupla, aprender e ensinar.

Por isso, o tandem guarda o que há de mais produtivo e profícuo para seu principal objetivo, não é tão rígido e burocrático como os espaços pedagógicos institucionalizados para esse fim e nem tão descompromissado e individual como estudos com ou sem professor particular e auto estudo. Ele é inovador e dual.

Telles (2009), no capítulo primeiro “Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa” do livro-guia do projeto *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI* chama a atenção do que também é foco desta pesquisa: como o interagente se porta na função dual que tem? Professor/especialista ou aluno? Estas funções são edificadas por relações de poder que, neste contexto, hão de ser mais investigadas. Telles & Vassallo (2009) dizem:

O participante do tandem é mais competente na língua-alvo de seu parceiro. Tal posição dá a ele o poder normativo de um especialista da língua, principalmente quando se trata de um falante nativo (Paikeday, 1985; Rampton, 1990; Phillipson, 1992; Medgyes, 1994; Kramsch, 1998:79). Seu papel também pode ser considerado como sendo semelhante àquele do professor. No entanto, devido à própria estrutura do tandem, esse papel é diferente porque um parceiro não pode nem exercer um poder institucional sob o outro, nem uma função de avaliador institucional e escolar. Logicamente, isso não significa que o papel do participante no tandem seja neutro no que tange ao uso do poder. De acordo com Foucault (1995:248), acreditamos que as relações, em particular aquelas que são „pouco gerenciadas“, estejam sempre sujeitas aos múltiplos tipos de poder e avaliação e seria ingênuo acreditar que os parceiros de tandem estejam livres deles (Rosanelli, 1992). São necessários, portanto, mais estudos que verifiquem

como o poder é exercido, como é compartilhado e como é negociado entre os parceiros (...)” (p. 30)

É esta relação de poder que se assemelha a performance dos interagentes, foco deste estudo que visa perceber que sujeitos são esses que participam deste evento denominado interação, como participa, como e por quê enuncia o que enuncia e seus efeitos.

Nesta pesquisa tomamos as identidades nacionais como foco para a análise das interações, inicialmente, entendendo e esclarecendo o que são performances na teoria da performatividade. Para futuros estudos, a ideia é seguir com a teoria da performatividade atrelada à Análise do discurso (sem escolhas por suas linhas, ainda) para explicitar melhor essa relação de poder, posição de sujeitos e performatividade. Ainda ressalto que neste aspecto dos interagentes não há grandes distinções entre o formato tandem e teletandem, o que corrobora para a necessidade do estudo. Explico: ainda que não seja o foco deste estudo mensurar o quanto de proficiência ou aprendizado cada interagente conquistou, o quanto buscaram um equilíbrio entre a língua materna e a língua-alvo, a tese mesma é que *performances constituem a prática destes interagentes no espaço do teletandem*.

Explicitado o contexto e conceito do tandem (face a face) cabe recorrer ao histórico do projeto ao qual participo, *Teletandem Brasil – línguas estrangeiras para todos*, já que a proposta da aprendizagem em tandem (face à face) no Brasil teve pouca difusão, por não termos tantos estrangeiros no mesmo espaço como acontece na Europa.

No Brasil, a internet ganha ampla divulgação e uso e o tandem já se adapta a esta ferramenta, daí o e-tandem, cujo foco era trabalhar a língua-alvo por e-mail. Portanto, as competências envolvidas eram leitura e escrita. A competência oral tão necessária no uso de línguas não estava contemplada, mas passou a pedir olhares atentos com a acelerada e nova tecnologia. Surgiram, no início do século XXI, os primeiros aplicativos de mensagem instantâneas (MSN Messenger, Windows Live Messenger, Skype), o que redimensionou o tandem para o atual teletandem e inspirou a implementação do Projeto *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos* (Telles, 2006). Esse formato traz a imagem do par pela

webcam, estabelecendo e motivando a conversação, dando ao aprendiz uma maior sensação de presença ou *telepresença* (Steuer et al., 1995; Vassallo, 2010) do parceiro em virtude de ter sua imagem pela webcam, promovendo um espaço alternativo e/ou complementar de aprendizagem de línguas estrangeiras dentro dos princípios do tandem.

Deste contexto, surgiu o projeto ao qual pertence *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos* (TTB) como programa extensivo do tandem para os alunos da UNESP de Assis e São José do Rio Preto. Os professores Maria Luisa Vassallo e João Telles (Vassallo & Telles, 2006a; Telles & Vassallo, 2006b) vivenciaram a ideia do projeto experimentando, entre si, o tandem face a face por oito meses nas línguas português e italiano. Ambos buscaram, como professores de línguas (e ele, também, de Prática de Ensino de Línguas Estrangeiras), entender uma abordagem de ensino de línguas focada no aluno, amparada pelo sócio-construtivismo vygotskyano e pela visão de língua como ação social (ver Vassallo & Telles, 2008).

Cabe neste momento uma saída do histórico do Teletandem para verificar como este suporte teórico é de suma importância para o campo da educação e atualmente para a educação de línguas. Com a abertura do projeto através da inauguração de laboratórios com fins específicos financiados pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, o teletandem foi contexto para muitas pesquisas de base etnográfica que buscavam amparo na teoria vygotskiana e, ainda pouco, com a teoria complexa e provocadora de Bakhtin como nos trabalhos de Vassallo & Telles, (2008); Funo, (2011, 2015); Salomão (2008); Kfoury-Kaneoya (2009), Costa (2015), Funo (2015) e Zakir (2015).

A professora Maria Luisa Vassallo retornou à Itália e daí ela e João Telles buscaram uma modalidade que mantivesse o tandem que faziam face a face aqui no Brasil. Experimentaram, eles próprios, como aprendizes de português-língua estrangeira e de língua italiana (ver Vassallo & Telles, 2008), o MSN Messenger atualizado pelo Microsoft denominado Windows Live Messenger com possibilidades de salvar textos em pastas compartilhadas, ver fotos, jogar, ouvir

músicas de forma geral e para o projeto: bate-papo (comunicação síncrona), ferramentas para ouvir, falar e ver e a lousa eletrônica. Com os testes necessários, Telles & Vassallo acreditaram no projeto como explicitado em relato no livro *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI* (Telles & Vassallo, 2009):

Após aprender a manusear Windows Live Messenger, experimentamos, nós mesmos, o teletandem, com amigos estrangeiros interessados em aprimorar seus conhecimentos do português ou do italiano. Os resultados foram empolgantes, bem sucedidos, práticos e, sobretudo, de baixo custo. Entendemos que os recursos do Messenger, além de aprimorar as habilidades de audição, escrita e leituras em LE dos nossos alunos poderiam fornecer-lhes o privilégio de poderem interagir visualmente, face a face com seus parceiros, mesmo permanecendo à distância, no Brasil (p.46)

Assim, do tandem para o Teletandem o que muda é o espaço virtual deste último que o aproxima em princípio e objetivos do tandem. Apresento o quadro comparativo entre as modalidades para ressaltar o crescimento da proposta do tandem vinculado à tecnologia mantendo o objetivo de ensinar e aprender línguas.

Quadro 1 – Distinções entre tandem presencial, e-tandem e teletandem (Vassallo & Telles, 2009. p. 49)

De 2006 até o presente, o projeto *Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos* vem acontecendo como projeto de pesquisa do programa de Pós-Graduação em estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de São José do Rio Preto na área de Linguística Aplicada. De antigas, pequenas e mal equipadas *lan houses* ou da casa dos alunos que iniciaram o projeto em Assis (SP), terras longínquas e vermelhas do interior do Estado de São Paulo, aos modernos laboratórios implantados nos campi de Assis e de São José do Rio Preto, fomentados pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, de dois professores sonhadores e idealizadores de línguas estrangeiras para um grande grupo nacional e internacional de pesquisadores e dos convênios com universidades internacionais como Georgetown University, Columbia University, University of Washington - Seattle, University of Miami, Princeton University, University of Hawaii at Manoa (EUA), UNAM – Universidad Nacional de México, Université Charles-de-Gaulle -França (além de muitas outras europeias e norte-americanas) e a divulgação do mesmo pelo site criado em 2006 – www.teletandembrasil.org e as diversas pesquisas que saltaram e saltam deste espaço. Assim o projeto se estende e abarca novos horizontes e vistas, com a participação de vários colaboradores internacionais.

Ainda cabe ressaltar os objetivos do teletandem que somam educação às novas tecnologias, pois

Além de ser um projeto pedagógico e social, que visa ao ensino e à transformação das condições sociais de acesso da população economicamente desprivilegiada às línguas e culturas de outros países, o Teletandem Brasil é um projeto de pesquisa. Ele visa (a) ao aprofundamento da compreensão dos modos pelos quais os parceiros de teletandem fazem uso do computador para aprenderem línguas estrangeiras; (b) ao aprofundamento de nossa compreensão sobre a natureza e os processos de interação intercultural no ambiente virtual de teleconferência e (c) às redefinições no papel do professor de línguas estrangeiras ao trabalhar com o teletandem”. (p. 69)

O projeto associa a tecnologia a um comunicativismo sociointeracionista, explicado por Telles (2009), que considera o interesse e o nível de profundidade da relação do par interagente, promovendo a cada um autonomia e crescimento

linguístico/cultural e, por isso, constituindo-se em um contexto virtual profícuo para educação/formação.

Usar o teletandem e o tandem são formas atualizadas pela tecnologia, no caso do primeiro, e pela mobilidade de receber estrangeiros em universidades do segundo formato, de se aproximar de línguas estrangeiras dentro do espaço acadêmico e do espaço virtual. Através deste contato transcultural online o sujeito se envolve num espaço profícuo para ressignificação dos quesitos: cultura, língua, valores, preconceitos e, no todo, identidades. Portanto é um espaço de interculturais, interlínguas, intersedimentações e também interpelações, uma vez que o teletandem por si só é um instrumento de poder. Quem o pratica, frequentemente, sabe que postura deve tomar ou é desejada, o que para a pesquisa, significa ter uma performance diante do outro e do meio *online* em que estão. Tal performance indica mais que a identidade nacional do interagente, indica os processos de subjetivação que vão (re)construindo os pares de interagentes. A cada nova discussão, cada subjetividade pode ser desconfigurada e reconfigurada, criando uma terceira ideia, uma terceira marca com ingredientes da nacionalidade de um e da nacionalidade do outro. Como isso se dá nas interações, explico sua configuração e constituição, chamando atenção para sua estruturação e acontecimento no próximo subitem.

1.1.1 Interações no Teletandem

A interação que estudamos aqui é realizada no espaço do teletandem. Hoje, em laboratórios das universidades e com dois participantes que formam o par de interagentes. Esta modalidade de interação é bastante concreta e especial se relacionarmos com a ideia de interação proposta por Vygotski, Piaget e Bakhtin como trarei mais abaixo.

Este tipo de interação que se faz com dois sujeitos ganha novas dimensões. Por exemplo, na UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México, quem

deseja participar das interações de teletandem o faz dentro de um centro específico, sem ganhos para nenhuma disciplina de seu curso – *teletandem institucional não-intergrado* (Aranha & Cavalari, 2014). Já na UNESP de São José do Rio Preto, os alunos do curso de Letras devem participar do projeto como horas para estágio e recebem notas pela atividade – *teletandem institucional integrado* (Aranha & Cavalari, 2014). Diferentemente, em Assis, não há obrigatoriedade de participação para os alunos de Letras. Alunos do curso de Letras, por exemplo (mas não exclusivamente), podem desenvolver parte do estágio como monitores no centro de línguas, local do laboratório do teletandem.

Desta maneira, cada local de prática de teletandem fabrica uma espécie de interação. Em todas elas há um espaço livre e maduro para as trocas linguísticas e culturais previstas nas interações com alunos que portam conhecimento linguístico e cultural suficientes para vencer timidez, muitas vezes, e estar com outro desconhecido por semanas estabelecidas. O interagente rompe com o já-estabelecido lugar de aluno e se assume interagente capaz de falar por seu país, inicialmente, como representante nacional. Por essa nova configuração de ensino e aprendizagem na contemporaneidade, os limites de quem aprende e de quem ensina ficam mais equilibrados, mais negociáveis. Não há indisciplina por parte dos interagentes. Há uma disciplina diante do projeto e sua metodologia, por isso, os interagentes seguem as normas produzidas pelos pesquisadores envolvidos e, quando estão bastante envolvidos entre si, vão além do espaço teletandem, escrevem e-mails e combinam outros horários para conversar, possivelmente, aí sim, como um bate-papo informal.

Por isso, ousou dizer que as interações no teletandem produziram uma identidade própria capaz de ser mais flexível diante da contemporaneidade e de seus atravessamentos, se comparadas às interações singelas das salas de aula formal.

Inicialmente, as sessões de interação tinham a proposta de durarem uma hora com a seguinte programação:

- ✓ Conversação de um ou mais tópicos: 30 minutos;

- ✓ Comentários acerca da língua em uso, erros, colocações, dúvidas, anotações: 20 minutos;
- ✓ Reflexão compartilhada sobre a sessão, relato das sensações da interação: 10 minutos

A mesma programação se dá com a inversão da língua, por exemplo, a interação entre um brasileiro e um espanhol, uma hora para o falante da língua espanhola e uma hora para o falante da língua portuguesa.

Agora, a duração é de 30 e 30 minutos para cada língua, sendo que os brasileiros permanecem no laboratório por mais 30 minutos para a sessão de mediação, exigida pelo Centro de Línguas para garantir o bom andamento e qualidade das sessões de teletandem

Rossi (2009) alude à ideia de interação trazida vez primeira por Vygotski e reelaborada para o contexto do teletandem. Nos estudos sobre aprendizagem de línguas, a ideia de interagir (eu - outro) como instrumento de aprendizagem/aquisição tomou espaço com as teorias do desenvolvimento da criança de Vygotski e Piaget. Para a pesquisa a conceituação de interação trazida por Rossi (2009) é clara e diferenciadora,

Por se tratar de um contexto multimedial de aprendizagem, o teletandem pode proporcionar uma experiência de interação específica que se distingue tanto da interação em contextos formais de ensino, em que as atividades tendem a ser mais controladas e simuladas, quanto dos contextos assim chamados naturalísticos (como os de imersão) baseados em comunicação autêntica. Isso porque reúne, ao mesmo tempo, características de meios presenciais de aprendizagem no que diz respeito à oportunidade de comunicação autêntica, e recursos que ampliam as possibilidades de tratamento do significado quando os parceiros estão on-line. (p. 146)

Acredito que a interação seja menos livre de poder hierárquico que a mediação. É como se na mediação tomássemos como certo o que ouvimos do mediador (a depender de cada mediador), porque ele tem a função mesma de fazer refletir, ensinar.

Compreendendo o projeto *Teletandem Brasil – línguas estrangeiras para todos* podemos perceber porque este traz um espaço de pesquisa ímpar na compreensão de sujeitos que constantemente, pelas interações do teletandem, marcam diferenças e, por isso, suas identidades nacionais. Nacionais porque confrontam valores e ideias fixados pela nação da qual vieram ou onde estão, o lugar que lhes pertence por vivências e de onde podem falar com mais segurança.

Como o projeto *Teletandem Brasil- línguas estrangeiras para todos* traz duas linhas de trabalho complementares uma a outra, interação e mediação vamos complementar as interações.

1.1.2. Mediações no Teletandem

A mediação acontece após as interações, com o tempo estipulado de 30 minutos para discussão entre os interagentes e o mediador – instrutor de línguas. Neste momento os aspectos interativos vivenciados nas interações são suscitados para não ser uma simples descrição das interações. O mediador deve estar equipado criticamente para não ser um espaço de relato de experiências, perpetuação de estereótipos e concepção sedimentada do outro, como salientou Telles (2015) em seu artigo *Teletandem and Performativity*. É na mediação que a promoção de ensino e aprendizagem de línguas crítico se constrói.

O projeto idealizou interações entre sujeitos de nacionalidades diferentes a fim de propor ensino e aprendizagem de línguas de forma síncrona através da tecnologia trazida pelo Skype e webcam. Com as interações iniciais, depois de convênios feitos entre a universidade brasileira e as internacionais percebeu-se, através de dados reais feitos por anotações, diários e questionamentos acerca dessa nova modalidade, a necessidade de mediação do que acontecia nas sessões de interação.

As mediações criadas especificamente no contexto do teletandem acontecem após as interações, com duração de meia hora e a participação de um

dos professores da instituição ou doutorandos do programa de pós-graduação em Estudos linguísticos na linha de ensino e aprendizagem de línguas.

Para esta dissertação não tomo as mediações que acontecem na sequência das interações. O que me chama a atenção com os dados analisados são as mediações feitas pelos interagentes em suas sessões de interação. Há dois tipos de mediação além da proposta pelo teletandem.

A primeira, mais individual, depende do sujeito e seu conhecimento tecnológico. A boa mediação dele com o computador, o Skype, a webcam garantem uma boa comunicação entre ele e seu par. Caso haja menos conhecimento, a necessidade de ser assistido pelo mediador estabelecido pelo teletandem é maior.

A segunda forma de mediação é entre o par, esta mediação acontece de forma síncrona, é a forma de perceber que ao interagir tais sujeitos se constituem como interagentes porque estabelecem mediações, o que garante o aproveitamento de ambos. Medeiam-se os turnos, o conteúdo, as expressões, o tempo das interações. E a terceira, explicada acima, feita entre os interagentes e um mediador – orientador dos aspectos vivenciados na interação com tempo marcado.

1.1.3. Teletandem aplicado/antropofágico

Este subitem é o mais arriscado e ao mesmo tempo, o mais acadêmico desta dissertação. Aqui ressaltarei áreas distintas à Linguística Aplicada, caras a ela, que dialogam com o teletandem.

A associação das teorias que se encontram neste estudo aclara o que o contato/choque com o outro provoca, de imediato, neste contexto específico do teletandem - a crise de identidades. Uma vez envolvida nesta reflexão durante a pesquisa de Mestrado, começo a pensar o teletandem como sendo todo deslocamento. Ele desloca o sujeito interagente para outra forma de aprender língua que não a convencional/ normativa e com práticas sedimentadas; desloca o

interagente para instrumentos tecnológicos novos, que passam a ganhar novos espaços e se tornam instrumentos pedagógicos. Nada de caderno nem caneta, tudo se faz pelo computador. Desloca-se o interagente para além do seu lugar físico, há uma viagem virtual em cada interação, sem se distanciar geograficamente. E, mais relevantemente na/para a pesquisa, desloca o interagente sob a perspectiva de sujeito, quem sou eu nesta comunhão de povos, línguas e culturas.

Muito bem. O sujeito, nosso foco, passa a ser analisado num espaço específico de ensino e aprendizagem de línguas. Este espaço propicia seu contato direto com outro sujeito de nacionalidade diferente. Ou seja, a identidade nacional é, pelo menos em parte, norma para a formação desse par, já que o projeto não exige que o falante seja nativo. Por isso, a identidade nacional tende, fortemente, a ser usada como forma de perceber os movimentos de interação dos envolvidos. A identidade nacional será comparada e confrontada (in)conscientemente para tachar assuntos que são específicos para cada sujeito e para cada lugar. Mas, o primeiro choque é que da comparação saem dois movimentos performativos: ora os pares evidenciam um pertencimento quando mostram seus estereótipos ora eles deslocam tais estereótipos construindo outros, reformulando o que aos pares estava pertencente neles.

A ideia de pertencimento não é negativa (explicarei mais abaixo com as ideias de Bauman). Ela pode ser associada aos fenômenos de iterabilidade e citacionalidade cunhados por Derrida, porque só se sente pertencente a um lugar quem passa a sedimentar o que neste lugar é dito, recorrentemente.

Já a ideia de deslocamento vem dos estudos pós-coloniais por sua necessidade histórica. O nomadismo e a miscigenação dos povos que foram colonizados trazem a mesma ideia que percebemos em alguns dados, da relação de dois diferentes sai a “terceira margem”, sai o novo, sai o híbrido. Este híbrido também só pode ser formado pelos contatos globalizados fecundos nos dias atuais. O pertencimento como algo fixo vai sofrendo rachaduras a cada nova ideia lançada pelo outro. Entretanto, o sujeito não consegue se desfazer totalmente de seu pertencimento. Diante de tal fato, a tese que embasa esta pesquisa está no fato

de que a busca por seguir pertencendo continua sendo explicitada em/pelo tom nacional, em meio ao mundo de atravessamentos e encontros globais.

Este é o caminho da pesquisa que solicita olhar movimentos que vão além das marcas de identidade nacional de cada um, o que é maior são os movimentos de subjetivação que *acometem* (escolho este termo para evidenciar que não depende da vontade do sujeito) cada interagente.

Com este novo foco, o dentro do sujeito (subjetividade), fiz uma disciplina que, inicialmente, me lançava à ideia de performatividade de Butler (1990). Com tal ideia, pude aprofundar na dimensão subjetiva do sujeito e conhecer os trabalhos de Deleuze e Guattari e Suely Rolnik, os quais explorei com maior ênfase no próximo tópico.

Da leitura de Rolnik (1997, 2000) percebo como os estudos se inter cruzam. Para isso cito um trecho de seu texto “Toxicômanos de identidade. subjetividade em tempo de globalização” do livro *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades*.

A mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente do contexto geográfico, nacional, cultural (p.19)

Com este trecho entrelaço os movimentos que percorrem esta dissertação tomados pelo contexto da globalização e tecnologia: o deslocamento pulverizando as identidades e, ainda assim, o pertencimento nos kits perfis-padrão. Por isso, Rolnik (2000) traz uma ideia essencialmente artística e apropriada para o nosso contexto de pesquisa. Ela relaciona a ideia de subjetividade de Deleuze e Guattari à ideia de antropofagia proposta por Oswald de Andrade, o qual iniciou os movimentos modernistas no Brasil. É esta associação que salta e reside na vivência do teletandem. Cito-a de seu texto *Ezquizaanálise e Antropofagia* (2000) para estabelecer este movimento antropofágico.

Numa leitura desatenta, a antropofagia pode ser entendida como uma imagem que representaria “o brasileiro”, e que, além de delinear o contorno de uma suposta identidade cultural, teria a ambição de englobar o conjunto tão diversificado de tipos que forma a população deste país. No entanto, o interessante na démarche oswaldiana é justamente um movimento que se desloca dessa busca de uma representação da cultura brasileira, e tenta alcançar o princípio predominante de sua variada produção. Estendido para o domínio da subjetividade, o princípio antropofágico poderia ser assim descrito: engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação (p.2)

Incrível relação: a antropofagia pensada por Rolnik, posta para as subjetividades, reflete a mesma ideia de Bhabha sobre o hibridismo. Hoje acredito que a antropofagia é o processo que leva a instauração de sujeitos híbridos. Como a antropofagia é realizada no contato com o outro, outra cultura, deduzo que o *teletandem é um espaço antropofágico*. É na sua dinâmica de interações e mediações que os pares, normalmente admirados um com o outro porque já se estabeleceram como pares, engolem, assimilam, experimentam e interpelam um ao outro. Ainda que dada interpelação aconteça mediada pelo passado histórico de cada sujeito e as relações de poder e visibilidade de cada nação. Assim, ainda serve para próximos estudos desta linha, ver como e quem o interagente escolhe para “devorar”.

Portanto, o teletandem permite a convergência de várias áreas. Os estudos da sociologia, da psicologia e suas áreas como a psicanálise e a “esquizoanálise”, a filosofia, os estudos da linguagem, da tecnologia estão todos em interação. Resultado da mediação: linguística aplicada, teletandem aplicado.

1.2. Identidades e subjetividades: crises

A disciplina, Formação do Professor de Línguas, feita como aluna especial no Ibilce, com a prof. Dr^a Maria Helena Vieira Abrahão norteou meus questionamentos. Comecei a dimensionar o que era aprender e ensinar línguas, foco da disciplina.

Mais do que resultados o que me provocava era o processo de ensino e o processo de aprendizagem, pensados inicialmente no espaço formal da sala de aula. O termo *heterogêneo* passou a transitar nos espaços educacionais e aí pensei mais ainda sobre tantos sujeitos que compunham uma sala de aula e nas suas personalidades, individualidades que aprendiam em face de uma identidade que ensinava.

Neste mesmo ambiente de alunos e professor, ideais, valores, e histórias de vida se misturavam. Quem ressignificava quem? Foi assim que as questões identitárias tomaram um lugar chave na minha reflexão pessoal/profissional. Acredito que carregava uma concepção de uma identidade fixa, provavelmente com seus estereótipos para poder pertencer a determinados grupos e lugares específicos, como por exemplo, a pedagoga que traz uma identificação muito maior com cores e desenhos e uma fala mais amistosa e carinhosa que a professora do ensino médio, mais direta, expositiva, sem tempo a perder. Com a leitura do livro *Identidade* de Zygmunt Bauman (Bauman, 2005), entendo que mesmo diante de tantas diferenças, buscamos a sensação de pertencimento em redes que nos convergem para pensar de forma mais inclusiva o ser humano num todo. Mas, como este ser humano vem sendo fabricado, visto em suas tantas relações com outros, neste momento atual? O momento atual é chamado por alguns de modernidade tardia (Hall, 2006), sociedade líquida (Bauman, 2005) e pós-modernidade para tantos outros estudiosos das ciências sociais.

Nas primeiras leituras, minha própria identidade como professora de espanhol entrou em crise. A concepção de identidade era trazida como heterogênea, fragmentada, contraditória, incompleta, interminável. Foi com a leitura de Hall (2006) que as mudanças históricas e sociais conseguiram delimitar melhor minhas concepções de identidade.

A leitura da obra organizada por Maria José Coracini (Coracini, 2003), *Identidade e discurso*, trouxe uma aproximação dos estudos sobre identidades com a Linguística Aplicada, revelando eixos de pesquisas sobre a subjetividade de sujeitos bilíngues, a representação que o sujeito-aluno faz de sua língua e da língua-alvo e os discursos que permitem o estudo de identidades e/ou identificações e representações no campo do ensino e aprendizagem de línguas. Coracini (2003) contextualiza que, em face do contexto docente, com tantas perdas (financeira, de prestígio, de respeito e mérito), estudar identidade desse sujeito que é professor e também aprendiz de línguas, atualmente, é buscar estudar a identidade de um sujeito não mais unificado, mas cindido, disperso pelo contexto que o abarca. Para autora e seu grupo de pesquisa *Interdiscursividade e Identidade no Discurso Didático-Pedagógico (Língua Materna e Língua Estrangeira)*, as contribuições da Análise do discurso, da psicanálise e da filosofia servem de suportes teóricos para esse enfoque de pesquisa. Não vamos seguir com a Análise do discurso e a psicanálise neste momento, embora, sejam coerentes com as teorias-âncoras que sustentam esta pesquisa.

Para a pesquisa em si ficam as questões: como pensar essa fragmentação do sujeito, tido como globalizado pelos eventos temporários passados? Quando sua fala é recorrência do passado tradicional? Quando a fala do sujeito mostra marcas de um senso comum significa que é parte da nação que fabricou esse senso comum? Como discutir, nas interações iniciais de teletandem, questões de futebol para brasileiros e de *fast food* para os estadunidenses, canadenses, especificamente? Esta visão estereotipada da nacionalidade do par é parte da performance de um sujeito híbrido ou uma faceta de segurança para não ser avaliado negativamente? Trago aqui a sensação discutida em reuniões do grupo de pesquisa da *recorrência a temas estereotipados* e o *cuidado com a face* que alguns sujeitos têm para sua própria proteção no momento de conhecer, mostrar-se para o outro e, concomitantemente, ser avaliado por ele.

Este item da fundamentação teórica traz concepções de identidade que, acredito, formam o sujeito tal qual o dualismo barroco, ora pertence ora desloca no contexto globalizado e tecnológico de hoje. Mais especificamente, no contexto

da pesquisa, o Teletandem, os sujeitos interagentes discursam sobre o que pertencem a eles como marca de uma identidade nacional. No entanto, já estão fragmentados exatamente por maiores contatos/ encontros com outros sujeitos, próximos na idade, na linha de estudo, no desejo de ampliar conhecimentos e romper barreiras espaciais, mas diferentes em língua, cultura, meio familiar. Por isso, trago a ideia de *pertencimento* de Bauman (2005) e as de *deslocamento* e *fragmentação* de Hall (2006) para o foco maior deste estudo - os sujeitos praticantes de teletandem.

Observar os sujeitos analisados e as perguntas postas acima é perceber que há uma fenda nesta relação. Para costurá-la trago os estudos sobre subjetividades, pois este será capaz de explicar melhor alguns indícios de hibridismo, interpelação nos dados e também as marcas de identidades nacionais retificadas para sustentar o pertencimento nacional de determinado sujeito.

Por que subjetividades? Para Rolnik (2000) ancorada em Deleuze e Guattari, as subjetividades são processos de subjetivação que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante (p.2). Como as conexões se alteram, as subjetividades também são cambiantes. Ou seja, os sujeitos são cambiantes, pois vivificam a experiência da interação do teletandem e, por ela, podem ser interpelados, hibridizados e alterados em sua constituição subjetiva.

Estudar a subjetividade é complexo e nos leva a vários referenciais teóricos. Para o momento, envolvida com a teoria da Performatividade, escolho a esquizoanálise para sustentar a ideia de subjetividade e do teletandem como um espaço antropofágico de subjetividades.

Acredito nesta experiência telecolaborativa porque ao ver todo este percurso teórico nos dados percebo que, ao saltar de identidades nacionais para subjetividades, exalto a singularidade, os atravessamentos de cada sujeito que foi analisado neste estudo. Deste modo, o risco de caracterizar, homogeneizar e fixar interagentes do teletandem será menor, porque fazendo esta ampliação (identidades nacionais para subjetividades), admito as teorias que estudo e pulverizo mais ainda o hibridismo.

1.2.1 Identidade e pertencimento: Bauman

A escolha por este subitem concentra-se na validade dos estudos do sociólogo Zigmunt Bauman. Abaixo, tento apresentar, com mais detalhes, como ele pensa a sensação de pertencimento que todo sujeito busca, sente ou perde.

O que é mais chamativo nas produções de Bauman é associar, questionar teorias aos acontecimentos públicos, históricos. Em programas de televisão e como na própria obra que utilizamos, *Identidade* (Bauman, 2005), o que este autor salienta é que estamos num momento de *sociedade líquida*, instável quanto seus eixos sociais. Este termo de Bauman (2005) se relaciona a ideia de sociedade pós-moderna de Hall (2006). Consequentemente, valores e relações também passam por essa liquidez. Mas, e o pertencimento?

A ideia de pertencimento vem de sua trajetória de vida e dialoga com o que Stuart Hall (2006) demonstra no início de sua obra, quem sou eu num novo espaço. Bauman é judeu polonês e nasceu em 1925. Na Segunda Guerra Mundial, lutou contra o nazismo ao se alistar no Exército Vermelho. Passada a guerra, vai à Varsóvia onde estuda sociologia e aprende a ver/ler os problemas sociais sem ideologias convencionais. O autor busca entender determinado fenômeno pelos contextos sociais, culturais e políticos que o revestem, prática que o aproxima das teorias que nos guiam neste estudo, o que está sedimentado e interpelado em nós (Butler, 1990). Na simbiose teórica, há práticas reguladoras ditas por Butler que identificam ícones nacionais vistos por interagentes. Assim, grande parte da população se sente pertencente a tal lugar porque a performance social foi de levar os sujeitos de cada comunidade a repetir, repetir e repetir atos simbolicamente culturais. A tecnologia, a globalização e a mídia são responsáveis diretas pela repetição e disseminação mais rápidas destes ícones culturais estereotipados e também do deslocamento deles para a construção e/ou revisão de novos.

Bauman (2005) estuda como a globalização causou um estilhaço na ideia de identidade fixa. Seu foco não são as identidades nacionais em si, mas as

identidades que vão se padronizando como, por exemplo, a identidade dos internautas.

É na Introdução do livro/entrevista *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi* (2005) que tiramos a maior contribuição de Bauman às questões de pertencimento e identidades. Vecchi (2005) ressalta o histórico de Bauman para dizer que questionar a identidade não é um dos trabalhos mais aceitáveis hoje, só quando “a política de identidade, portanto, fale a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização” (p. 13).

Os estudiosos do pós-colonialismo acreditam que a identidade seja um processo de redefinição e de inventar e reinventar a própria história. Assim, percebemos a constituição identitária que o sujeito carrega e ou (re)fabrica, busca as bases do passado somadas ao presente globalizado, líquido e com maior libertação e liberação territorial e social. Na compreensão maior sobra a ambivalência da identidade, Vecchi (2005) expõe

(...) a questão da identidade precisa envolver-se mais uma vez com o que realmente é: uma convenção socialmente necessária. Caso contrário, é certo que a política de identidade vai dominar o cenário mundial – um perigo em relação ao qual já tivemos inúmeros sinais de advertência. Em última instância, os vários fundamentalismos religiosos nada mais são do que a transposição da identidade para a política conduzida por cínicos aprendizes de feiticeiro. A trapaça oculta por essa transposição só pode se revelar se você reconstruir a passagem da dimensão individual, que a identidade sempre tem, para a sua codificação como convenção social. (p. 13)

Pensar a identidade foi um mecanismo que Bauman vivenciou quando da mudança para Grã-Bretanha. A sensação de ser diferente do inglês, mas o mesmo como indivíduo, fez Bauman pensar nas comunidades (com suas nacionalidades específicas e formativas) de vivência comum e comunidades com princípios comuns. É pela fragmentação e ampliação da primeira que a segunda ganha mais espaço de discussão e reflexão identitária. Na entrevista (2005), Bauman salienta em relação ao pertencimento e identidade:

Tornamo-nos conscientes de que o „pertencimento“ e a „identidade“ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o „pertencimento“ quanto para a „identidade“ (p. 17)

Assim, Bauman afirma que a identidade não é algo a ser encontrado, vem como uma ficção no momento de crise do pertencimento. Quando barreiras começaram a ser rompidas, a ideia de identidade tomou espaço. Vista como ficção, a identidade carregava o tom argumentativo para ser uma realidade na qual os sujeitos desejariam (ou seriam interpelados a) pertencer. A equação *identidade + sujeitos = Nação/Estado* representa que assumida uma identidade nacional, a ideia de Estado/ Nação estava assegurada. Portanto, a identidade nacional, diferente das outras identidades, criava monopólio e excluía quem não se encaixava, ao mesmo tempo que o discurso nacionalista do Estado, segundo Derrida (1991), era a favor de sedimentações deste monopólio.

É com este olhar histórico-social, entendendo a criação e concepção de identidade nacional que vejo a necessidade da teoria da performatividade para os estudos da identidade (qual seja) e de sujeitos que vestem tais identidades. O interessante é ver que a Linguística Aplicada cada vez mais utiliza os conhecimentos produzidos pelas ciências sociais, procurando entender sujeitos detentores da linguagem que discursam, com mais de uma língua, em contextos de alteridade e tecnologia, espelhando sedimentações, iterabilidades e citacionalidades e mecanismos de interpelação (Butler, 1990), os quais ajustam tais sujeitos às suas esferas nacionais/sociais. Se o histórico da identidade nacional mostrado por Bauman (2005) segue uma política de Estado, a teoria de Butler (1990) também suscita a questão de política, no caso, do feminismo para se pensar uma política de desejos, que rompa com a ideia naturalizada de monopólios e sexo.

O que parece é que quando pensamos em políticas também estamos vendo-as em crise, deslocadas para um novo eixo, com menos domínio e mais

amplitude. Exemplo notório de tal visão é a Teoria *Queer* (Louro, 2014), quiçá, política *queer*, uma vez que visa, ao mostrar com mais ciência, parte da sociedade que estava excluída.

Enfim, é o fenômeno da globalização que abala o poder de Estado e as identidades nacionais. As barreiras geográficas foram ultrapassadas e embaralhadas pela ajuda tecnológica e a união nacional entra em contato com muitas outras nações. É este contato que nos põe materialmente em crise: crise identitária, crise linguística, crise econômica e crise social/política, já que há constantes comparações nas relações de contato. Que língua falar? Como agir, dar a mão ou um beijo, oferecer algo de comer ou como se vestir? Quem sou eu nesse vasto mundo? É por isso, que reafirmo o objetivo da pesquisa: neste profícuo contexto online de intercâmbio de trocas linguísticas e culturais (e também já constituído como um amplo contexto de pesquisa), como as subjetividades aparecem, ficam nas interações? No intercâmbio com o outro, o que permanece (sedimentado) de valores e culturas e o que é característico de um sujeito fragmentado e híbrido via suas performances nas interações de teletandem? São essas questões que este estudo pretende tocar, contribuindo para compreender os sujeitos que desejam, aprendem e ensinam línguas. Ao entender subjetivamente tais sujeitos, os professores mediadores deste espaço de teletandem que, em sua maioria, também são futuros professores, em processo de formação, podem tratar questões de língua e cultura sem tantas sedimentações.

Bauman (2005) demarca o histórico social de sujeitos frente à sociedade e seu poder constitutivo. Agimos performativamente interpelados pelo discurso sedimentado do poder, poder do Estado, das instituições maiores que ditam normativas, inclusive dos pais que, historicamente, citam e repetem discursos (tardios) formativos de gênero e, mais ainda, de nacionalidade e de cultura para fazer esse sujeito pertencer a tal sociedade. Mas, com todo o percurso de hoje, o pertencimento é menos necessário que a necessidade de abertura ao global, ao

novo, a saber novas e mais línguas, efeito mesmo da globalização³. Por isso, Bauman (2005) diz que “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria um presságio de incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo” (p. 60). Daí, a associação com as ideias de Stuart Hall das quais oferecemos um breve panorama, a seguir.

Em suma, o que desejamos ressaltar das ideias de Bauman (2005) é a ambivalência da identidade, sua essência dual de “devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado” (p. 84), daí o título deste estudo: *pertencer e deslocar virtualmente: Teletandem como espaço antropofágico*.

1.2.2 Identidade e deslocamento: os pós-modernos

Stuart Hall em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (Hall, 2006) diz que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado” (p.7). Por isso, o autor elenca três concepções de identidade atreladas às mudanças que o sujeito passou na história. A identidade do *sujeito do Iluminismo*: o sujeito centrado, racional desde o nascimento, com a identidade demarcada na pessoa, por isso, mais individualista e masculina. No século XIX, o sujeito que está vivenciando a complexidade da modernidade, passa a ter seu centro na associação com os outros que o rodeiam, ou seja, passa a ser um *sujeito sociológico* e a concepção de identidade e do eu passa a ser interativa. É neste momento que a identidade costura o sujeito à estrutura social e, por isso mesmo, com as alterações sociais os sujeitos se alteram e alteram também suas identidades. A terceira concepção é a

³ Fenômeno de quebra de barreiras geográficas a fim de construir um mercado comum. Além da contribuição econômica, este fenômeno contribui para quebra de barreiras sociais e linguísticas, favorecendo uma aproximação entre povos.

de *sujeito pós-moderno*, entendendo que a identidade é definida historicamente e não biologicamente, por isso, a possibilidade de infinitas identificações temporárias ou não com o contato mais abrangente com mais culturas. O termo pós-moderno, para ele, fica atrelado à História, ou seja, remete ao agora, à atualidade no fluxo histórico. A escolha é localizar nosso estudo na atualidade globalizada, já que este fenômeno somado às tecnologias, de fato, são relevantes para a pesquisa. Por isso, nossa citacionalidade será com *sujeitos globalizados* e, híbridos, pelo que pudemos verificar nos dados.

Assim, a identidade perde seu eixo, não temos mais uma identidade fixa, permanente e essencial, passamos a ter *identidades* (no plural). Isso se dá porque passamos de uma recorrência ao tradicional, à sociedade tradicional, uma sociedade que, na aproximação com muitas culturas, passa a ter um número maior de mudanças em pouco tempo e a trabalhar socialmente de forma mais reflexiva. Exemplo disso é a voz da mulher que passa a constituir uma linha teórico-científica, os escritos feministas.

Laclau (2006) nomeia por *deslocamento* esse processo de fragmentação das identidades, no capítulo de abertura, escrito por Kathryn Woodward, da obra organizada por Silva (2013) *Identidade e diferença*. Laclau apresenta que “as sociedades modernas (...) não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades fixas, mas, em vez disso, uma pluralidade de centros. Houve um deslocamento dos centros” (p.29) e, conseqüentemente, uma variedade de sujeitos.

Nesta simbiose sujeito – transformações histórico-sociais – identidades, Hall (2006) estabelece um percurso teórico com os estudiosos do assunto. Sigmund Schlomo Freud (1991) estuda o inconsciente desse sujeito, entendendo que a subjetividade é produto de processos inconscientes diferente das interações conscientes. Já para Jacques Lacan (1977b), a identidade é formada, é processo, por isso, é identificação e está estruturada como a língua. Já para Michel Foucault (1970), fechando a linha psicológica e parafraseando Hall (2006) com esta explicação, a identidade se manifesta associada à regulação de populações e do indivíduo/corpo, ao poder disciplinar. Foucault salienta que a cultura nacional

produz sentido de nação por sua memória histórica e é por ela que os sujeitos se identificam e constroem identidades, fato notório nas transcrições dos interagentes do teletandem, como mostrarei em minha análise dos dados. Hall ainda afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (Hall, 2006: 49), mais do que a representação pela troca de língua e cultura.

Outro ponto imprescindível é analisar a *identidade pela diferença*. É no contraste do par da interação em teletandem que esta se manifesta em nível de nacionalidade (ver Telles, 2015). Hall acrescenta ainda que “as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela „diferença“, elas são atravessadas por diferenças, divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito – isto é - identidades para os indivíduos” (p.17). É por esta concepção que buscamos a performatividade dos sujeitos. Silva (2013) ressalta em seu livro *Identidade e diferença* (2013) que

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades de gêneros (GLEDHILL, 1997; Nixon, 1997). Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o „novo homem“ das décadas de 1980 e 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para o nosso uso. A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular – o adolescente „esperto“, o trabalhador em ascensão ou a mãe sensível” (p.18)

Para a pesquisa em questão não é a mídia em si que dita a posição de sujeito que deve ocupar, mas sim a instituição ao qual pertence que mobilizou o acontecimento do projeto Teletandem. Assim, o aluno deseja participar das interações em teletandem, está interpelado a isso, posiciona-se de forma esperada por quem o organiza e discursivamente evidencia essa posição-de-sujeito.

No que toca à diferença, Woodward (2013) elucida-a de forma didática,

Essa história (dos sérvios e croatas) mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. [...] A identidade é, assim, marcada pela diferença” (p.9)

Mesmo marcada pela diferença, é esta que vem primeiro porque é o próprio processo de produzir identidades. Por isso, elas são inseparáveis, criações sociais e culturais e não são naturais, caracterização que se associa às premissas de Butler (2004) sobre a identidade de gênero.

Mais adiante, em sua leitura, Silva (2013) esmiúça um pouco mais sobre essa questão quando diz “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, como vimos no exemplo da Bósnia, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre „nós” e „eles”” (p.42). A ideia de par binário remete a dicotomia de identidades nacionais diferentes, que tendem a se chocar nas interações e, conseqüentemente, a se multiplicar, a se tornar identidades mais plurais, mais híbridas.

No entanto, questiono: será que tais identidades também não tendem a se aproximar mais, tanto pelo processo da globalização como pela tecnologia crescente que nos aproxima, em segundos, de um espaço distanciado, voltando a um eixo, a uma identidade mais global? Parece que sim, em termos. Como a diferença elenca pares binários fica difícil esta possibilidade, mas com os processos sociais destacados (o avanço tecnológico e a globalização) a identidade nacional tende a ser sedimentada, mas os desejos dos sujeitos de hoje começam a se aproximar e assim, a se deslocar do eixo fixo existente. Nas transcrições analisadas “parece” não haver marginalização por raça, sexo e classe social. Estes aspectos são suscitados a fim de compreender o contexto do qual o par vem para a interação em teletandem e enuncia.

Interessante como esta diferença que estabelece identidades nacionais é chocada com o fenômeno da globalização, pois

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade” (SILVA, 2013: 21)

A própria migração tem como um de seus resultados identidades plurais e também contestadas por ser consequência de desigualdades. Fato que pode se associar ao processo de interação do teletandem, um par contesta sua identidade em choque com outra, revendo sua língua e principalmente cultura, tornando-a plural. Silva (2013) também afirma que quem participa dessa mudança, fragmentação de identidades de forma consciente também reconstrói identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. Associo tal processo de reconstrução à ideia de *interpelação* de Louis Althusser e disso, a *sedimentação* que Butler (2004) nos traz. É este passado comum que dissemina valores, atitudes e muitas vezes leva a uma fala comum (performatividade) e a estereótipos, processo de sedimentar o que é mais denso.

Ao mesmo tempo, Gregolin (2007) em seu artigo *Identidade: objeto ainda não identificado?* nos atenta a pensar que essa mesma globalização

[...] traz problemas para as identidades pois os marcos divisórios (territoriais, nacionais, de gênero et.) são cancelados e as biografias tornam-se quebra-cabeças de soluções difíceis e mutáveis. A identidade nacional, por exemplo, era medida pela proximidade geográfica (onde um sujeito nasceu). O alargamento do espaço de co-habitação começou a criar problemas de identidade. Como definir o que é „nacionalidade“? Ela é uma ficção, não foi naturalmente gestada e incubada na experiência humana, mas sim agenciada pelo Estado moderno, para produzir união e coesão na diversidade. Ela se baseia na exclusão e na lealdade. Assim, a „nação“ é uma comunidade imaginada que se tornou „natural“. (s.p.)

A questão do agenciamento da identidade nacional se aproxima da ideia de performatividade e também de pertencimento à sociedade. Este processo de

nacionalização é evidenciado pelos recursos de sedimentação, iterabilidade e citacionalidade que veremos na próxima seção com a teoria da performatividade de Judith Butler.

1.3 Teoria da Performatividade

Esboçado o nascimento da ideia de performatividade percorro o caminho que Butler (2004) fez para chegar a sua Teoria da Performatividade. Butler (2004) se associa muito mais à leitura que Derrida (Derrida, 1991) fez das ideias de Austin (1990).

Louis Althusser, como evidenciado por Roselaine Bolognesi em entrevista para a revista *Filosofia* (Bolognesi, 2014), trabalhou com a teoria da subjetividade no paradigma marxista, com contribuições da psicanálise e da linguística estrutural, redimensionando o materialismo marxista e a ideia de ideologia. Para a autora, a ideologia reproduz as relações sociais porque é um sistema de representação e os indivíduos estão *interpelados* a ela, processo que Althusser (1971) chamou de *formações ideológicas*. Assim, ao se reconhecer por sujeito - „sim, esse sou eu“, o indivíduo é *recrutado* para ocupar determinadas posições-de-sujeito.

Derrida (1991) também esclarece que nesse jogo identidade x diferença o poder tem função primordial. É por ele que os sujeitos se sentem pertencentes ou não a determinados grupos e ambientes. O processo de sentir-se pertencer a uma identidade se dá pela possibilidade de *repetição de um ato linguístico*, essa *repetibilidade* da linguagem com mudanças de sentido, seja por fala ou escrita, nomeia o que ele chamou de *iterabilidade*. E também pelo processo de *citacionalidade*, movimento de citar palavras em outros contextos, como se recortássemos e colássemos uma expressão em diversos contextos, como se estivéssemos citando-o.

Ele diz que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2013: 91). Para Butler, a ideia de representação deve ser repensada para „tornar-se“, por isso,

Segundo Judith Butler (1990), a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas. A repetição pode ser interrompida. A repetição pode ser questionada e contestada. É nessa interrupção que residem as possibilidades de instauração de identidades que não representem simplesmente a reprodução das relações de poder existentes. É essa possibilidade de interromper o processo de „recorte e colagem“ que caracteriza os atos performativos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades. (Silva, 2013:95)

Antes de diferenciar o jogo *representação x performatividade*, cabe algumas citações ímpares para entender todo o trajeto teórico da pesquisa. No terceiro capítulo do livro *Diferença e Identidade*, Hall (2013) demarca este jogo, sem diferenciá-lo a fundo.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver tanto com as questões „quem nós somos“ ou „de onde nós viemos“, mas muito mais com as questões „quem nós podemos nos tornar“, „como nós temos sido representados“ e „como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios“ (...) É precisamente porque as identidades são construídas dentro e fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (p. 108-9)

Hall (2006) conceitua identidade, dentro de sua posição de sujeito, e esta é bastante pertinente à pesquisa desta dissertação. Segundo ele,

Utilizo o termo „identidade“ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos „interpelar“, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode „falar“. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (Hall, 1995: 112)

Hall (2006) também evidencia no seu quadro teórico as inserções foucaultianas sobre sujeito e poder que levam a uma teoria de como os indivíduos ocupam seus lugares por meio dos discursos. Mas, essa teoria ainda não contempla a constituição do sujeito, mesmo com sua fenomenologia discursiva e com a genealogia das tecnologias do eu. É com a filósofa Judith Butler que esta lacuna é, discutivelmente, sanada.

Butler lança em 1990 sua obra mais conhecida, *Problemas de gênero-feminismo e subversão da identidade (Gender Trouble)* com a ideia mor de questionar *o que é gênero*. Seu histórico de rebeldia às normas a levou a vários questionamentos sobre sexo e gênero. Mais velha, torna-se uma das autoras fundamentais da *Teoria Queer* quando questiona a sensação de naturalização das categorias de mulher e homossexual, a partir das políticas identitárias dos anos 70 e 80. Ela afirma que a identidade sexual não é algo natural nem dado, mas sim o resultado de práticas discursivas do gênero. Por isso, o gênero é o *efeito performativo de atos linguísticos reiterados*, sem uma essência. É dessa ideia pensada por muito tempo e associada a célebre ideia de Simone de Beauvoir, „ninguém nasce mulher: torna-se mulher“, que Butler esclarece sua teoria: não nascemos nada, nos tornamos por essa repetição de atos linguísticos ancorados no histórico-social (iterabilidade e citacionalidade). Hall, em Silva (2013), interpreta-a com suas associações teóricas assim

Butler apresenta, aqui, o convincente argumento de que todas as identidades funcionam por meio da exclusão, por meio da construção discursiva de um exterior constitutivo e da produção de sujeitos abjetos e marginalizados, aparentemente fora do campo do simbólico, do representável. (p. 129)

Entendo aqui a ideia de exclusão com a da diferença, na formação do par binário de oposição e a de sujeitos abjetos e marginalizados pelo seu percurso pessoal e intelectual de filiação ao feminismo e, conseqüentemente, à *Teoria Queer*. Por isso, Butler entende que há limites necessários para a política de identidade, sugerindo em sua obra *Problemas de gênero* (1993:105) os seguintes limites:

Neste sentido, as identificações pertencem ao imaginário; elas são esforços fantasmáticos de alinhamento, de lealdade, de coabitações ambíguas e intercorporais. Elas desestabilizam o eu; elas constituem a estruturação presente da alteridade, contida na formulação mesma do eu. As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstituídas e, como tal, estão sujeitas à lógica volátil da iterabilidade. Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado e, ocasionalmente, obrigado a capitular. (p.130)

Cabe explicitar que, nesta dissertação, nosso foco são as *identidades nacionais* e, como o gênero, tais identidades não são naturais nem essenciais, mas sim produzidas discursivamente. No artigo de Luciana Parisi, *As aventuras do sexo [The adventure of a sex]* (Parisi, 2009), há uma clara definição da performatividade de Butler. Para Parisi, a performatividade não é nem intencional nem apenas arbitrária. A historicidade específica de discursos determina seu poder de transformar em atos o que os discursos nomeiam. Exemplo dessa prática é o discurso em torno do nascimento de uma menina. Compra-se um enxoval todo nos tons de amarelo, rosa e, repetidas vezes, ouve-se e fala-se sobre o que ela precisa ter: brinco, pulseira, enfeites no cabelo. Distinção estabelecida discursivamente do menino.

É essa repetição de falas e sinais dentro de uma grade de poder que determina posições sociais dentro também de suas restrições ideológico-sociais. Este movimento leva a uma normalização e conseqüentemente, sedimentação carregada no processo de crescimento dessa menina, como no exemplo.

Antes de nos atermos ao porquê do termo performatividade, vale esclarecer um ponto. Hall (2006) e Silva (2013) acreditam que a representação estabelece identidades, porque é por meio dos significados produzidos por ela que damos sentido a quem somos. Entretanto, acredito que não é só pela representação, mas sim por uma atuação chamada de *performance*, a qual está sedimentada socialmente por sujeitos interpelados a ser e fazer o que se normatiza. Esta performance entra em contato com outras, quebrando paradigma, cultura, valores e línguas. Refiro-me a performances que entram em choque, em crise para uma nova formação, reformulação, inovação de suas identidades. Embora Louro (2013) trate especificamente de gêneros enquanto, nesta dissertação, trato de identidades nacionais no contexto específico de teletandem, é conveniente trazer o que a autora reflete sobre esses processos (formação, reformulação, inovação de identidades):

(...) [os desvios] a depender das circunstâncias em que acontecem, a depender de sua extensão ou intensidade, costumam implicar em danos simbólicos e físicos, morais e sociais. As falhas e desvios podem, por outro lado, se constituir em oportunidade para reconstruções subversivas da identidade; podem até mesmo, aposta Butler, se prestar a uma política de resignificação dos gêneros. (p.34)

No artigo/dossiê de Louro (2013), a autora traz a escolha do olhar derridiano para a performatividade em relação à Searle

A questão entre Searle e Derrida pode ser sintetizada (a custo da profundidade necessária para discuti-la) como uma diferença de projeto filosófico: enquanto Searle procura dar continuidade a obra de Austin nos moldes do valor de verdade proposicional (aquele mesmo que Austin ironiza sem hesitação em seus textos), Derrida procura enfatizar a originalidade antilogicista do texto de Austin. (p.36)

Quanto aos processos de iterabilidade e citacionalidade, Derrida (1991) afirma que estes são constitutivos do signo linguístico, por isso, os atos de fala retiram sua força de tal constituição. A repetição de um mesmo signo em vários

contextos caracteriza a *iterabilidade*. Por sua vez, a citação de um mesmo signo, deslocada de sua origem para outros contextos, produzindo significado, caracteriza a *citacionalidade*. São essas propriedades que Butler (2004) utiliza para defender a ideia do ato performativo como constitutivo do gênero, do corpo e das normas, para nós, das identidades nacionais. Para Butler, nas palavras de Louro (2013), “a produção do sujeito como origem dos efeitos discursivos é uma consequência da *citacionalidade dissimulada*” (p.37, minha ênfase). Dissimulada, como citado, pode indicar uma citacionalidade forjada pelas forças de Estado que precisam uniformizar-se, normalizando nação, língua e cultura e, conseqüentemente, a performance de seus sujeitos.

A ideia de performance como uma atuação teatral é disseminada quando Butler visualiza uma *drag* em contexto gay com uma prática de normas heterossexuais. Entretanto, Butler contesta e afirma que esse olhar é mínimo diante da ideia toda de performatividade. Com a leitura do prólogo de seu livro *Lenguaje, poder e identidad*, em espanhol, feito por Javier Sáez e Beatriz Preciado, Butler (2004) esclarece que os termos “maricón” e “bollera” (gay e lésbica) são *invocações ritualizadas que produzem posições de identidade*. Por isso, ela acredita que os pronunciamentos, desde a gravidez até os insultos relacionados à sexualidade, não são enunciados constativos, pois não descrevem. São, sim, *enunciados performativos*, porque são citações, invocações ritualizadas de uma normatividade social posta.

Butler (2004) explicita o poder que a linguagem tem em nós porque somos seres linguísticos e analisa que, no seu campo de pesquisa da Teoria Queer,

O problema da linguagem da injúria suscita a questão de quais são as palavras que ferem, quais representações ofendem, fazendo com que nos concentremos naquelas partes da linguagem que são pronunciadas, pronunciáveis, explícitas. E, no entanto, o prejuízo linguístico parece ser o efeito não somente das palavras que se referem além de si, mas também do tipo de elocução, de estilo – uma disposição ou um comportamento convencional – que interpela e constitui um sujeito. (minha tradução, p.17)

Assim, Butler vai esclarecendo sua relação com a linguagem. Esta vem demarcada na performatividade dos sujeitos que, ao se diferenciarem nacionalmente, no caso desta dissertação, e em gênero para os estudos de Butler (2004), estabelecem identidades.

É na busca de ver como a produção de identidades nacionais acontece nas interações que recorremos aos processos que englobam a performatividade. Entram em jogo os processos de citacionalidade e iterabilidade como formas de sedimentação de discursos que interpelam seus usuários.

Para a maior compreensão destes processos, trago a figura a seguir (que elaborei para este espaço) ilustrativa do processo químico de sedimentação, feito em laboratório, com a finalidade de separar elementos sólidos de outros menos sólidos. Para a interpretação de Derrida (1991), os elementos são os valores ditados pela sociedade via linguagem. Portanto, o que fica no fundo, são os valores mais fortes, mais duros de quebrar, os possíveis estereótipos. O que flutua, fica mais próxima da superfície, mais fácil de se misturar com ar e outros elementos são as expectativas híbridas de novos conhecimentos. Os copos podem indicar os sujeitos. No seu processo de crescimento, recebe muitos conhecimentos - as bolhas da figura abaixo, e durante esse processo, sedimenta o que é valor indissolúvel, fortemente constitutivo de dada sociedade.

O problema é que, ao mesmo tempo, esses valores também são excludentes; por isso, a revisão da política identitária trazida por Judith Butler.



Figura 1: Ilustração do processo de sedimentação utilizado na dissertação

É com este aparato teórico que vislumbramos os dados dos pares em interações de teletandem. A troca de turnos feita por sujeitos que, a todo momento, têm uma performance diante, inicialmente, de um outro que constitui um lugar de poder, por isso, também uma posição específica de sujeito. É nesta posição de interagente e estrangeiro que as performances surgem para fabricar novas identidades. E todo este processo, bastante antropofágico, envolve, desloca e reformula subjetividades.

Portanto, a teoria de Butler permite a manutenção da política de identidade. A afirmação de si mesmo como este ou aquele sujeito exigindo reconhecimento é necessária para o sistema social e, ao mesmo tempo, introduz uma dinâmica necessária ao sistema. A diferença que marca a identidade deve ser iterativa.

É por isso que buscamos nos dados das interações analisadas a marcação identitária, no caso, a identidade nacional porque é por ela que os sujeitos se afirmam inicialmente. É o movimento de pertencer a determinado espaço que o constitui dentro deste espaço social e o faz enunciar de acordo com ele. O que percebemos com a prática de teletandem é um sujeito que marca sua nacionalidade, mas busca mais, ele está interpelado a novos horizontes, porque a performatividade mais adequada a seu contexto remete ao voo antropofágico, deixando-o híbrido.

1.3.1 Atos de Fala: o nascimento da performatividade

Nesta seção, apresento o histórico do performativo. Ele vem das contribuições teóricas do filósofo estadunidense John Langshaw Austin (1962), pertencente à escola de Oxford. Esta inicia vários questionamentos em torno da linguagem e da filosofia analítica. No início dos anos 50, Austin, Chomsky e Benveniste lançam suas ideias no cenário do pós-guerra. Austin (1962) se detém aos atos de fala e Benveniste (1963) centraliza seus estudos na semântica.

Benveniste está, na França, acompanhado dos trabalhos de Foucault, Derrida e Lacan. Não à toa, a produção de todos eles desemboca nos estudos pós-estruturalistas sobre linguagem.

Austin desejou estudar o funcionamento da linguagem que privilegiasse a filosofia. Desejou buscar nas dificuldades de expressão e compreensão de palavras e frases o sentido de quando estas são produzidas. Por isso, de forma inédita, Austin tem um impacto sobre a linguística e sobre a filosofia com seus conceitos de *atos de fala* - com ênfase no *performativo* e no *ilocucionário*. Sua filiação e inovação estão associadas a uma filosofia e uma linguística com menor influência das ciências exatas, ampliando seus contornos para as humanidades clássicas. Sua forma surpreendente e inovadora reside exatamente em, segundo o artigo de Paulo Ottoni (2002), *John Langshaw e a visão performativa da linguagem*

A maneira aparentemente divertida (fun) com que procurou analisar e questionar a linguagem ordinária é seu principal valor. Suas „técnicas“ são construídas juntamente com suas descobertas teóricas; quero dizer que o modo de enfrentar, discutir o funcionamento da linguagem é de tal forma „descompromissado“ com uma qualquer teoria que o seu „procedimento filosófico“, até certo ponto comprometido com suas „técnicas“, vai obrigá-lo a retornar e produzir gradativamente uma nova visão da linguagem, a que ele próprio está analisando. (p.123)

Em seu artigo, Ottoni (2002) dimensiona toda a vida e obra de Austin a fim de tentar aclarar a fusão dos procedimentos filosóficos e de sua técnica de análise da linguagem ordinária. Segundo Ottoni (2002), Austin destaca que a linguagem não pode ser só descritiva, há ações, circunstâncias que praticamos via linguagem, sem ter que descrevê-las. Nas suas palavras,

Podemos dizer que, na visão performativa, há inevitavelmente uma fusão do sujeito e do seu objeto, a fala; por isso, as dificuldades de uma análise empírica em torno do performativo; além disso, conceber o performativo como um objeto de análise linguística independente de uma concepção de sujeito está fadado, neste caso, ao fracasso. (p. 126)

Austin trabalha com o performativo para denominar toda a fala humana e isso gera algumas tensões no tocante a diferenciá-los do que chamou de *constativo*. Segundo Ottoni, a ideia de verdadeiro e falso não se engendra na superfície dos performativos, enquanto a relação com o mundo, as circunstâncias de adequação são bastante pertinentes aos performativos. E diz

É interessante observar de que modo a questão da referência, da relação linguagem-mundo, está presente na sua afirmação. Nos enunciados constativos há, „filosoficamente“, um tipo de referência; já nos enunciados performativos, esta mesma noção „filosófica“ não pode ser aplicada, porque estes últimos, segundo ele, realizam uma ação, e aqui a referência é de outro tipo. Este performativo poderá ser feliz se for realizada a ação pretendida, será infeliz se esta ação não se realizar. (p. 128)

Esta afirmação converge à ideia de performativo mascarado, pois nem sempre o enunciado trará a primeira pessoa ou será conveniente para a circunstância do contexto. Ou seja, o sujeito enuncia utilizando-se de seu objeto chave, a fala, para dizer sobre o mundo e *fazer algo nele*, característica mor do performativo. Mas nesse tocante, a diferença entre performativo e constativo diminui, quase se apaga para Austin, mas cai na crítica de Benveniste. Para este, os enunciados performativos servem de exemplo para sua teoria da subjetividade da linguagem, ou seja, não é a base teórica para uma nova visão de linguagem como fez Austin. Na tentativa de desfazer um pouco o emaranhado de críticas que aparecem sobre este assunto, Ottoni (2002) propõe que o que falta para esclarecer as ideias de Austin (as quais ficaram abertas por opção dele mesmo e por falta de tempo para seguir nas pesquisas devido sua morte) é a visão performativa. Resumidamente, a ideia é “há o performativo que é o fenômeno central, seguido de um desdobramento através do ilocucionário e, finalmente, o ato de fala total como algo a ser desvendado” (Ottoni, 2002:133). Na visão performativa o que fica em evidência é a relação eu-sujeito com o *uptake* (a apreensão do que se enuncia, necessário para se distinguir ato ilocucionário de ato perlocucionário), configurando as ideias de referência e intencionalidade. Vale as próprias palavras de Ottoni nesta teorização:

O „eu“ aparece nas reflexões austinianas como uma „entidade extralinguística“, isto é, um sujeito que pode empiricamente casar, batizar um navio, etc., realizando um ato de fala, mas somente se for o sujeito adequado a isto; o ato em si, de fala, não é ele sozinho suficiente para realizar esta ação. Em seguida, este „eu“ passa a se fundir com a linguagem, a fazer parte integrante dela. O „eu“, expresso através do pronome sujeito do presente do indicativo, ao falar, realiza uma ação por intermédio do ato de fala; este „eu“ é agora qualquer sujeito do mundo. Para Austin, qualquer enunciado tem implicitamente um sujeito, um „eu“ que produz a fala; o significado depende do sujeito e do momento da enunciação. Austin parte de um „eu“ com a linguagem e chega a um „eu“ na linguagem e „da“ linguagem. O „eu“ não tem sozinho o domínio da significação: ele se constitui no momento de sua enunciação, na interlocução. Para este „controle“ do significado, Austin utiliza o conceito de uptake. O „eu“ não deve mais ser confundido com o „sujeito“ falante empírico, uma vez que é só através do uptake que se constitui o „sujeito“. (p.134)

Por isso é tão fascinante observar a interação feita por falas e imagens nas interações online em teletandem, como são produzidas estas falas, enunciadas, remete exatamente a essa ideia de *uptake*. Não há um controle senão pelo *uptake*, ou seja, ele é condição para qualquer interação acontecer. É por intermédio mesmo do outro, do parceiro, que a fala, constitutiva do sujeito é ampliada para discurso, possibilitando o encontro de identidades, culturas e línguas.

Ottoni (2002) reexplica sua visão para ressaltar a contribuição dos estudos austinianos da relação sujeito-linguagem. “Dito de outro modo, numa versão mais forte da visão performativa o que vai importar não é o que o enunciado ou as palavras significam, mas as circunstâncias de sua enunciação, a força que ela tem e o efeito que ela provoca” (p. 137). Corroborando com esta ideia e argumentando em favor da ampliação de fala para discurso, já que se dá na enunciação, trago o artigo intitulado *Constativos e performativos: Austin e Benveniste sobre os atos de fala* de Kunz e Stumpf (2010) quando dizem

Mesmo que haja coincidência entre ato, discurso e significado, falar não consiste em declarar que se fala. Falar é emitir certos sons convencionados por uma língua com determinado sentido. Portanto, a coincidência do discurso com o ato de fala em

proferimentos constativos é contingente, enquanto num performativo tal relação é necessária. (p. 282)

Aqui amplio a fala de Butler para discurso e esclareço que não faremos uma análise pautada na classificação de enunciados como performativos ou constativos. Passamos a entender que as transcrições utilizadas são performáticas, ou seja, vão além da ideia de um singelo ato de fala para se “identificar” como performances repetidas de discursos construídos sócio-historicamente.

Feito o caminho teórico, sintetizo o estudo em questão na figura abaixo. A performatividade de sujeitos que se inscrevem para a participação no teletandem. Estes participam de um jogo assimétrico de pertencer ou deslocar suas identidades nacionais. Ele pertence quando está sedimentado a determinados valores e ideias e, produz mais sedimentações sobre sua nacionalidade. Está híbrido quando desloca sua identidade nacional e mais ainda sua subjetividade, fragmentando-as em face de outras marcas. Tais processos evidenciam a fabricação/formação das subjetividades de sujeitos que por participarem das interações, tendem a ser mais híbridos (como percebemos nos dados), pois de alguma forma a globalização e a tecnologia mediarão a antropofagia da interpelação.

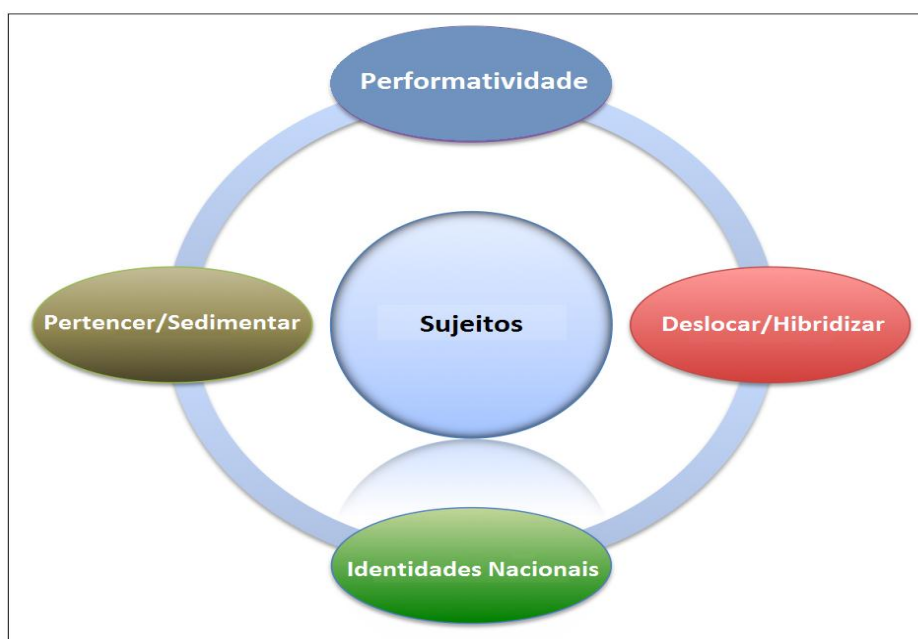


Figura 2: Imagem da pesquisa elaborada pela pesquisadora

Por isso, o círculo central é o sujeito que está envolvido no contexto do teletandem. A sombra abaixo deste círculo (do sujeito) é sua subjetividade, já que é por ela que poderemos mensurar nossos interagentes. Tal envolvimento, motivador da pesquisa, desemboca nos estudos sobre as identidades nacionais de tais sujeitos, evidenciadas pelos processos dos círculos laterais: pertencer/sedimentar e deslocar/hibridizar, processos opostos, mas complementares da subjetividade deste sujeito.

Portanto, temos o teletandem, especificamente as sessões de interação com seu recorte para os dados obtidos que traz, via transcrições de falas, iterabilidades e citacionalidades que corroboram a ver explicitamente interpelações e sedimentações do que é nacional para os sujeitos envolvidos, pela performatividade.

As questões para a análise dos dados são teorizadas: o interagente é performativamente sedimentado pelo histórico social? Ele é mais globalizado já que vive toda a consequência desse evento, por isso, menos estereotipado e mais híbrido? Ou na relação com o outro, sempre uma relação de poder, ele apresenta uma performance de identidade nacional que é uma mistura do social sedimentado e do novo híbrido?

Cabe atenção especial para a fala transcrita porque acredito que mais do que troca de turnos ela revela o conhecimento de mundo do interagente que foi construído sócio historicamente e é usado para expressar suas convicções, suas subjetividades, seus processos de aprender, reformulando valores através do processo de globalização e, no campo dos estudos sobre sujeitos, o que pode ser o hibridismo, segundo Souza (2004). Os interagentes discutem língua e cultura através de performances que buscam um padrão social construído e alicerçado por tempos e também performances que ultrapassam o já posto, em questionamentos explícitos ou não.

A imagem do estudo evidencia a caminhada para entender quem é esse sujeito que fala, enuncia, nesse contexto de teletandem. Que sedimentações o tomam para que participe desse par, que queira se expor na intenção de aprofundar-se em outra língua, cultura, troca, reformulações de ideias e formações

de outras. Que ideias pré-concebidas carrega. Quais são suas marcas identitárias. Quanto de sua identidade nacional dialoga com seu parceiro de teletandem. E como esse diálogo é aceito (ou não) pelo outro.

A ideia de hibridismo é o caminho dos nossos resultados porque para ser ou se ver como híbrido há que estudar a constituição dos sujeitos via subjetivação, pelo tanto de abertura para a alteridade, para a porosidade subjetiva de cada interagente marcada por seu caminho histórico, como salientou Donini (comunicação pessoal). Esta visão de sujeito é cada vez mais necessária no campo educacional, pois assim, compreendendo cada sujeito na sua subjetividade temos mais chances de fazê-lo crescer pedagogicamente neste mundo.

Através do percurso teórico, explicitamos, acima, as teorias e construtos teóricos que sustentam as inquietações desta dissertação e culminam na nossa pergunta de pesquisa: **Quais são os efeitos subjetivos da comparação de identidades nacionais nas interações via teletandem?**

É com ela que percorremos os capítulos seguintes: procedimentos metodológicos e análise dos dados.

Capítulo II:

Procedimientos

metodológicos

2.1.Paradigmas de pesquisa

Como pesquisadora, relaciono os dados obtidos com as teorias possíveis para responder meus questionamentos trazidos da análise prévia dos dados. Somo estes dois conjuntos aos paradigmas de pesquisa. Esta relação é de suma importância para dimensionar a dissertação na produção científica do momento, classificando o tipo de estudo que faço com as linhas que a Ciência cunhou.

Na construção do objeto de pesquisa, a relação com os paradigmas de pesquisa específicos para a área de ensino e aprendizagem de línguas nos fornece a fundamentação adequada.

Segundo Guba e Lincoln (1998), paradigma é “um conjunto de crenças (ou metafísicas) que lida com fundamentos ou princípios primordiais. Um paradigma representa uma visão de mundo que define, para seu detentor, a natureza do „mundo“, o lugar do indivíduo nele, e o escopo de possíveis relações para o mundo e suas partes, como, por exemplo, cosmologias e teologias o fazem”. (p.200 – minha tradução). Guba e Lincoln (1998) classificam e enquadram os desafios de quatro paradigmas de pesquisa com base em pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos. Os pressupostos ontológicos tratam da essência do meu objeto de pesquisa. Os pressupostos epistemológicos dizem respeito a como posso olhar, analisar meu objeto de pesquisa, ou seja, é o estudo do que se têm por conhecimento, crenças, suas limitações. Finalmente, os pressupostos metodológicos estão relacionados a estratégias de observação e análise para verificar os pressupostos anteriores de acordo com meu objeto de pesquisa. Os quatro paradigmas são: o positivismo, o pós-positivismo, a teoria crítica e o construtivismo.

Da perspectiva ontológica, para a pesquisa em questão, o positivismo e o pós-positivismo não têm espaço, já que acreditam em leis e mecanismos imutáveis e a proposta é a transformação, “desformação”, o deslocamento e fragmentação de identidades, especificamente, as identidades nacionais. No plano epistemológico, positivismo e pós-positivismo também não nos servem, por confiar que o

pesquisador permanecerá neutro, distanciado diante da pesquisa, fenômeno impossível para pensar identidade, subjetividade, como é o caso dessa dissertação (recortada). No âmbito metodológico, o positivismo está preso à quantidade de dados, provas e hipóteses testadas o qual, também, não se adequa ao meu objeto de estudo. Mesmo que o pós-positivismo comece a vislumbrar uma crítica, uma sondagem contextual, ele ainda permanece por demais objetivo e superficial no trato com o tipo de dados com os quais lido neste estudo.

Portanto, de acordo com o quadro de Guba e Lincoln (1998), corroborado pelo estudo de Telles (2005), ontologicamente, esta pesquisa circulará, principalmente, na teoria crítica, provavelmente, com algumas incursões em pressupostos construtivistas, por estarmos focando questões de ensino de línguas estrangeiras com um viés tecnológico, devido ao contexto online do teletandem.

Na teoria crítica, a realidade é compreendida como um mosaico da sociedade (com sua abrangência de etnias e gêneros), da política, da economia e da cultura. No construtivismo, a ideia é de interdependência de pessoas e grupos para a construção de uma realidade mais fundamentada mental e socialmente. Elas se encontram na pesquisa pela ideia máxima de interação que cada uma carrega e sustenta. E interação é algo central no contexto online de aprendizagem em teletandem. Nele, o jogo de alteridade constitui o par binário, essencial, para evidenciar diferenças e, portanto, identidades e subjetividades. Essas diferenças são frutos de fatores sociais, econômicos, culturais, linguísticos e étnicos formadores de sujeitos que só são considerados nestes paradigmas e, de maneira diferenciada, no paradigma da Teoria Crítica, no qual questões de relações de força e identidades têm papéis, senão centrais, extremamente importantes.

Assim, epistemologicamente e metodologicamente, a presente pesquisa se encontra mais apoiada na teoria crítica, uma vez que ela é transnacional e subjetiva, vê os envolvidos na pesquisa de forma interativa e, é por meio desta, que o que pode ser conhecido fica evidente. Saliento que a visão crítica de sujeitos que se colocam na função de interagentes passa por relações de poder construídas no espaço em que vivenciam as interações. Ele tem o poder de decidir, mesmo que reciprocamente, o que falar e como falar, além de sua constituição subjetiva

de poder, refletindo questões linguísticas, culturais que, por esse mecanismo de reflexão, proporciona compreender sua posição de sujeito em relação a outros que o rodeiam.

2.2.Métodos

A pesquisa será, também, de caráter exploratório, visto que a pesquisadora deseja conhecer e explorar o ambiente do teletandem e seus processos constitutivos especificamente, as interações. Por isso, necessito aproximar-me do ambiente, das interações - e das falas dos interagentes, para poder selecionar o que serão meus dados de pesquisa, sem uma ideia totalmente pré-concebida.

Por isso, a pesquisa exploratória permite um olhar mais aberto para os dados, os quais se fabricam curiosamente no espaço do teletandem.

Neste contexto me basearei na Metodologia de Estudo de Caso (Yin, 2013; Given, 2008; Noor, 2008; Gerring, 2007) para fundamentar o estudo dos três casos explorados nesta dissertação. Cada par de interagentes de teletandem é um caso. Sendo assim, serão analisadas as interações de três pares (ou casos) de alunos.

Segundo Gilhan (2000) o estudo de caso aborda um contexto específico de pesquisa com participantes também específicos. Os construtos teóricos vêm com análise dos dados que são discutíveis para teorias e a busca de respostas pontuais. Cabe ressaltar que os dados e seu arcabouço teórico servem especificamente para os três casos selecionados, sendo que para outras pesquisas cabe revisar e adaptar o que se tem.

No contexto de estudo de caso, o pesquisador é observador e conhecedor do ambiente investigado, no caso, as interações de teletandem e se constitui pesquisador com as descobertas científicas que faz. Nossa dissertação trará as transcrições de três pares (casos) de interagentes. Apoiados nos pressupostos

teóricos, analisamos as marcas de identidades nacionais que aparecem nas transcrições.

O quadro abaixo explicita as interações, seus pares, tempo de duração e suas temáticas.

CASOS	PAR 1	PAR 2	PAR 3
QUANTIDADE DE INTERAÇÕES UTILIZADAS	4	5	5
QUANTIDADE DE HORAS GRAVADAS	2:25'37''''	3:40'35''''	209''
TEMÁTICAS ABORDADAS	- políticas nacionais; - Comidas típicas; - economia brasileira; - relações internacionais; -cruzeiro;	- participação religião; - morar sozinha; - a estruturação educacional de cada país; - comidas rápidas; -shopping;	- interlíngua; - a importância do inglês; - Páscoa e suas comemorações; - trabalhar e estudar; - polícia, álcool e maconha na universidade; -cruzeiro; - idade para dirigir; - Rio de Janeiro;

Quadro 2: Quadro geral das interações utilizadas, pares, duração e temáticas.

2.2.1. Contexto da pesquisa

Foi com o grupo de pesquisa e a análise das primeiras transcrições feitas pelo orientador que mudei o foco da pesquisa. Antes, por uma necessidade docente, gostaria de pesquisar as identidades docentes que dialogavam com os

interagentes no momento da mediação e, conseqüentemente, formavam-nos culturalmente, linguisticamente, profissionalmente. Depois de imergir no grupo e nos dados possíveis, o enfoque de meu estudo se desviou para os interagentes que se encontram com outras identidades nacionais nas interações.

A escolha do teletandem como espaço da pesquisa se dá por sua singularidade no contexto de educação de línguas. Sua novidade no ensino e aprendizagem de línguas via par, já remete a um olhar curioso, investigativo, porque a aprendizagem formal, via sala de aula, foi remodelada para o par, ou seja, a figura do professor se desloca na interação provocando ensino e aprendizagem mais autônomos e “atrativos” para o sujeito, aprendiz e interagente da língua estrangeira. Por exemplo, é possível pensar o quanto da mediação é estudado para a formação de professores ou questionar a forma do professor-mediador enunciar no momento da mediação ser diferente dos enunciados de sala de aula

Para este estudo, quem são os sujeitos dispostos a participar das interações? Como estão marcados nacionalmente nesta tarefa? Enfim, estas são questões que demarcam o espaço do teletandem como um espaço de ensino e aprendizagem de línguas e de pesquisa.

2.2.2. Participantes

É importante para a pesquisa apresentar uma descrição de quem são esses interagentes através de entrevista com cada um. No entanto, como os dados fazem parte de uma coleta feita em 2012, não temos mais contato. Inclusive, não ter este esclarecimento direto remete a um olhar mais farejador nas interações, já que são elas expressivas de tantas subjetividades em fusão. Os participantes brasileiros da pesquisa têm entre 18 e 53 anos. Os participantes estrangeiros têm idades entre 18 a 22 anos. O interagente estrangeiro 1 cursava Relações Internacionais em uma Universidade particular de Washington. O interagente 2 cursava Administração

em uma universidade particular dos Estados Unidos. A interagente 3 cursava Biologia em uma universidade particular de Miami. Os interagentes brasileiros cursavam Letras, no caso do par 1 e 2. O interagente brasileiro do par 3, não cursava nenhum curso ofertado pela universidade. Era professor.

As interações transcritas e selecionadas são de três pares formados aleatoriamente, sem pareamento dos dados pessoais de cada um, quando incitados a ter esta prática do Teletandem em suas instituições de ensino superior.

PARCERIA	INTERAGENTE	INTERAGENTE
1	Brasileiro - A	Cubano - G
2	Brasileira - B	Estadunidense - J
3	Brasileiro - C	Estadunidense -D

Quadro 3: Participantes da pesquisa

Escolho as letras para mencioná-los quando de seus turnos de fala. Brevemente, destaco que, no par 1, tanto o cubano como o brasileiro trazem resquícios da colonização, da ditadura e da educação que receberam. Por isso, suas performances evidenciam maior desejo e deslocamento para o novo, pelas vivências do histórico latino-americano que carregam. Já se mostram híbridos por essa constituição sócio-histórica. Nos pares 2 e 3 tal constituição sócio-histórica não aparece para ambos os interagentes e tal fato pode sugerir sensações e visões de mestiçagem.

2.2.3 Organização e Procedimento de Análise dos Dados

A troca de turnos nas interações é dividida. Há espaços marcados para pronunciamentos, para exposições, para enfrentamentos culturais e linguísticos, processos estes que contribuem para a construção de processos de aprendizagem mais colaborativos. É nesse ambiente, paramentado por webcam, por computador,

por uma sala específica, pelo Skype que tanto mediadores e interagentes estarão inseridos, evidenciando e, provavelmente, produzindo sujeitos mais fragmentados e mais sedimentados performativamente via identidade nacional. Fragmentados e sedimentados porque outras identidades nacionais passam a fazer as suas, ampliando-as, sufocando-as, comparando-as ou caracterizando-as, como únicas (sedimentação) no processo de constituição de um sujeito verdadeiramente e conscientemente globalizado. Os participantes do estudo passam por outros processos de fragmentação. No entanto, o que nos interessa para esta pesquisa de dissertação são as identidades nacionais em diálogo/confronto.

As interações do par 1 aconteceram no segundo semestre de 2012. Foram transcritas por uma aluna de Letras com iniciação científica. As interações do par 2 e 3 aconteceram no primeiro semestre de 2012 com transcrições feitas por mim, no caso do par 2, e por uma doutoranda do grupo de pesquisa, no caso das interações com o par 3. Uso para a análise, como parte do recorte da pesquisa, somente as interações em português e não me atenho aos vídeos de cada interação para me ater às falas transcritas.

Por questões de tempo de coleta durante o processo de Mestrado, não houve uma seleção dos dados por parte da pesquisadora. Fazer minha própria coleta e transcrição de dados seria muito importante, mas não houve tempo hábil para o acompanhamento de novos pares em Assis, visto que o processo de mestrado é curto e, até o primeiro semestre do segundo ano de mestrado, estava cursando disciplinas, além de contar com longos períodos de greve (na universidade brasileira) quando não tivemos interações no teletandem.

Assim, recebi as interações que poderiam ser trabalhadas, fiz o recorte deste limitado corpus, criando uma pasta só para as transcrições que uso para a análise. Criada a pasta, utilizei o editor de *Word*, buscando termos como *brasileiro, aqui, aí, a gente, meu, minha, eu, você, nós* para salientar as marcas de identidade nacional. A escolha desse conjunto lexical pareceu favorável para evidenciar as marcações de diferenças e a performatividade dos interagentes frente a identidades nacionais e subjetividades em confronto. É nas expressões “cultura americana”, “sonho brasileiro”, “aqui no Brasil”, “nós temos...” que a

diferença ressalta identidades nacionais para mostrar como são nossos participantes.

Além desta marcação em fonte colorida com os termos que podem salientar a identidade nacional, voltei especial atenção para usos específicos de “EU”. Acredito que a utilização deste pronome possa me levar a enunciados performativos explícitos e, talvez, a sua diminuição possa significar uma fusão com o outro, portanto, uma fragmentação do sujeito e de suas identidades, evidenciando hibridismo.

As análises passam pela observação de repetições de ideias, de termos (iterabilidade) que evidenciam identidades nacionais. Assim, o performativo fica em evidência pelo movimento de sedimentação - pertencimento. E a ruptura do previsto socialmente, a quebra da norma é vista pela performatividade, destacando o deslocamento - hibridização dos interagentes.

Este capítulo apontou como trabalharei na análise dos dados, quais são meus dados, destacando o método interpretativista a ser olhado para três estudos de caso.

O próximo capítulo evidencia os dados com exemplificação do que é meu objetivo de pesquisa: perceber os efeitos subjetivos da comparação das identidades nacionais na interação do teletandem. Trago excerto das interações dos três casos que selecionei para, baseada na fundamentação teórica exposta acima, perceber as subjetividades destes sujeitos interagentes que serviram de corpus para a análise.

Capítulo III:

Análise dos dados

Ressalto que escrever esta dissertação traz a contribuição de concretizar estratégias que vivenciamos como discente e docente, pensamos teoricamente pela voz do professor e/ou por leituras que fazemos, pensamos como a teoria se fundirá na prática, então pensamos metodologias e seus métodos e, por fim, praticamos. Para isso vale lembrar a pergunta de pesquisa que guia a análise: **quais são os efeitos subjetivos da comparação de identidades nacionais nas interações via teletandem?**

Neste capítulo, este percurso se concretizará. Fragmentarei o capítulo evidenciando os pares, portanto, serão três subitens mostrando o que cada parceria evidenciou quanto às identidades nacionais. Os temas orientam a percepção de conjunto de fatores nacionais que permitem perceber os processos constitutivos do sujeito (pertencer e deslocar). Por isso mesmo, nas três parcerias utilizadas, há temáticas iguais tratadas com nuances específicas de seus interagentes. Fato que marca a necessidade de falar de si (identidade), o que come, seus cheiros e sabores, demarcando uma identidade local e nacional. Estas temáticas, por exemplo, corroboram com a marcação da diferença, necessária para um sujeito pertencente a tal lugar que tem suas características até olfativas e de paladar. Há outras temáticas que mostram o outro movimento, deslocamento, hibridismo nas ideias de política, economia, padronização das seguranças nos campos universitários, por exemplo.

Do par 1, das 8 interações em português, utilizei as interações 1, 2, 4 e 5, pois estas trouxeram o que buscávamos, performatividade de identidades nacionais como marca da constituição subjetiva dos sujeitos/par envolvidos nestas interações. Do par 2, das cinco interações, utilizo as duas últimas que foram gravadas e transcritas (transcrição só do que serviu de excerto). Do par 3, utilizo todas as cinco interações gravadas.

Portanto, explicitando o método exploratório, garimpamos primeiro os dados, a fim de pinçar indícios de nacionalidade na constituição subjetiva dos sujeitos interagentes.

Fazendo referência à Derrida, Laclau e Butler, Hall (2013), em *Identidade e Diferença*, traz a seguinte contribuição:

É apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado „positivo“ de qualquer termo – e, assim, sua „identidade“ – pode ser construído. (p. 110)

É por aqui que trilhamos a análise inicial das interações selecionadas. É na relação com o parceiro de teletandem que verificamos como a identidade nacional se enuncia, se estabelece performativamente, resultando em sujeitos mais ou menos híbridos. Esse modo de apresentação das identidades nacionais será ímpar para compreender a formação desse sujeito atual e, assim, vê-lo como híbrido e globalizado.

3.1. Parceria 1: Brasileiro e cubano

CARACTERÍSTICAS	Interagente A	Interagente G
Denominação fictícia	Tiago	Ricardo
Nacionalidade	Brasileiro	Cubano
Idade	20 anos	19 anos
Línguas estudadas	Português, italiano	Espanhol, inglês, português
Formação acadêmica	Letras – Universidade pública do interior paulista	Relações Internacionais – Universidade particular de Washington

Quadro 4: Características dos interagentes – Par 1

3.1.1. *E você, o que faz, o que estuda?* - Discussão sobre identidades

A interação 4 inicia-se com a marcação de lugar e da identidade pessoal do par. Os participantes estão discutindo seus cursos, duração, onde fazem o curso e a finalidade de aprender línguas.

„Estudar onde“ delimita todo o lugar, é mais relevante que uma cidade, porque carrega uma ideia de pertencimento e, possivelmente, interpelação. Explicando melhor, como a instituição latino-americana de ensino superior escolhida promove este projeto do *Teletandem Brasil – línguas estrangeiras para todos*, o aluno desta universidade, por recorrências de anúncios, propagandas e convites, sente-se interpelado a participar, diferentemente de quem não vivencia este contexto. A pergunta também não está aberta, „onde você estuda?“, o que corrobora mais por essa busca de aproximação, de pertencimento.

Entrevista de trabalho

A: Eu tô no último ano da faculdade.

G: No último ano, então, ah já tem trabalho ou ainda...?

A: Quase, eu tô, eu tenho que fazer uma entrevista de trabalho a semana que vem já.

G: E onde, onde está entrevistando?

A: Aqui em São Paulo, capital, vai ser a entrevista.

G: Do quê?

A: Pra trabalhaaaa (incompreensível).

Fonte: Inter 4: 5-11

Ainda na primeira linha de transcrição e nos primeiros minutos de conversa, Ricardo (cubano) infere que, por Tiago (brasileiro) estar no último ano, já tem trabalho. Isso aparece como pergunta direta *No último ano, então, ah, já tem trabalho ou ainda...?* Há três elementos que circulam para a sedimentação que Butler usa. O *então*, o *ainda* e a *reticência*. O termo *então* leva a uma ideia conclusiva, uma consequência de estar no último ano. O *ainda* vem para suavizar está ideia sedimentada de que todos que estão acabando um curso universitário devem trabalhar, mesmo que pensem em seguir na pós-graduação ou em outro curso superior. A *reticência* pode ser a marca mesmo da sedimentação, a ideia é tão conhecida que não precisa concluir a frase. Tiago tenta se preservar respondendo, com quebras de fala, que está „quase“, „eu tô“, até dizer que fará

uma entrevista para trabalho. Ele ressalta o foco da conversa: *trabalhaaa* (como no excerto).

Seguindo a explicação da entrevista de trabalho de Tiago, este fará uma entrevista para trabalhar em um cruzeiro. Este termo causa curiosidade e incompreensão, o que faz Ricardo buscar referência em outra língua. É interessante perceber tal estratégia, já que o português e o inglês (as línguas desta interação) não são suficientes para explicar a estranheza do termo „cruzeiro“. Buscar a explicação em uma terceira língua pode ser um processo inicial de interpelação reforçado pelo teletandem. Este espaço nos leva a uma confluência de mais de duas línguas. Principalmente para Ricardo que é cubano, estuda e mora nos EUA, além de estudar Relações Internacionais. Por isso, estar interpelado a saber português, inglês, italiano e sua língua materna, espanhol. Também é interessante notar o deslocamento de Ricardo, falante de três línguas. Ele parece estar globalizado pelos movimentos e espaços nos quais habita, mas, no caso da dúvida, volta a sua língua materna, desde o nascimento realmente, para buscar sentido e compreensão.

Trago o excerto sobre o cruzeiro para discutir a proficiência nas línguas.

Meu inglês é muito enferrujado

A: Cruzeiros.

G: Cruzeiros. Ah!

A: Pricess. É.

G: Pricess? Pode escrever isso para mim? Não entendi

A: Perfeito

G: Cruzeiros. Que, que é isso?

A: Peráe (espera) aí. Vou procurar aqui, que eu estudo italiano, meu inglês é...

G: Você fala italiano?

A: (balança a cabeça afirmativamente).

G: Mas fala inglês também?

A: pouquinho

G: hoje vamos praticar o inglês também.

A: Tudo bem

G: Cruzeiros... Acho... Isso são... [em inglês] “Cruises”! Ok tá bom. Isso aí. Ok. Eu achava, eu falo espanhol, então espanhol é também “cruseros”, mas não estava certo. Eu acho que vai poder viajar muito.

A: Sim, eu acho que sim (incompreensível).

G: Pode, pode acertar um pouquinho mais o microfone?

A: Eu espero que eu vá bem na entrevista, vamos ver.

G: Acho que sim. Porque não? Está preparado?

A: Não, ah, meu inglês é muito enferrujado.

G: é ferrujado? Isso é uma nova palavra para mim. Chato sei, mas ferrujado não. Enferrujado. E como se utiliza essa palavra?

A: É no sentido de... o metal enferruja... é no sent/ferrugem... “rusty”

Fonte: Inter 4:13-34

A pergunta de Ricardo, „está preparado?” sedimenta outra questão de insegurança que é comum em muitos brasileiros: não se sentirem preparados para entrevistas ou trabalhos por falta de proficiência no inglês. Como isso é um problema aparentemente maior para os brasileiros, visto que este interagente cubano mora em outro país e fala quatro línguas, temos aí uma diferença e aparece com poucas tintas, pois logo o assunto muda para a explicação do vocábulo *rusty* (enferrujado, em inglês) e para onde Tiago reside.

Outro traço diferente é o estudo de línguas. Enquanto Tiago parou de estudar inglês e espanhol, Ricardo estuda essas línguas e deseja vir para o Brasil por seis meses. Tiago só estuda italiano e Ricardo segue com suas línguas, talvez mesmo pela interpelação de conhecê-las a fundo, já que é um estudante de Relações Internacionais. Como Tiago esteve em intercâmbio na Itália, eles concordam com a ideia, sedimentada, de que estar no país é a melhor forma de aquisição/aprendizagem de sua língua, „Fiquei seis meses, „Então seu italiano é ótimo!”.

Esta ideia de aprender com êxito uma língua estrangeira quando se está no seu país é bastante discutida em vários trabalhos sobre ensino de línguas, como na tese de Consolo (1996) e repensada pela abordagem diferenciada do Teletandem,

como nem todos podem aprender uma língua estrangeira em situação de imersão, então, podem participar do Teletandem com este mesmo fim e proficiência. Mas, para Tiago a ideia de aprender línguas em imersão é muito valiosa. No excerto abaixo, surge a necessidade de trazer uma terceira pessoa à interação. Esta é uma amiga de Ricardo, que está nos Estados Unidos, e fez o intercâmbio para o Brasil, por isso, ficou „expert“ na língua portuguesa como visto abaixo:

Mares navegáveis e nunca dantes navegáveis

G: Ela, ela estudou no Rio

A: Olá

G: no semestre passado, na PUC

A: Ah, é ?

G: Então ela é uma experta na língua.

A: (risos). Deve ser, porque se ela morou no Rio

G: Sim, mas eu acho. Ela esteve no Rio desde janeiro até julho. Vou ser, eu vou fazer o mesmo programa agora em janeiro. Vou estar no Rio seis meses. Então estou muito entusiasmado com a viagem.

(...)

G: Mas, mas eu gosto, eu gosto da língua, eu gosto da cultura, das pessoas. Então, ah, estou fazendo todo o possível para aprender a língua bem.

A: Entendi. Tá falando muito bem já (incompreensível).

G: Muito obrigado, muito obrigado. Tiago, você está estudando língua também?

A: Eu estudo. Eu estudo língua italiana.

Fonte: Inter 4: 64-84

As falas de Ricardo denotam explicitamente sua visão de aprendizagem de línguas em imersão. É esta que garante excelência. Com essa visão, falas e avaliação da proficiência na língua podem interpelar Tiago a pensar da mesma forma, já que a amiga teve essa vivência, ele terá e Tiago teve quando ficou na Itália. Essa dimensão de interpelação é focal para Butler (1990). Ela salienta que é a performatividade em dado meio que interpela os sujeitos a se posicionarem

como tal, no caso, como o sujeito que busca estar no lugar de origem da língua a qual pretende aprender para fazê-lo com êxito maior. No caso, Ricardo afirma que „Então ela é uma experta na língua“. O então denota a conclusão repetida por diversos espaços que estar imerso é a forma de mais do que aprender a língua-alvo, ser “especialista” („expert“) nela. Termo que, apesar de ter sido usado como estratégia de “estrangeiramento” (experta – expert), é bastante esclarecedor de sua ideia.

Mas, e o exercício do Teletandem neste quesito de não-imersão? Constituirá e, de fato, já constitui formas complementares de aprendizagem.

Ao discutir sobre a língua italiana, ambos rapidamente discutem a maneira italiana de ser, ou seja, uma performance que fabrica uma nacionalidade específica. Noto aqui uma marcação identitária bastante expressiva sobre os italianos. Ricardo traz enunciados como: Eles estão sempre alegres. Ciao Ale! Tutto bene“. „Eles cozinham muito bem“. Seguidos da concordância de Tiago: “Ah sim, isso sim”.

Trazer para a fala essas características culmina na diferenciação de identidades nacionais, necessárias para entender quem sou eu, quem é ele, quem são eles (os italianos, no exemplo, acima). É possível que a exaltação do modo de expressão dos italianos, parece que a maioria é assim, se contrastam com o perfil dos estadunidenses, vistos socialmente e/ou estereotipadamente, como mais calados e focados. No jogo da comparação que ressalta a diferença, cabe as palavras de Silva (2013)

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre „nós“ e „eles“. (p. 82)

Com vistas aos excertos expostos acima, penso o quanto estudar identidade nacional seja complexo. Se ela demarca fronteiras, como mantê-las no

mundo cada vez mais sem fronteiras pela globalização e, principalmente, pela internet e novíssimas tecnologias? Uma possível resposta é esta dissertação.

A performance dos interagentes ressalta o que suas vivências pedem no que tange a desejos contemporâneos: fazer faculdade, ter proficiência em outras línguas para viajar e mercado de trabalho, fazer intercâmbios, práticas comuns aos sujeitos mais abertos para o novo. Acredito que tal prática seja efeito da globalização que busca homogeneizar mercados e, conseqüentemente, os sujeitos que o fazem. Mas as questões restritas à nacionalidade não seguem esta linha, estão mais sedimentadas, mais repetíveis, para de alguma forma assegurar-lhes.

Ainda buscando analisar a fabricação identitária dos sujeitos interagentes, Ricardo traz sua visão de mundo e de universidade permeados pelo respeito quando diz que:

Aqui não ensina isso

G: Sabe que eu não conheço muitos palavrões do português, porque aqui não ensina isso. *Isto é uma universidade*. Então acho que agora no janeiro quando fica no Rio vou aprender muito mais.

A: No Rio sim.

G: Ou vou me aculturar mais.

A: No Rio sim, no Rio... Você tem amigos brasileiros aí?

Fonte: Inter 4:183-187

Ricardo partilha, ou melhor, está sedimentado nele a formalidade de ambientes como a universidade, dessa ideia de não se ensinar palavrões na universidade, porque é taxativo em sua explicação „Isto é uma universidade“! Por isso, tem certeza que aprenderá mais imerso no universo brasileiro do Rio de Janeiro. Tiago confirma que aprenderá mesmo, principalmente por estar no Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, com encantos naturais e desencanto social, como no excerto abaixo.

Chama atenção o termo *aculturar* pronunciado por Ricardo quando de sua permanência no Rio de Janeiro. Aprender a falar palavrões como parte de aprender a língua portuguesa é visto como uma forma de não cultura, mas os

estudos sobre língua e cultura aproximam-nas como partes intrínsecas do mesmo movimento. Parece que neste ponto, „aculturar“ pode mostrar o hibridismo em sua base processual, negocia a cultura, apropria-se dela ou parte dela e resiste ao que apresenta maior persuasão, no caso, não dar grande atenção a esta forma de expressão.

Ricardo parece ter uma formação de vida muito reflexiva. Além disso, pelo menos nos dados das interações analisadas, ele traz conceitos bem racionais do que deseja para sua formação pessoal e profissional. Ele sai do previsto, isso marcadamente é sua performatividade, é seu movimento crítico de se deslocar.

No trecho a seguir, sua fala de sujeito pensante e dono de sua própria experiência, correndo de marcas deixadas pelo discurso dos outros que passaram por intercâmbios também ressalta seu hibridismo. Ele diz:

“É melhor viajar e não ter preconceitos da viagem. Então eu queria conhecer muitos [...] não falar com muita gente, muita, muitas pessoas, porque então cada pessoa tem uma experiência distinta, e eu quero ter, eu quero ter a minha experiência”.

Fonte: Inter 4: 192-195

Este pensamento configura uma não-sedimentação, já que não será por ideias repetidas que ele conceberá a sua. De certa forma, apresenta-se seguro do que deseja vivenciar.

O interagente brasileiro, Tiago, pergunta o que Ricardo tem visto do Brasil lá. Este tipo de pergunta é comum nos momentos de início da conversa ou quando esta fecha uma temática e precisa de outra, como no caso desta quarta interação. Especulando, talvez tenha acontecido como uma marca de curiosidade, não livre, de sedimentações.

No excerto abaixo, Tiago busca saber a visão de Brasil que Ricardo fabricou. Novamente, Ricardo sai do senso comum e traz uma visão mais particular quando responde:

Brasil positivo e seus estereótipos

G: Você perguntou: o que tenho visto do Brasil aqui?

A: Hã. Hã.

G: Outro país, visto coisas boas, eu ah, [...] agora o Brasil está no, ah, no momento histórico muito importante, para o país e para a projeção do país no âmbito internacional.

A: sim

G: Então, ah, seu eu falar isso do Brasil, ah, o crescimento econômico, o desenvolvimento, que o país emergente no contexto global, isso que se ouve mais do Brasil agora nos Estados Unidos, especialmente para os estudantes da América Latina.

A: Entendi

G: Isto muitas pessoas estão aprendendo. Mas também se fala muito em etanol, e a Indústria do etanol, e o combustível do Brasil, e eu acho o crescimento econômico, econômico que tenha feito o Brasil (incompreensível) então o Brasil foi o ultimo país que entrou na restrição e o primeiro que saiu. Então isto é questão do papel que está tendo o Brasil no novo mundo, eu acho, o mundo onde estão existindo países emergentes, países... como Índia, China, ... E agora nos Estados Unidos quando se fala do Brasil se fala de coisas positivas. A parte dos estereótipos das garotas boas, das praias do Rio, isso ao nível do americano comum, do americano da rua.

A: Hã, hã

Fonte: Inter 4:240-259

A conversa não cai no lugar-comum dos estereótipos nacionais. A conversa gira em torno da economia brasileira, com o olhar de um estrangeiro que vê o crescimento do etanol, de um Brasil emergente. Ricardo consegue identificar bem quem fala como ele, de dentro da academia e de estudos específicos da América Latina para como disse „A parte dos estereótipos das garotas boas, das praias do Rio, isso ao nível do americano comum, do americano da rua“. Ele salienta com ênfase que sua visão de „brasilidade“ está interpelada pelos jornais

que lê e os estudos que desenvolve na universidade, a partir do curso de Relações Internacionais, curso que pode remeter a sua origem latina.

A sensação de desconstrução de estereótipos trazida por Ricardo se dá pela falta de iterabilidade e citacionalidade. Não se repete e/ou cita o que está marcado nas ruas e na sociedade como senso comum, ele não recorre ao mesmo discurso da massa, ao já-dito que promove mais e mais sedimentações e, consequentes, estereótipos.

Para uma associação com este estudo, Tiago pergunta que filmes brasileiros tinha assistido. Ricardo assistiu *Rio Negro*, *Tropa de Elite* e *A cidade de Deus*. Deixo, em anexo, a sinopse de *Rio Negro* por andarmos nas „mesmas“ águas. O filme apresenta uma confluência com a temática das identidades e mais ainda, para minha surpresa, a comparação do movimento do rio com o movimento de fabricação de identidades do sujeito. Há toda uma análise sobre o fazer fílmico com a intenção de também mostrar a diferença de histórias de quem não está no mundo moderno e sim, às margens do rio, ou seja, como o espaço e seus usuários interpelam e são interpelados. A sinopse termina com a sensação de citacionalidade das imagens deste espaço expressa por seu produtor Luciano Cury, “impressão que fica é que já vimos este filme antes. E, provavelmente, já vimos – e ainda veremos de novo algumas vezes”.

Nesta seção, refleti como as identidades se comparam diante de valores culturais. Foi aqui também que as identidades se apresentaram mais híbridas, mais deslocadas pelas práticas *além nação* que estes sujeitos têm. O termo *além nação* constitui sim uma prática globalizada. Por exemplo, o interagente Ricardo que nasceu em Cuba, mora nos Estados Unidos, estuda Relações Internacionais e deseja conhecer a fundo suas raízes, sem estar fisicamente nelas, ou seja, sem estar em Cuba ou os outros países latino americanos.

As próximas seções de análise dos dados mobilizam as identidades nacionais em suas macroáreas: política, comida e língua como um todo cultural que fazem com que nossos interagentes estejam mais ou menos sedimentados em suas nações.

3.1.2. *Não sei qual a percepção dentro do Brasil: discussão sobre política*

A proposta de trazer esta terceira seção de análise dos dados dividida em itens (para os parceiros) e subitens (para as temáticas discutidas) é uma tentativa de elucidar as identidades nacionais expostas em discussões que vão além do escopo pessoal, tal como na seção anterior, „*E você, o que faz, o que estuda? - Discussão sobre identidades*“. Refletindo sobre as subjetividades desses sujeitos que já estão postos como pares, cabe perceber, nas discussões com as temáticas de culinária, política e linguagem, como a diferença nacional propõe performances mais sedimentadas ou mais híbridas.

Nos trechos seguintes, há forte distinção entre Brasil e EUA. O que é mais interessante é que o elemento *autonomia* é visível pela argumentação de cada um, ao descreverem e argumentarem questões políticas de seus países vistas pela extensão dos turnos. De todas as transcrições, estas são as mais longas junto com as de economia que escolhi não trazer por limitações de espaço.

Seguem alguns trechos da interação 1.

Qual sua percepção do Brasil?

G: então, eu... Eu gosto muito do Brasil. Eu acho que agora Brasil está co... num momento muito essencial da sua história.

A: Tá mesmo. Esta num momento de transição.

G: E... e as projeções do poder do Brasil no mundo são... são muito interessante. Uma potencia emergente bastante poderosa. E não sei o que os brasileiros diz sobre isso, não sei o que os brasileiros opinião sobre isso, isso, mas ahm... Isso é a percepção afora do Brasil. Não sei qual é a percepção dentro do Brasil. O que você acha?

A: Olha. Brasileiro é um povo maio ingrato. A gente sabe que o país tá crescendo, tá emergente, principalmente depois do governo Lula, que você deve conhecer. É... O Brasil teve uma exposição internacional pra fora do Brasil. E... Aqui, a massa intelectual do país, a massa universitária, o pessoal que estudou, o pessoal que conhece um pouco de economia e de

política, aqui no Brasil, concorda que o Brasil é uma próxima, próxima potencia, uma possível próxima potencia. Mas a maioria do povão aqui. O Brasil ainda não é um país muito alfabetizado, assim, o pessoal não se interessa muito por cultura, por arte, por política, são poucas as pessoas que se interessam, então. Mas as que se interessam concordam com esse ponto de vista que você é o povão aqui é meio ingrato.

Fonte: Inter 1: 162-179

(...)

G: Aqui nos Estados Unidos é um pouco distinto. Ah, eu acho que a gente aqui gosta da política, geralmente, mas não votam muito. O nível da votação não é muito alto. Então... Agora com Obama sim, muitas pessoal foram e votaram, mas normalmente não ocorre isso.

A: Aham.

G: Aqui é uma política é uma carrer.. carreira. Temos políticas profissionais que fazem isso. Nosso congressistas, deputados, ahm... senadores, os governantes... ahm... os governadores. São políticas de carreira, então são profissionais nisso.

A: Aham

G: E o povão mais intelectual sim, tem suas opiniões sobre o que que é melhor para o país, etc, etc. Também! A gente, ah, as pessoas normal tem seu, seus pontos de vistas e participam, no que... A participação civil. Mas acho que nos países da América Latina.

A: É. O pessoal ai já tem uma, já tem uma *opinião formada política e essa formação já vem desde pequeno*, que o interesse né,

G: Sim

A: exatamente pelo fato da política *ai ser levado como carreira, e aqui no Brasil não, qualquer um vira politico do nada*, né, então (riso).

Fonte: Inter 1: 220-233

É interessante perceber que Ricardo não sabe a opinião dos brasileiros sobre a economia do Brasil, ou seja, de fato, a economia não foi estereotipada a ponto de se tornar uma performance repetida e fazer saber sua informação. Ele pretende descobrir o que pensam. E usa o termo „acho“ como forma dessa

autonomia individual, é seu saber, sua visão. Talvez essa forma interpele menos que a forma imperativa de outras expressões.

A fala de Tiago na busca por responder como o brasileiro, ou seja, como a nação metonimicamente vê a economia através das palavras desse sujeito traz sua interpelação. Ele usa o „a gente“ provavelmente por estar interpelado socialmente, este „a gente“ como coletivo de um grupo nacionalmente homogêneo e carregado de poder. „É emergente, está crescendo“. Nota-se a iterabilidade para valorizar o conhecimento eloquente do par. No entanto, há nesta adversativa o tom de quem vive nas “terras tupiniquins” („o povão não é totalmente alfabetizado“), fato gerador de pouco repertório econômico, cultural, social. Tiago classifica a população em mais e menos alfabetizadas e conclui que as menos alfabetizadas são ingratas, ou seja, performance que tende a sedimentar as ideias de Ricardo, interpelando-o a ver o Brasil como potência.

Quando Ricardo, interagente cubano, assume o turno para explicar sobre seu país, toma a mesma postura performática do interagente brasileiro, Tiago. Ricardo usa o *eu acho* e *a gente* como forma de se resguardar da função de ser um sujeito expressando a visão de política de sua nação. E mostra a diferença:

“[...] eu acho que a gente aqui gosta da política, geralmente, mas não votam muito”.

Segue explicando o porquê da possível diferença de visão política, lá é uma carreira. Mas, o mais interessante é que exemplificam a ideia de sedimentação e interpelação com as quais Butler trabalha quando concordam que os americanos já têm uma formação política desde pequenos, porque performaticamente ouviram e vivenciaram a política como carreira. Para mais uma distinção de identidades nacionais, Ricardo mostra que, no Brasil, candidata-se quem quer.

Passadas as eleições, há um diálogo, na interação 5, sobre o vencedor da mesma e a repercussão para o mundo, como evidenciado por Ricardo.

Brasil – atenção mundial!

G: Mas é, ah, o mundo está, está na espera das eleições brasileiras.

A: Uhum

G: É notícia em todas partes.

A: É!

G: Você lê O Economista?

A: Não...

G: Tem ouvido?

A: Sim, eu conheço, mas não tenho costume de ler não.

G: É, eu acho que se quer algumas notícias boas dos Estados Unidos e do mundo é, é, é uma fuente, how do I say fuente?

A: Fonte.

(...)

G: Ah, é, é, é definitivamente. É, e no Economist no info/ em todas partes as eleições do Brasil estão em primeiro plano. O seu país está... Está recebendo atenção mundial.

A: Uau!

Fonte: Inter 5: 157-173

Este trecho elenca a riqueza do espaço de interações do teletandem. Mais do que trocar línguas, os sujeitos que se colocam como par, negociantes de turnos respeitados e perspectivas parecidas, evocam argumentativamente a subjetividade do outro, faz pensar, chama atenção, choca ideias, sutilmente traz a diferença. E o que fica dessa performatividade toda? O que provoca no brasileiro ouvir de um outro sujeito fora de seu contexto, “neutro”, que seu *país está recebendo atenção mundial*? Esta é a riqueza de um aprendizado de línguas além do espaço formal da escola, na conversa a dois ou se discute ou se silencia. Como esta segunda opção não colabora com o projeto, é pouco usada, portanto, a troca de língua e cultura é formativa para a construção subjetiva dos interagentes, deixando-lhes a opção de seguir sedimentado pelas próprias ideias ou hibridizar-se com as novas leituras apresentadas. Movimento mesmo antropofágico, aproveita-se o que se quer pela porosidade de cada sujeito.

Há um trecho na interação 2 que vale ser analisada utilizando da teoria de Bauman (2005), quando da relação da identidade com a estratificação social. Os interagentes conversam sobre uma festa específica dos EUA, *Dinah Short weekend*, e Ricardo questiona qual a classe social a qual Tiago pertence.

Desculpe a pergunta

G: É...E... mas ahm... nas suas... Desculpa pela pergunta, mas... ah...

Você é uma classe média, uma classe baixa ou de uma classe média alta?

A: Classe média

G: Média. Então, então você teve viajado fora do Brasil?

A: Eu fui, uma vez eu morei na China. (...)

Fonte: Inter 2: 96-100

Interessante como Ricardo não é rápido e objetivo na pergunta, há seis pausas evidenciadas pelas reticências, seguidas de *ah*, *mas*, até que pergunta de forma bastante identitária *você é uma classe*. O emprego do verbo *ser* dimensiona o caráter de identidade associado à colocação na sociedade. Por isso, não há como limitar, fracionar estudos sociais com estudos de sujeitos. Esta simbiose está imbricada. O uso do verbo *ser* dá a noção de uma posição fechada, sem oportunidades para mudança, alteração de classe. Tiago responde somente que é classe média, sem aceitar ou refutar as desculpas pelo tipo de pergunta indiscreta.

Ricardo está interpelado ao associar a classe social com as condições econômicas do par que usa o termo *então*, consecutivo, para expressar que, mesmo sendo desta classe, ele viajou para fora do país. Visão interpelada.

Bauman (2005) esclarece esta relação quando diz:

Permita-me comentar que a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no

final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (p. 44)

Ao descrever esse movimento identitário, Bauman (2005) esclarece que há uma política identitária e, por isso, difícil abandonar a classificação dada social e hierarquicamente. Talvez, por isso, a pergunta de Ricardo e a resposta direta de Tiago. Sedimentado nesta classe, sua performance viciosa é para estar interpelado nela, posso ter tais produtos, posso viajar para fora do Brasil ou não, posso comprar um carro ou não. De fato, falamos de identidades que são estigmatizadas. Daí mesmo a necessidade dos estudos de Butler (1990,2004), na tentativa de romper esta estratificação para ver a todos.

3.1.3. Um pouquinho de acarajé para abrazeirar: discussão sobre comidas

Esta seção traz a construção bastante sedimentada para a identificação nacional. A comida, por muito tempo, distingue povos. É tema das atividades festivas no ensino de línguas para ressaltar esta área da cultura de um povo. No que diz respeito a este tema, percebemos mais sedimentações via citacionalidade e iterabilidade de ambos os interagentes.

Na próxima interação analisada, a quinta, transcrevo um trecho maior para depois analisá-lo. Aqui passamos para as dimensões da culinária brasileira e americana a fim de perceber as diferenças nacionais que são interpeladas pelos e para os interagentes. Vejamos, abaixo:

Pergunta pra ele! Acarajé is very famous!: Eles têm o costume de comer...

G: Minéria de Bahia. Ó, eu acho que vou gostar muito dessas coisas. Acarajé, acarajé?!

A: Acarajé is very famous. Acarajé.

G: Ah... Isto é muito, é, aham, isto vai/

A: I'm not like very much because they put too much spicy and things and I don't like spicy in food but most people do.

G: Na Bahia?

A: Na Bahia (afirma com a cabeça)

G: Uhm... E no sul?

A: No sul eles tem o costume de comer bastante carne e comida europeia por causa da influência que a maioria dos alemães, italianos e holandeses ficaram lá pro sul do Brasil, então batata, comida com batata, com repolho.

[... explicação do que é repolho]

A: No, no, no sudeste do Brasil que é Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais a comida é bem variada, é uma mistura de comi/ de culinária italiana, espanhola, mas/ a maioria, grande parte é espanhola, italiana e francesa.

G: Ok.

A: Então a gente tem bastante comida temperada com alho, com é, bastante massa, feijão com vários temperos, temperos franceses, temperos espanhóis, então, tipo, a comida é bem saborosa. Na, acho que a culinária mais gostosa do Brasil é a de Minas Gerais, culinária mineira, deve ser, eu gosto muito. O arroz é bem temperado, o feijão, tem tutu de feijão, tem a farofa, a farofa é bem tipicamente comida mineira. É. Carnes bem temperadas, é bem gostoso.

Fonte: Inter 5: 7-33

Neste trecho há marcas conhecidas de identidades regionais sedimentadas em relação à culinária. Tiago usa a citacionalidade e iterabilidade para os aspectos conhecidos da culinária do nosso Brasil, começando pela chamativa Bahia com suas pimentas e aromas. Este processo de repetição é a iterabilidade. É como se, pela memória histórica, Tiago não pudesse desconhecer tais pratos e comidas e, também, não pudesse falar de outros pratos menos marcantes da identidade regional, como faz na fala „Acarajé is very famous“.

Há dois pares dicotômicos aqui: *a gente* (brasileiro) x *vocês* (estrangeiro) e *lá* x *aqui* marcando diferenças geográficas e culturais concretas. Veja pela fala „Então a gente tem bastante comida temperada com alho“. Tiago marca como é a comida brasileira, e o termo *a gente* demarca, implicitamente, a ideia de que eles não têm a comida tão temperada como a nossa. Isto também se nota pela enumeração de todos os elementos da culinária que são bastante temperados (feijão, arroz, farofa, carnes). Na sequência, Ricardo afirma que *lá*, eles têm um professor de Minas. Então, Tiago diz „pergunta pra ele“. Esta afirmação indutiva é reflexo de um eu que fala por toda uma memória histórica, por aspectos culturais sedimentados por anos e por inúmeros discursos, por isso, a necessidade de uma confirmação. Confirmar estes dados é repeti-los, provavelmente, levando Ricardo a uma possível sedimentação sobre a culinária brasileira, já que este não fala sobre a culinária americana, ou seja, não há comparação, há uma interpelação deste aspecto.

Em outra fala, „no sul eles tem o costume de comer bastante carne e comida europeia por causa da influência que a maioria dos alemães, italianos e holandeses ficaram lá pro sul do Brasil“, há também uma sedimentação da identidade da culinária das regiões do Brasil. O *eles* do trecho remete a brasileiros distanciados deste interagente e o termo *costume* revela explicitamente a sedimentação. Esta ideia está ancorada à ideia de Woodward, no primeiro capítulo de *Identidade e diferença*. A autora diz

Ao ver a identidade como uma questão de „tornar-se“, aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum” (Silva, 29).

O passado comum nos remete a ideia tão bem posta de sedimentação que, por performances recursivas, impedem mudanças, levam a uma ideia hegemônica difícil de sustentar diante de mudanças sociais e econômicas cada vez mais rápidas e significativas. As tensões entre identidades levarão a um deslocamento quando houver choque, quando uma identidade interferir na característica da

outra. É o que percebemos, nem sempre de modo tão claro, acontecer nas interações de teletandem.

Neste percurso de explicitar tal identidade da culinária de regiões específicas do Brasil, Tiago vai trilhando a identidade nacional, mas sem estar tão ligado a ela, pois como não é das regiões nordeste e sul, repete um já-dito (iterabilidade e citacionalidade). Quando se refere a sua própria região, o sudeste, passa a descrever mais tais marcas identitárias.

Falar de comida, de culinária não é uma forma de manter a conversa, é parte do estudo da interculturalidade, uma vez que, a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura. A cozinha é também uma linguagem por meio da qual „falamos“ sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo” (SILVA, 2013, 43). A comparação implícita entre os dois países em questão (Brasil e EUA) em relação à culinária salienta marcas do que é fundamental no teletandem: o desempenho discursivo marcado pela diferença, seja ela explícita ou não.

Assim, esta seção deixa claro que as questões relativas à culinária são as mais sedimentadas e usam dos processos derridianos, citacionalidade e iterabilidade, para marcar as diferenças identitárias com força. O leque de diversidade nesta área chama a atenção dos interagentes, a fim de ser conhecedores desses costumes e, portanto, aproximarem-se mais da nação em contato. Possível busca por conhecer e, assim, pertencer a tais culinárias-nação.

3.1.4. *Ela fala uai sô, ou não?: discussão sobre variação linguística*

Esta seção recorta as identidades nacionais em confronto-contraste para evidenciar formas de dizer, sotaque e variações construídas mais que nacionalmente. Elas são feitas em regiões, mostrando que ter mais formas não descaracteriza a língua portuguesa, pelo contrário, amplia-a, enche-a com mais acessórios (neologismos, nova sintaxe, variações) e, assim, se torna mais acessível

a seus usuários, sem exclusão pela norma. Será que este também é o processo que buscamos analisar na pesquisa? O sujeito (língua) que ganha mais conhecimentos (acessórios) em contatos estrangeiros, perde sua identidade nacional ou, pelo contrário, amplia sua formação passando a ser nacional e híbrido? A linguagem evidencia esse caráter globalizador e contemporâneo nesta simbiose nacional (pertencimento social) e híbrido (deslocamento subjetivo).

Segue trecho da quinta interação.

Sotaque

G: Aqui, aqui nós temos ah, um professor de Minas.

A: Ah, pergunta pra ele.

[...]

A: Sotaque mineiro é demais/

G: Ah, é demais

A: Uai! Ela fala „uai sô“, ou não?

G: Não, não abre a boca. É como que „olá, tudo bem, minhaminhaminha.

A: É, como é que é?! Eles falam bem juntinho as palavras e fala baixinho

G: Exatamente

A: A gente fala que mineirinho, jeitinho mineiro, mineirinho come tudo escondidinho (sorriso malandro)

Fonte: Inter 5: 34-44

Ricardo discute a dificuldade de compreensão da fala do mineiro. Ele é taxativo ao dizer, em dissonância da valorização de Tiago diante do sotaque mineiro, ele „não abre a boca“. Quebra da valorização do sotaque, marca de diferença, silêncio. É interessante perceber que Ricardo não consome tudo que é dito por Tiago como forma única de apreender a cultura brasileira. Ele reflete e questiona, no caso, a dificuldade para compreender a fala mineira, posta aqui, como uma fala diferente da fala brasileira em si. Decorrente disso, eles discutem

as variações sonoras de letras específicas como o /r/ e, então, marcas de identidades linguísticas locais vão se fazendo maiores que as nacionais.

Ainda na discussão sobre o tom do /r/ em diversas regiões do Brasil, Tiago enuncia „Eu prefiro falar porta“ (paulista). Claramente, ele se posiciona diante de várias pronúncias do /r/. Essa performance vai ter validade de acordo com o seu falar *iterativo*. Assim, como pesquisadora, fico pensando qual será, em contextos reais, a pronúncia do /r/ por Ricardo.

Neste trecho, também me chama atenção o uso explícito do pronome em primeira pessoa do singular seguido de um verbo mais forte, mais performativo, que as expressões recorrentes „eu acho“, „eu estou...“, „Eu prefiro“ é um performativo de segurança sobre uma reflexão de política linguística da própria língua portuguesa. Talvez, como estudante de Letras, Tiago tenha maior segurança para enunciar desta forma, o que faz com que seu interlocutor, repita, treine, no movimento de apreensão do termo, de uma identidade linguística variacional.

O trecho seguinte vislumbra as variantes sonoras do /s/, mas foram discutidas na interação 1 deste par quando falavam de sotaque. Vale a leitura do trecho para perceber como as ideias de sedimentação estão postas no linguístico e como Tiago tende a interpelar o par.

Cê tá puxando um pouco do S

G: Não sei de onde é! Que, que você acha do meu sotaque?

A: Cê fala bem até. Cê ta puxando um pouco do S igual o povo de Manaus mesmo. Porque a gente fala o “s” assim tá vendo, “Mais” aí você tá falando “maix”.

G: Sim

A: Português também fala mais. A gente não fala “maix”. Nós de São Paulo não falamos esse “s” com som de “sh”.

G: Pode repetir. Pode repetir. É que o “volume” do computador estava muito baixo. Agora foi que vi. Agora sim escuto.

A: Então, ó... O SH, o som de SH que você tá falando mais, a gente aqui de São Paulo e do sul do Brasil.

G: Como falo?

A: A gente fala o “s” mais sutil mesmo “mais”, entendeu? Quem fala “maix” assim, é português de Portugal ou pessoal do norte do Brasil.

G: Tá bom

A: No Rio de Janeiro fala assim.

G: Oh então Rio de Janeiro falam assim.

A: *Elex* falam assim.

Fonte: Inter 1: 129-145

A sensação de interpelação advém do interagente cubano, Ricardo, ávido pelo conhecimento linguístico da língua brasileira. Ele está aberto a aprender o sotaque que deve ter para se aproximar de um falante competente do português, ele explicita tal necessidade no excerto:

O que você acha do meu sotaque?

G: Ah, tá bom. Eu acho que estas conversas vamos ter vão ser muito, muito boas pra mim aprender um pouquinho mais de como falam os brasileiros. Porque minhas professoras aqui no, nos Estados Unidos, uma foi de Manaus, outra foi de é, de São Paulo. Acho estudou na Unesp, actually, e ah... Outra é de Portugal. Então tenho... *Meu sotaque não sei de onde é.*

A: (ri alto) hahaha.

G: Não sei de onde é! Que, que você acha do meu sotaque?

A: Cê fala bem até. Cê tá puxando um pouco do S igual ao povo de Manaus mesmo. Porque a gente fala o “s” assim tá vendo, “Mais” aí você tá falando “maix”.

Fonte: Inter 1: 123-131

Aqui fica interessante que a identidade nacional vista no linguístico está descentrada, não há uma forma normatizada de falar português, disso, a busca de Ricardo de saber que sotaque deve ter para/na fabricação de identidade híbrida. Percebe a fabricação de um sujeito que ganha conhecimentos que silenciam, por momentos, sua identidade nacional para caber a formação de outras que abranjam

política, variação linguística, elementos da culinária como um emaranhado cultural que estampa a identidade nacional do país.

Concluindo a análise deste par, fica cada vez mais evidente que não é possível dissociar sujeito da fala. Por isso, entender atos performativos alongados a ideia de performatividade é crucial para ver além do que é pronunciado por cada interagente de teletandem em seu turno.

3.2. Parceria 2: Brasileira e estadunidense

CARACTERÍSTICAS	Interagente B	Interagente J
Denominação fictícia	Beatriz	Jeremy
Nacionalidade	Brasileira	Estadunidense
Idade	18 anos	24 anos
Línguas estudadas	Português, inglês	Espanhol, inglês, português
Formação acadêmica	Letras – Universidade pública do interior paulista	Administração - Universidade particular

Quadro 5: Características dos interagentes – Par 2

3.2.1 *Sério?nunca vi isso*: discussão sobre identidades

Este subitem é inicial para compreensão maior de nosso par, denominado par 2 devido a sequência de contato com os dados. É neste espaço que aparecem as atividades, gostos e práticas sociais de cada um. Beatriz é estagiária na universidade, no centro de línguas como obrigação de uma das disciplinas que faz como dito no excerto abaixo

Eu tenho que ter experiência

J: Onde você trabalha?

B: Ah, eu trabalho aqui, é só estágio, não é remunerado. Mas eu preciso trabalhar por causa de uma matéria, eu tenho que ter experiência. É uma matéria da própria faculdade, do meu curso

Fonte: Inter 2

Os termos ah, só e a expressão „não é remunerado“ salientam o certo desprestígio do estágio, não está consagrado como trabalho para muitos jovens brasileiros que o cumprem por obrigação curricular, tal como pensa Beatriz ao se expressar com tais termos.

É a primeira vez que Beatriz participa do teletandem e, pelos vídeos, se mostra bastante ansiosa, pois em todo o tempo da interação fica mexendo a cadeira ou então mexendo nos cabelos. Embora, não utilizarei as imagens para as análises da dissertação, foi a primeira vez que vi as interações por vídeo, fato que me instigou a usar este instrumento em outras pesquisas.

No início das cinco interações gravadas e utilizadas para esta análise, os interagentes falavam o que tinham feito durante o final de semana e Beatriz sempre dizia de suas idas à igreja. Das três parcerias em análise, só apareceu referência à religiosidade com este par. A recorrência do tema religiosidade foi o que mais me chamou a atenção. Por isso, trago este excerto

A igreja

J: O que faz na igreja?

B: eu toco, sou organista. Toco órgão e teclado. Canto, tem a palavra

J: oh, legal, legal

J: na nossa igreja tem reunião todo domingo. Dura 3 horas

Fonte: Inter 2

Beatriz está interpelada a falar disso porque, pela recorrência ao assunto, isso lhe deixa pertencente ao novo espaço onde mora, Assis, e ao novo espaço

virtual do qual faz parte, o teletandem. Jeremy, por ser religioso como dito no trecho da segunda interação (não temos muitas atividades na minha igreja. (...) Minha reunião – na igreja – começa às 13h e vai até às 16h), partilha com ela deste universo, mas também percebe a recorrência constante ao assunto religiosidade e às idas constantes de sua parceira brasileira à igreja.

Para Woodward (2013), os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (p.18). A fala de Beatriz gira em torno desse espaço comum para os dois que é a religião. O teletandem está aberto a muitas temáticas e esta é recorrente porque dá a Beatriz a possibilidade de se posicionar com sua própria voz, carregada de interpelação.

As concordâncias feitas por Jeremy vêm com a mesma forma: „legal, legal“. Este termo é bastante aberto, não há uma crítica ou mesmo discordância do que fala Beatriz. Legal, legal pode indicar uma interjeição para não deixar o assunto pendente e/ou poder finalizá-lo. Com as teorias que sustentam esta dissertação, esse uso pode significar que a prática dela não o interpelará, é particular dela, portanto, ele só acha „legal“. Destaco que essa expressão é bastante usada por Jeremy, o que leva a mudança de assunto ou acréscimo, concordância, do mesmo assunto por parte de quem vivencia a prática dita.

Na terceira interação há um momento da interação destinado a falar sobre shopping e a participação das mulheres neste espaço. Notadamente, o gênero fica em evidência para uma fala carregada de sedimentações por ambos. O assunto começa com Beatriz falando de cinema e Jeremy traz suas ideias

A pizza em cone, um híbrido

J: as mulheres gostam de entrar no shopping e experimentar, colocar todas as roupas

B: É, todos os sapatos. Eu sou assim também. Peço todos pro vendedor e so levo um.

J: E eu falei para elas que quando eu entro, os homens são diferentes

B: É, entra numa loja pra comprar

J: Sim, já sabe tudo o que vc quer comprar

B: É, agora mulher não, gosta de ver e experimentar

J: é, eu fico zuando um pouco, depois eu fico no shopping por muito tempo, fico nervoso, quero sair bem rápido.

B; vc não gosta? Nossa, eu adoro. Se precisar passar uma tarde toda, eu passo numa boa.

J: dor de cabeça, eu tenho dor de cabeça grande dentro do shopping

B: enxaqueca. Ou so de vez em quando que da dor de cabeça, quando tá dentro do shopping

J: Muitas pessoas correndo, bem rápido, muitas coisas eu so quero comer e sair bem rápido

B: Ah não eu gosto de comer, de ficar andando, eu gosto muito de Mc, McDonalds

J: ah tá

B: Aqui em Assis não tem, acredita?! Só tem Bob's

J: ah Bob's, eu gosto de Bob's

B: É bom o Bob's mas ainda prefiro o McDonalds, acho os lanches mais gostosos. Eu gostava de Burger King também

J: Ah, tem aí Burger King? (aponta com o indicador para a tela)

B: Não aqui so tem Bob's, em Assis, mas em Sorocaba, onde eu morava tinha Burger King, Bob's, McDonalds

J: Ah, legal, legal. Tinha um outro em Belém chamado, tinha um nome árabe

B: Habib's

J: Habib's, é fomos lá muitas vezes

B: é é muito bom também. No Habib's é bom a esfiha de lá, o lanche não é tão bom assim, mas as esfihas são muito boas

(...)

J: Também nós fomos para Pizza Hut

B: Nossa Pizza Hut é muito bom

J: é é

B: Aqui em Assis eu ainda não encontrei, mas em Sorocaba tem. Eu gosto daquela em cone da Hut

J: aham, o cone?

B: sabe a pizza em cone. Ai nos EUA tem?

J: Como se diz em cone?

B: é... eu não vou saber traduzir, mas ao invés de ser uma pizza redonda

J: aham

B: é uma pizza igual na casca de sorvete, sabe o sorvete do McDonalds

J: sério?!

B: A casquinha (faz a imagem em v com as mãos), sabe

J: aham

B: então é todo o recheio da pizza dentro daquela casquinha, mas a casquinha é a massa normal da pizza redonda, entendeu?

J: sério?! nunca vi isso

B: Nossa, é verdade lá em Sorocaba, na Hut, eu comia essa pizza

J: Ah, legal

B: bem legal

Fonte: Inter 4

A visão de Jeremy sobre a ida e atividade nos shoppings para, especificamente, as mulheres é distinta de seu par, também uma mulher, mas brasileira. Neste momento, eles precisam falar representando todo o país porque isso traz a marcação da diferença - aqui é assim e aí, diferente. O processo de diferença evidencia a identidade nacional, mas esbarra nos elementos advindos da globalização e conhecidos por ambos e por nós via citacionalidade. Eles citam *McDonalds*, *Burger King*, *Habibs*, *Pizza Hut*, inclusive, o shopping como lugares hegemônicos construídos com pilares de poder da globalização.

No extenso excerto, acima, Beatriz se compara às amigas de Jeremy que quando vão ao shopping querem experimentar tudo (roupas e sapatos). Bem, portanto, fica claro pela troca de turnos que as mulheres desempenham um papel no shopping diferente do homem, Jeremy, ou dos homens no geral, como ele diz, „os homens são diferentes“. Comparação para marcar uma diferença sedimenta pelos papéis sociais de gênero.

Beatriz se mostra surpresa quando Jeremy começa a dizer que não gosta de passar muito tempo no shopping, isso lhe dá dor de cabeça. Para ela, tal fala desconstrói a ideia imaginada de que, importado dos EUA, os shoppings não são tão interessantes para passar horas e horas. Ressalto esta ideia com os dados:

Distinções sobre o shopping

B; você não gosta?

B: Nossa, eu adoro. Se precisar passar uma tarde toda, eu passo numa boa

J: dor de cabeça, eu tenho dor de cabeça grande dentro do shopping

B: enxaqueca. Ou só de vez em quando que da dor de cabeça, quando tá dentro do shopping

J: Muitas pessoas correndo, bem rápido, muitas coisas eu só quero comer e sair bem rápido

E com a citação de Woodward no capítulo primeiro do livro *Identidade e diferença* (2013), a diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas (p.21). Fica claro o espanto, mais que a surpresa, indicando uma identidade estadunidense imaginada por ela. Ele, morador dos EUA, amaria os shoppings.

A identidade imaginada é quebrada e justificada, ele não gosta de ficar muito no shopping porque tem muita gente e vai com um propósito estabelecido, comer ou comprar algo determinado. Por isso, performaticamente, se coloca como um sujeito, não estereotipado, tal como imaginado por Beatriz.

Ainda no excerto apresentado, o par discursa sobre a área de alimentação que é comum aos dois, pois ambos conhecem o *Burger King*, *Habib's*, *Pizza Hut*. Novamente, é o espaço referente à comida que os deixa mais à vontade para falar. Neste par, como a comida não é nacional, é globalizada, é fácil compartilhar do assunto. É diferente do par anterior, no qual Tiago fez referência à comida baiana, com seus cheiros e pimentas, ou seja, o outro corria o risco de não conhecer por ser tipicamente nacional e, então, interpelar-se ou não com isso.

Bauman (2005) traz sua ideia bastante pertinente para a análise desse trecho.

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso. (p.30)

É notório, desde o excerto anterior, o uso de *eu* para marcar a diferença com o gosto pelo shopping e o uso de *nós* para ter o acesso aos elementos comuns, aos dois, fabricados pela globalização. Com dito por Jeremy: „Habib“s, é **fomos** lá muitas vezes. (...) Também **nós fomos** para Pizza Hut“.

Jeremy pode fazer tal identificação porque vivenciou o espaço globalizado no Brasil, no período que fez intercâmbio. Por isso, esse „nós“ inclui ele, inserido em Belém, com a cultura da culinária globalizada.

O que parece natural, segundo Bauman, é a fala de lugares e sabores conhecidos e identificados como ou nacionais ou globalizados. Assim, a fala de ambos é segura, sem pausas, tornando-os pertencentes ao mundo deslocado pela globalização.

No excerto apresentado, marca-se o momento no qual estamos. Há a mudança de paradigma de produção para o de circulação. Tal sujeito passa a ter fronteiras menos perceptíveis, referências mais diluídas para ganhar novas e o aumento da noção de mercado, como visto pela imagem do shopping e dos elementos da culinária globalizada (*McDonalds, Pizza Hut, Burger King*).

Com esta seção, Jeremy e Beatriz são analisados como sujeitos numa processualidade, segundo as ideias de Deleuze e Guattari, que não se estabiliza de maneira definitiva, porque ora é eu ora é nós no discurso de pertencimento social. Através da interação no teletandem, o par é posto a se comparar, a se confrontar e, assim, as ideias de fora (social) passam para o dentro (individual) levando-nos às subjetividades dos pares.

3.2.2 *Eu nunca provei a pizza doce nos EUA: discussão sobre comida*

Este subitem, recorrente nas discussões identitárias dos outros pares, é ímpar para demarcar a diferença entre nações e também, trazer o hibridismo à cena.

Fazendo um gancho com as ideias culinárias trazidas acima, na quarta interação do par 2, a pizza chega à mesa. Sendo um elemento híbrido, apontará diferenças na sua concepção.

Aqui o popular é...

J: Isso é coisa interessante sobre o Brasil. Eu nunca provei a pizza doce nos EUA. Eu fui lá em Belém e gostei. Comi pizza de chocolate e banana.

B: Chocolate com banana. É gostoso. Eu gosto de goiabada com queijo ou de brigadeiro ou coco. É muito bom.

J: É... é gostoso. Gostei muito.

B: é gostoso

J: E também tem outras pizzas diferentes aí como... aqui o popular tipo de pizza é só queijo

B: só queijo

J: só queijo

B: Eu gosto, tipo quatro queijos assim ou só mozzarella

J: Aqui, geralmente, tem só um tipo, talvez dois tipos de queijo

B: ah entendi. Eu gosto daquela que tem 4, 5 tipos, que é bem recheada, catupiry, mozzarella, provolone, vários queijos.

J: Mas, aí em Belém, tem como frango

B: É eu vejo pizza de frango, carne moída também

J: aham

B: conhece?

J: Aham

B: Aquela carne seca, carne de sol?

J: Isso é muito único aí e aqui não tem

B: Nossa, eu não sabia. Interessante

J: Pelo menos não é muito popular

B: Popular, ah entendi

J: Mas também a pizza de lá as pessoas usam catchup. Não gostei muito, depois provei e sempre usava

Fonte: Inter 4

Há duas referências do par pertinentes à pesquisa. Ele nunca viu ninguém em Belém comer omelete e ela prefere as comidas congeladas, já que está imersa no contexto de primeiro ano de universitária, morando longe da família. Ela ganha neste aspecto, características mais globalizadas e ele busca um elemento de sua cultura em outra, buscando características da globalização no movimento de romper fronteiras que ele já fez: sair dos EUA e ir para Belém.

A pizza se torna, assim, um elemento híbrido, porque traz várias características, além da original. Essa mescla, novidade e estranheza sobre a pizza é trazida pelo próprio Jeremy no início do excerto, „Isso é coisa interessante sobre o Brasil. eu nunca provei a pizza doce nos EUA. eu fui lá em Belém e gostei. Comi pizza de chocolate e banana“.

A sensação com tal trecho é que a própria pizza metaforiza o estudo em questão. A massa simboliza o sujeito que recebe os recheios, cultura, língua ancorados no social. É degustada por outros, evidenciando sua nacionalidade se *olhar* para os elementos que a constitui, como referentes (chocolate e banana). Evidencia-se a subjetividade ao comer, ao sentir o sabor, que pode ser mais híbrido ou mais “tradicional”/sedimentado, só mozzarella, como disse Jeremy.

Na temática das comidas, recorrente nas três parcerias analisadas, há o agenciamento com os novos elementos e sabores que compõem os pratos, mas para isso, há também uma valorização da culinária nacional. No excerto, acima, o que é brasileiro é a carne de sol que foi para o recheio da pizza, dando a esta última sua possibilidade de ser híbrida. Igual processo ocorre com os interagentes.

Chama atenção a expressão de Jeremy: „(...) aqui o popular tipo é (...)“. O termo popular se transfigura no que é sedimentado, conhecido, instaurado como comum. No jogo da interação, Beatriz e Jeremy discutem o que é mais e menos popular em seus espaços sociais. Daí, a categorização dos tipos de pizza que carregam suas nacionalidades e, pela disseminação dessa comida, hibridismo.

O trecho abaixo corrobora para mais análises.

J: Isso é muito único aí e aqui não tem

B: Nossa, eu não sabia. Interessante

Estre trecho da quarta interação ressalta o movimento ou efeito empreendedor virtual do teletandem. Em poucos minutos lança sujeitos a uma nova visão de mundo, conhecedores de outros sabores de pizza e de outras práticas. Trago outro excerto com tons de comida para seguir percebendo as subjetividades em interação.

B: Você come pouco no café da manhã ou aí é comum? Porque sempre que eu vejo em filme americano o café da manhã é reforçado.

J: É, não sei ... depende da pessoa. Eu nunca comi um café da manhã muito grande. Sempre foi bem rápido com um cereal, um leite. Talvez um yogurt e, as vezes, ah, como se diz, aveia

B: Aveia... eu gosto de mingau de aveia e leite condensado

J: é gostoso

B: Mas eu como no frio que é uma coisa que esquenta comer. Gelado não fica bom

B: fica muito bom

J: eu sempre como quente

Fonte: Inter 5

Beatriz traz sua referência de café da manhã estadunidense construída efetivamente pelos filmes. Aqui já há um indício de como a cultura norte americana foi consumida por nós brasileiros, no movimento antropofágico-subjetivo de cada um. Há uma imagem idealizada pelas telas fílmicas que os estadunidenses comem muito no café da manhã, ideia sedimentada pela recorrência dos filmes e outros meios.

Jeremy já particulariza essa prática para cada pessoa, „É, não sei...depende da pessoa“. Assim, pela performatividade, ele sai dessa ideia sedimentada e se coloca singularmente, „Eu nunca comi um café da manhã muito grande. Sempre foi bem rápido com um cereal, um leite“.

Interessante o caminho da estratégia linguística para referendar o estilo do café da manhã (comer pouco/muito, ser reforçado x ser grande).

Aqui, a identidade nacional do americano que come muito no café da manhã é desconstruída. Provavelmente a visão da mesa farta com omelete, bacon, leite, queijo, pão é desconstruída para um simples cereal e leite. Ainda uma refeição rápida e não demorada para conseguir comer toda a mesa imaginada.

As análises feitas com este par, par 2, são menores pois suas temáticas centraram em torno da rotina de Beatriz, principalmente do final de semana, e consequentemente da de Jeremy, embora ele falasse menos de suas atividades. Interessante deste par é que ele era o que mais fazia as perguntas temáticas, ou seja, ele que buscava assuntos para a interação acontecer. Há pouca interferência do inglês na sua produção oral, o que denota maior proficiência dele na língua portuguesa, provavelmente pelo fato de ter feito intercâmbio para cá. Ficou em Belém e conheceu de perto língua, costumes e comidas, como salientei anteriormente.

Eles concordam bastante com as falas que remetem a um lugar-comum, real ou idealizado como no caso do café da manhã. Por isso, Beatriz parece mais sedimentada, mais pertencente a seu mundo nacional, mas também povoado pelos elementos globalizados e híbridos. Talvez isso seja notório por estar na tentativa de pertencer a um novo lugar e espaço acadêmico. Ela está no primeiro ano da faculdade, morando longe dos países e (re)fabricando algumas ideias, pela vivência real em Assis que não tem *Pizza Hut* e nem *Burger King* (o *Mc Donald's* abriu há três anos em Assis na avenida principal) como por sua participação no teletandem. Por esta participação ela promove ressignificação dos estereótipos que construiu, fica mais perto da cultura americana pela voz de Jeremy e mais porosa subjetivamente.

3.3 Parceria 3: brasileiro e estadunidense

Esta parceria está formada por Orlando, brasileiro, professor de Educação Física. Ele já mostra uma proficiência na língua e valoriza as interferências de

outras línguas, no caso, o inglês e o espanhol, na troca de turnos que acontece nas cinco sessões de interação que acontece com ele e Ashley. Ashley é estadunidense, mas seus pais são cubanos. Por isso e também pela proximidade do espanhol com a língua portuguesa, ela usa daquela como suporte para sua comunicação. Ashley cursa Biologia, trabalha como vendedora, gosta de dançar, viajar e gostaria de só estudar. A referência ao trabalho é constante para marcar sua falta de tempo para diversas atividades.

É Orlando quem mais toma o turno para inserir perguntas temáticas. Ela responde, concorda, questiona linguisticamente e, às vezes, culturalmente determinadas expressões. O uso do espanhol para sua enunciação no teletandem evidencia sua identidade nacional híbrida. Ashley é porosa para as culturas que habitam e são ditas por essas línguas.

Segue o quadro abaixo, elucidando as características identitárias desta terceira parceria, Par 3. A utilização dos dados do Par 3 tem a finalidade de trazer um contraponto, para sair do binarismo que a dissertação também traz com os movimentos de marcação da diferença entre dois (pares) e entre o movimento de pertencer e deslocar (também dois movimentos).

Ter a possibilidade desta análise aumenta a análise dos dados para além da equação 1+1. Daqui para à frente, partiremos para um terceiro par, a fim de buscar mais porosidade nestes interagentes.

CARACTERÍSTICAS	Interagente C	Interagente D
Denominação fictícia	Orlando	Ashley
Nacionalidade	Brasileiro	Estadunidense (pais cubanos)
Idade	53 anos	21 anos
Línguas estudadas	Português, inglês	Espanhol, inglês, português
Formação acadêmica	Professor de Educação Física. Participante do Teletandem (interior paulista)	Biologia - Universidade particular de Miami

Quadro 6 : Características do interagentes – Par 3

3.3.1 *Nunca? nunca*: discussão sobre identidades

Começo a análise dos três casos pela temática das identidades porque assim descortinamos as subjetividades que transitam neste espaço virtual. Aqui, não é só a identidade nacional que está em foco. As identidades dos sujeitos aparecem pelas temáticas iniciais de parte de cada uma das parcerias. Dizer como foi o fim de semana, as atividades que faz ou fez, o que gosta foram temáticas constantes nas três parcerias. No caso, destes dois interagentes do par 3, eles discutem sobre um “feriado global”, ao pensar sua vivência além do Brasil. A Páscoa também ganha sua celebração no teletandem, como um elemento tradicionalmente vivificado por ambos. É a “forma de vivenciá-la” que legitima a nacionalidade de cada par.

Conta como vocês participam da Páscoa

C: ah sim ontem né? é tradicional entre nos católicos né?

D: sim

C: ah muito aqui no Brasil todo mundo eh participa né o pessoal né

D: você celebrou?

C: ah sim com a família claro né a Páscoa ((risos))

D: sim eu também ((risos))

(...) problemas de som e imagem

C; ah gravação é? ah então, Ashley, conta como é que vocês de (cidade americana) participam com a Páscoa? vocês reúnem as famílias?

D; Ah eu tinha um churrasco?

C: ah sim

D: com minha família

C: ah

D: e na praia

C: a na praia?

D: sim e você?

C; oh não é bem churrasco mas é também houve entre amigos também algum churrasco né as vezes. mas é almoço normal com a família

D: sim eu

C: mas é em casa (.) agora ah tem uma tradição católica que não pode comer carne na sexta feira(.) pra vocês também é a mesma coisa?

D: sim eu não comi carne.

C: e quando que você não comeu carne? na sexta durante a sex?

D; sim solamente na sexta feira

C: ((risos)) só na sexta feira? ((risos))

D: eu sábado e ah domingo comi muita carne

C: ah é? é churrasco? e muito na praia então é?

D: sim

Fonte: Inter 1: 28-63

Orlando apresenta uma curiosidade por conhecer a forma como Ashley celebrou a Páscoa (como possível representante de sua nação).

Ele também alinha este feriado à religião. Porém, só exalta a relação da Páscoa com os católicos, sem entrar no campo da prática religiosa, como fez Beatriz, do Par 2.

Ashley contesta que celebrou a Páscoa com um churrasco com a família, na praia. O termo churrasco e praia expressam uma performatividade para Orlando. Para ele, interpelado pela tradição católica, não se deve comer carne e por viver numa cidade do interior paulista, a ideia da praia se torna diferente. Ashley é contraditória nas respostas. Provavelmente, insere em Orlando uma visão de Ashley menos tradicional, menos sedimentada. A contradição dela se resume em comer carne na sexta feira da Páscoa. Inicialmente, ela diz que celebrou a Páscoa com um churrasco e depois de questionada por Orlando sobre a „proibição“ da carne para este dia, diz que não comeu. É possível que os questionamentos feitos por Orlando, com tom crítico, evidenciem suas sedimentações e seu pertencimento um tanto “rígido” à Páscoa.

Suely Rolnik (1997), em seu artigo “Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização”, traz uma ideia respeitosa diante do contexto globalizado do qual Orlando talvez não tenha percebido na sua totalidade. Ela diz

O que se coloca para as subjetividades hoje não é a defesa de identidades locais contra identidades globais, nem tampouco da identidade em geral contra a pulverização; é a própria referência identitária que deve ser combatida, não em nome da pulverização (o fascínio niilista pelo caos), mas para dar lugar aos processos de singularização, de criação existencial, movidos pelo vento dos acontecimentos. (p.21)

Rolnik (1997) salienta as identidades locais e globais com suas nuances também trazidas aqui, por exemplo, com os elementos globalizados como parte das identidades globais. As identidades locais e fixas são mostras do que, nesta dissertação, elencamos como ideias sedimentadas para causar pertencimentos.

Seguindo com as trocas de turnos, chegamos a mais um ponto de análise com um elemento comum ao Par 1. Orlando pergunta sobre os hobbies de Ashley e a referência a cruzeiros incita-a a conhecer os cruzeiros por águas brasileiras.

Segue o trecho da primeira interação.

D: eu gostaria viajar

C: é

D: oh como se fala um cruise? um cruiese? cruzeiro?

C: cruzeiro cruzeiro isso cruzeiro

D: cruzeiro?

C: é é por por mar né?

D: sim sim

C: por mar ah sim ah sim

D: oh eu vou a viajar por cruzeiro

C: cê ta planejando ou

D: sim estou planejando com minhas amigas

C: ah sim pro Brasil?

D: não ((risos))

C: ((risos))

D: mas não no sei donde estamos planejando

C: ah sei aí pelo golfo do México deve ter bastantes cruzeiros dessa forma, né?

D: sim

C: ah

D: esses são mais baratos

C: ah sim talvez eh talvez você gaste assim quinhentos dólares né numa viagem dessa

D: ah sim mais ou menos

C: ah tem cruzeiro também pelo Brasil

D: ah sim?

C: passando por Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, só que cê tem que ter mais tempo, né?

D: sim, na cruise, cruise?

C: cruzeiro

D: mas no cruzeiro que ah estamos planejando é solamente por três dias

C: ah sim

D: três dias

C: mas já é bom, né?

D: Três dias ah não tenemos tempo

C: é eu sei eu sei, quando você se formar mas cê também te tem férias, né? cê tem férias da faculdade e também férias da, da, do trabalho, né?

D: Sim do trabalho, sempre

C: Ah tá... trabalho sempre, oh nos Estados Unidos trabalha bastante né? ((risos))

D: sim

C: no Brasil muitos a maioria só estuda na universidade

D: oh eu quisera?

C: sim

D: eu quisera ser só estudante solamente

C: é ::então

(...)

D: você há viajado por cruzeiro?

C: não não não viajei não

D: nunca?

C: nunca

D: wow nossa

O cruzeiro suscitado por este par é diferente do Par 1. Lá, o cruzeiro aparecia como uma possibilidade de trabalho, mas evidenciou a mesma questão linguística, como escrever na língua portuguesa e pronunciá-lo.

Como resposta a um dos hobbies de Ashley vem seu desejo por viajar e especificamente, por um cruzeiro. Assim, ela repete o termo tanto em inglês como em português, na tentativa, em português, de aprender tal palavra e em inglês, para consolidar a ideia do cruzeiro (por mar, né). Deste elemento, além mares e fronteiras, talvez por isso também recorrente em duas parcerias, surge a discussão sobre cruzeiros baratos e caros, rotas e duração, o que leva, principalmente, a dimensionar o espaço de Ashley que fará a viagem.

Além do hobby vem a questão do trabalho e a necessidade de uma comparação nacional. Como Ashley sempre diz que trabalha muito e, por isso, tem pouco tempo para o lazer. O trabalho fica em foco.

Orlando diz, por sua vivência e visão de mundo, talvez da posição de sujeito que ocupa como professor em uma universidade pública, que, no Brasil, as pessoas só estudam, não combinam trabalho e estudo. Daí, a relação de que, por Ashley vivenciar esta combinação também, os Estados Unidos trabalhar bastante, metonimicamente. Ou seja, brasileiros trabalham pouco e estadunidenses, muito. Ideias cheias de sedimentação porque é notório, pela globalização estampada na mídia (internet, filmes, revistas e jornais), que essa assertiva não é global e real a todos.

No final do excerto, Ashley se surpreende ao descobrir que Orlando nunca viajou por/em cruzeiro. O espanto, „wow nossa“, pode indicar uma imagem sendo desfeita. Ele discursa sobre cruzeiro, preços e rotas, mas não, efetivamente, fez um cruzeiro. Possivelmente um espanto cultural.

Silva (2013) no capítulo 2 “A produção social da identidade e da diferença” do livro *Identidade e diferença*, organizado por ele, remete ao que vimos

As identidades nacionais funcionam , em grande parte, por meio daquilo que Benedith Anderson chamou de “comunidades imaginadas”. Na medida em que não existe nenhuma

“comunidade natural” em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. E necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum. (p.85)

Portanto, quando pensamos no estrangeiro, imaginamos sua cultura mostrada num índice de elementos culturais expressos pelo linguístico. Os laços imaginários recrutam identidades e faz todo indivíduo pertencer a dado espaço/nação e a se deslocar diante de outros, porque aí são outros sentimentos que inauguram um novo comum, ou seja, mostrado um novo mundo, via interpelação, iterabilidade e citacionalidade, este passa a ser comum. Caminho da globalização.

Outro excerto necessário para percebê-los pelas identidades e subjetivamente é o seguinte

Aqui o shopping é muito crowd

C: Mas um detalhe, Ashley, no Brasil as pessoas vão ao shopping não para comprar

D: não?

C: não vão mais pra se reun o passe pra se encontrar pra ver as pessoas, passear no shopping, local de passeio

D: oh, passeio

C: é aqui o shopping é muito crowd

D; oh, crowded

C: very crowd

D; como se diz crowded?

C: é deixa eu ver em português, é muitas pessoas, por exemplo, é, muita, uh, muitas pessoas, é, crowd, é, muitas pessoas juntas, né?

D: oh, okay, a lot of people

C: a lot of people, yeah, a lot of people, nos Estados Unidos, na cidade estadunidense onde está localizada a UE ou em todos os Estados Unidos, as pessoas vão, compram e voltam, né?

D; sim

C: é no Brasil não, as pessoas vão e ficam ali três, quatro, cinco horas passeando

D: wow

C: é as pessoas aqui são mais free

D: ((risos))

C: assim como você falou

D: ((risos)) muito free

C: é muito free, eles vão pra namorar, fazer coisas nesse sentido, é muito diferente, não é bem parecido, é bem diferente

D: e hay muitos shoppings em Brasil?

C: Sim, bastantes shoppings, talvez similar aos Estados Unidos

D; oh, ok, ok

C: hoje virou aqui no Brasil é moda

D: moda?

C: é, fad, fad

(...)

C:uh todas as cidades de porte médio têm um shopping, um mall, um shopping, a building, e as pessoas

D: sim igual na (cidade onde está localizada a EU)

C: é é, então todo mundo vai ao shopping pra passear, né, tomar sorvete e depois compram, né? já nos Estados Unidos, as pessoas vão, compram e voltam

D: sim, e, a gente, as pessoas não gostam estar em shopping

C: ah não gostam?

D: por muito tempo

C: ah não gostam?

D: não, não gostam

C: no Brasil gostam ((risos))

Fonte: Inter 3: 89-134

A ideia do shopping („mall“, em inglês) volta para estabelecer um lugar comum hoje, mas trazido dos Estados Unidos, ou seja, comparação para ver as semelhanças entre Estados Unidos e Brasil, porque poderia ser incomum para um país sem shopping. Mas Orlando já diz que não é bem parecido pela função dada por cada nação, numa visão geral. Talvez, Ashley entenda, neste contexto da interação, o espaço físico do shopping e não o espaço comercial exaltado por

Orlando. Novamente, ele se constitui brasileiro para poder falar com propriedade do Brasil. Portanto, elenca que as pessoas vão ao shopping para passear, namorar, se encontrar, conseqüentemente, os shoppings brasileiros é muito cheio, „crowded“.

Neste momento da interação, Ashley pouco fala, porque Orlando não tem dúvidas das diferenças entre o shopping brasileiro e o norte americano. Ela ancora para mais descrições de Orlando e repete em tom interrogativo o que não entende. Explicada a expressão, Orlando segue interpelando-a a conhecer os shoppings brasileiros por sua visão. Seus turnos trazem simplesmente atos performativos, ele repete o que traz em sua memória histórica e discursiva sabendo bem de onde fala. Ou seja, por estar no teletandem, precisa fazer boas relações e relações reais a fim de mostrar a ela nossa cultura.

Com a temática do shopping, entra a análise de Orlando de que os brasileiros são *free*. Esta palavra não leva tradução para a conversa, porque, possivelmente, ganharia um tom negativo. É Orlando quem define, caracteriza o brasileiro. E, então, o bem parecido (dos *fast foods*, mais abaixo) se transforma em bem diferente (shopping).

A subjetividade de Orlando favorece essa postura descritiva, porque é morador e conhecedor e avaliativo do que falar, porque já viajou ao Estados Unidos (ouviu e viu). Mas, transparece a valorização que dá a tudo que vem dos Estados Unidos e uma desvalorização do Brasil que tende a copiar transporte, comidas e espaços como dito por ele. Hall (2013) evidencia esse processo quando diz, no capítulo 3 de *Identidade e diferença*, que

(...) que elas (identidades) não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (p. 108)

Orlando traz um discurso cheio de vozes de outros que pensam da mesma forma, os brasileiros são *free* e vão ao shopping só para passear. Ashley se surpreende com a quantidade de tempo que os brasileiros, generalizados, passam

no shopping, mas não tece nenhuma crítica. Diz e repete que lá, as pessoas não gostam de estar no shopping por muito tempo. Percebo, com estas recorrências, que a ideia de tempo passa a ser trabalhada neste processo constante de comparação “proposto” pelo teletandem.

Por isso, mais um excerto com a ideia de TEMPO e *FREE*.

O rio é o centro do turismo – Rio free

C: as pessoas vão muito à praia, né?

D: todos os dias?

C: todas as horas

D: wow ((risos))

C: ((risos)) people free

D: people free? ((risos))

C: ((risos))

D: mais free, mais free que a cidade estadunidense onde está localizada a EU?

C: ah, talvez seja mais free, porque os americanos, vocês trabalham muito, o Brasil trabalha menos, as pessoas vão muito na praia, passear na praia

D: e por quê? por que será?

C: uh é cultura, né, é cultura

D: sim, como eu trabalho muito

C: muitos, oh sim, mas no Brasil as pessoas não trabalham muito. Então as pessoas têm mais tempo de passear, né, e também há muitos americanos no Rio, cê vai encontrar um monte de falantes de inglês no Rio

D: ((risos)) em Rio?

C: ah sim

D: más que São Paulo?

C: mais que São Paulo

D: oh wow

C: porque o Rio é o centro do turismo no Brasil e também no mundo, né, mais do que (cidade estadunidense onde está localizada a UE) ainda, né?

D: oh yeah

C: é porque (cidade estadunidense onde está localizada a UE) é bem ma é muito muito, Rio é sete milhões de habi de pessoas

D: oh wow, sete?

C: milhões

D: milhões

C: é muita gente, então, é

Fonte: Inter 3: 277-306

As comparações elencadas por Orlando, neste excerto, vinculado a toda sua expressão são:

- ✓ Pessoas *free* no Rio x pessoa free na cidade de Ashley;
- ✓ americanos trabalham x brasileiros vão à praia;
- ✓ Rio mais falantes de inglês x São Paulo menos;

Escolho expressar com pares binários o que desejo ressaltar porque este é o caminho da diferença. Como disse Woodward (2013),

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”). (p. 50-1)

As ideias sedimentadas de Orlando são expressas carregadas de uma visão excludente, valoriza-se um elemento do par binário em relação ao outro. Para ele, o melhor, mais aceitável e bem visto socialmente são as pessoas *free* americanas que trabalham mais que vão à praia e os cariocas que falam mais inglês que os paulistas. Mas será que isso é notadamente verdade? A referência que Orlando tem é sua percepção de mundo, sua formação, mas ele não traz dados concretos para poder afirmar que no Rio há mais falantes de inglês e, ao mesmo tempo, desmerecer muitos brasileiros que trabalham por tempos. Minha pergunta provoca

a vê-lo como sedimentado na postura de valorização dos Estados Unidos. Parece que ele também está se montando em um mosaico de cópias americanizadas.

Aproveitando a citação de Woodward, a forma de enxergar o binarismo, quando da exaltação da diferença, permite adentrar no sujeito mais poroso, portanto, a vivência do outro é aproveitada, perfazendo esses sujeitos mais porosos a um deslocamento subjetivo maior. Que este movimento, antropofágico, possa crescer no e com o teletandem e ganhar os espaços escolares formais!

Em comparação com o Par 1 que traz esta temática, Rio aqui (com o Par 3) é exaltado pelo brasileiro e desconhecido para a estadunidense que não emite nenhuma crítica. No Par 1, o brasileiro desenha o Rio de Janeiro e reafirma os pontos negativos como a violência e os palavrões falados no ambiente da universidade. Tanto que o estrangeiro 1 diz que pode se aculturar quando estiver no Rio de Janeiro.

No momento em que os estudos das culturas tomam lugar ao lado dos Estudos Culturais, Multiculturalismo, vislumbrar uma fala que traz a concepção de um indivíduo vir para um espaço e dizer que, por ele próprio, vai se aculturar é chocante. Evidencia um olhar crítico diante deste espaço e a sensação de um determinismo local capaz de interpelá-lo mais do que o previsto. Resta saber, se neste caso, falar os palavrões cariocas será uma marca da identidade nacionalmente brasileira.

Ainda para a percepção da constituição dos interagentes em questão, Ashley e Orlando, trago o penúltimo excerto selecionado para as últimas análises.

C: ah, sim, estudando é verdade, é, ah, sim, agora quanto à, no meio universitário, o que, é, uh, quando você ouve a palavra “Brasil”, o que muda da, de, dos alunos, entende sobre o nosso país, Brasil?

D: como é?

C: Por exemplo no seu estudo, quando vocês falam de Brasil, o que é que, o que é que vocês entendem sobre o Brasil? o país Brasil?

D: ah, tem muitas flores, como, la Amazon?

C: sim

D: mas falam de eso, pero, mais nada

C: ah mais nada?

D: não

C: hum, você pessoalmente, o que que você acha que encontraria no Brasil? algo semelhante aí em (cidade americana localizada a UA) ou muito diferente?

D: uh, mais ou menos, uh, um pouco diferente

C: ah, sim, sim, você acha então que, você acha que, no Brasil nós temos muitos filmes americanos ((fica mudo))

D: oh, I can't hear you

Fonte: Inter 4: 337-352

Neste momento da interação, Orlando, o mais curioso das possíveis visões de estrangeiro para com seu país, pergunta a Ashley o que ela entende quando falam de Brasil. Ele pergunta tentando perceber uma visão não só dela, por isso, nas duas vezes que pergunta a remissão é para além dela, „dos alunos“, „você falam do Brasil“. Ele quer uma visão que pode estar bastante sedimentada. A tentativa é uma visão geral, uma “representação do Brasil”.

Ashley é direta. A Amazônia lhe vem como resposta para mencionar as flores, o que ela encontraria aqui. Ou seja, a referência simbólica ao Brasil é por sua flora e “nada mais”. Orlando ainda a questiona. Aí, sim, deixando a pergunta mais individual, mas Ashley responde só à segunda pergunta. Ainda que pareça insegura, acredita que encontraria coisas mais diferentes que parecidas entre sua cidade e o Brasil.

Para finalizar esta seção de identidades que aparecem nos interagentes, faço o gancho da última fala de Orlando, em sua jornada por perceber a visão do estrangeiro para com o Brasil, com os filmes expostos na última interação. Novamente veremos a formação de um par binário: FILME AMERICANO X FILME BRASILEIRO.

É esse o tipo de filme que o povo gosta

C: ah, tropa de Elite é number one.

D: sim, é eu escrevi, escrevi

C: e

D: eu voy a

C: é muito, é muita morte, sabe, muita morte, muito problema, social problems.

D: social problems, sim

C: hum, marijuana, drugs, arms, weapons, ((risos)) mas é esse o tipo de filme que o povo gosta, né? ((A concorda com a cabeça)) éh, romance, romance, like Casablanca ((risos)) ninguém gosta mais, né? Gosta de filme de, muito problem social, problemas, né, sociais.

D: é, essa película, sim, essa está no cinema?

C: cinema

D: essa, hum

C: esse filme

D: esse filme aqui

C: não, pelo Google, talvez você consiga

D: Google

C: é talvez você consiga, né? Acho que é normal né, Tropa de Elite e outros. O Brasil não faz muitos filmes, não. Ah, faz muito soap operas.

Fonte: Inter 5: 239-258

A referência ao filme Tropa de Elite apareceu em duas das três interações, o que, com os dados analisados, evidenciam-no como representante da cultura brasileira tanto para o próprio brasileiro como para o estrangeiro que passa a ver o Brasil, também, pelas lentes do filme.

Novamente, Orlando usa dos performativos para dissertar sobre o filme, elencando seus temas, nada positivos. Há a construção de um binarismo sedimentado nos termos O POVO x NINGUÉM. O povo, o todo, gosta de filmes como Tropa de Elite, com muitos problemas sociais, drogas e violência e ninguém gosta dos filmes românticos. A necessidade dessa generalização indica o quanto ele está interpelado pelo cinema ou pelos rumores que envolvem esta mídia.

Ashley aparenta não ter assistido ao filme, diz que tentará assisti-lo, achando-o no Google, elemento totalmente globalizado, mas diz mais em relação às *soap operas* novelas, as quais, por essência, são romantizadas.

A última fala de Orlando constrói mais um binarismo excludente: filmes x novelas. Brasil faz mais novelas que filmes e ela diz:

C: é, você vai conhecer o Brasil através das novelas

D: Ok, eu quero.

Fonte: Inter 5: 281-282

Ashley prontamente quer assistir às novelas brasileiras. Tal resposta „Ok, eu quero“ não aparece para o filme, o que nos leva a perceber que a valorização do filme violento ao invés dos românticos não é uma ideia coletiva, nacional, mas sim uma construção individual compartilhada por parte da população e disseminada na mídia com a finalidade de alcançar mercado. É o gosto por gêneros televisivos que está em análise pelos interagentes do teletandem. A representação do Brasil em cada um deles é real, como função desta “arte”, mas a interpelação vai acontecer de acordo com a subjetividade de cada sujeito interagente.

3.3.2 Está cada vez mais parecido com os norte americanos, né, no Brasil: discussões sobre fast food

E somos, mais uma vez, redirecionados a analisar o tema comida. Nesta seção, a análise se volta para as referências culinárias dos interagentes quanto a indicação de identidade nacional.

Em comparação aos outros pares, a interação do Par 3 se associa a do Par 2, porque os elementos globalizados, como denominei, aparecem. Não há uma necessidade de elencar comidas locais pelos interagentes. O foco se concentra nos elementos culinários globalizados.

Segue trecho da segunda interação deste par 3 para compreensão da construção de uma identidade mais global, como disse Rolnik (1997).

E Brasil tem McDonald's?

C: Ah sim, no Brasil ainda viaja muito de ônibus ainda e é, mas a nossa cultura, a nossa cultura brasileira ainda há uma certa cópia dos Estados Unidos em termos de transporte e comida

D: uhum

C: como fast food, né, assim, como hambúrguers e coisa parecida

D: como McDonalds?

C: É isso, como McDonalds, é, tem, está cada vez mais parecido com os norte americanos, né, o Brasil

D: e Brasil tem McDonalds?

C: Tem, tem

D: Tem, e Burger King?

C: sim, não, não assim uh, tem bem parecido, bem parecido

D: ah

C: bem parecido, hoje o Brasil a cultura é bem parecida, pessoal usam, vão a fast food, usam jeans, como você usa jeans, T-shirt, é bem parecido, só não tem inglês ((risos))

D: ((risos)) você sim

C: não, não, não pra mim, ah, sim, mas não, o brasileiro não, não, é uma pena, você sabe o que é uma pena?

D: pena? shy?

C: não não não, what a pit, a pit, what a pit, like a pit, p-i-t

D: oh p-i-t

Fonte: Inter 2: 188-206

O excerto começa com uma assertiva de Orlando muito relevante para a pesquisa, „nossa cultura brasileira ainda há uma certa cópia dos Estados Unidos“. A expressão traz o pronome possessivo *nossa* pela necessidade de falar ancorado numa voz social maior que só a dele. O termo “*nossa*” não é partilhado por Ashley, mas pode indicar o movimento de interpelação que Orlando faz, consciente ou não, de torná-la conhecedora da cultura brasileira e interpelada a ela. Talvez, essa seja a função do teletandem vista por Orlando, pela língua fazer o outro conhecer nossa cultura, já que ele, mais de uma vez, se preocupa com a

visão que Ashley, sua parceira de teletandem, tem do Brasil em seus vários aspectos.

Orlando usa a iterabilidade para fazer Ashley entrar no Brasil. Ele mostra essa entrada pelo transporte e comida e, para que ela entre nesse mundo, remete aos elementos que são dela (americanos), mas foram copiados, virou moda, ficaram globalizados pela iterabilidade do ver e ouvir.

No trecho do excerto que repito abaixo, fica clara a possibilidade da cópia, mesmo que não idêntica – um *simulacro*⁴ dos fast foods.

C: É isso, como McDonalds, é, tem, está cada vez mais parecido com os norte americanos, né, o Brasil

D: e Brasil tem McDonalds?

C: Tem, tem

D: Tem, e Burger King?

C: sim, não, não assim uh, tem bem parecido, bem parecido

D: ah

C: bem parecido, hoje o Brasil a cultura é bem parecida, pessoal usam, vão a fast food, usam jeans, como você usa jeans, T-shirt, é bem parecido, só não tem inglês ((risos))

Ao dizer que é cópia, percebe que não é idêntica pelas expressões reflexivas dele mesmo “está cada vez mais parecido com os norte americanos” e “não, não assim uh, tem bem parecido, bem parecido” levando à concepção de simulacro. A repetição dos termos parecido e bem sustentam seu olhar de que repete uma ideia do senso comum (iterabilidade), mas, por já ter ido aos Estados Unidos, sabe que a cópia não é idêntica. Por isso, o „uh“, „não, não“, „né“ imprimem a sensação de reflexão dos mundos que conhece, não é uma cópia, é bem parecido.

Finalizo este capítulo das análises dos dados selecionados. Ressalto que o uso de três pares foi para ampliar dados e sair da ideia sedimentada do binarismo.

⁴ Significa criar algo que possa parecer real, dessa forma iludindo as pessoas com relação a determinada situação, segundo a fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/simulacro/>

A dissertação buscou analisar como a teoria da performatividade embasa os estudos da subjetividade de sujeitos que se colocam em situação de colaboração ou contato intercultural online ao aprenderem suas respectivas línguas. Como estudo de três casos, a pesquisa levanta questões sobre o quanto das subjetividades iniciais de cada sujeito visto aqui, pelo momento da interação, são alteradas pelo e no espaço do teletandem, e como esses interagentes se identificam com esses novos espaços de ensino, aprendizagem e colaboração intercultural.

Considerações finais

Resultado da análise dos dados

Através da análise das transcrições das interações dos pares dos três estudos de caso, aqui apresentados, percebemos que os interagentes, dentro de suas perspectivas ideológicas, apresentam suas identidades nacionais. Eles, de formas diferentes, evidenciam traços de suas nacionalidades por signos sociais e mostram o quanto estão sedimentados ao nacional ou mais globalizados. A percepção da sedimentação se dá pelo uso da iterabilidade e da citacionalidade do já dito, do comum, do estereotipado. Já o deslocamento, a fragmentação do interagente mais subjetivamente poroso nos leva a percebê-lo como mais globalizado, mais curioso pelo novo e menos estereotipado.

Com o Par 1, Tiago e Ricardo, há uma subjetividade mais porosa capaz de fazê-los entender os contextos nacionais, mas selecionar o que vão “consumir” ou não da fala do outro. Eles não podem ser comparados igualmente, suas vivências são diferentes. Porém, suas origens são latinas, ou seja, marcados pela colonização. Já são, historicamente, mais fragmentados, como um mosaico híbrido. Tal afirmação traz um tom de homogeneização dos latinos porque incide no histórico de comunidade que vivenciaram. A construção dessa “nacionalidade” buscou um pertencimento, por isso, tal tom.

O tom de insegurança é mais aparente em Tiago, o brasileiro, que se mostra inseguro verbalmente e pelo contexto em que está: último ano da faculdade, morador do interior paulista, em busca de emprego, proficiente em menos línguas que seu par. É notório que esta insegurança se instala no momento em que senta para falar com alguém que está nos Estados Unidos. A relação de poder é a primeira a ser conectada. Principalmente porque na formação do par, o dualismo, remete a comparações constantes do que sou e tenho e o outro não.

A sensação de segurança vai aparecendo conforma Ricardo, o cubano que vive nos Estados Unidos, responde e questiona o Brasil. Ele é conhecedor de nossa cultura. Ambos discutem sobre temas delicados e provocantes com voz ativa. Ricardo opina e descreve a política e economia brasileira. Ou seja, é um

sujeito que fabrica suas identidades nesse jogo de trocas com o outro. É o interagente que mais se apresentou deslocado. Teve receio de se aculturar pelo determinismo dos palavrões cariocas, marca de quão poroso é.

Portanto, Ricardo não usa os performativos a fim de interpelar Tiago, ele discursa performaticamente a fim de compreender as relações que tecem o mundo. E o faz diferente dos outros interagentes porque estabeleceu a autonomia de, antropofagicamente, se abrir para as nações e aproveitar o que quiser delas.

No Par 2, o contexto de vida de cada interagente é importante para percebê-los. Jeremy, estadunidense que já veio para o Brasil (Belém) aparenta estar semiaberto para o outro, no caso, para Beatriz e tudo o que ela diz sobre o Brasil. Por vezes, suas respostas às práticas sociais de Beatriz, ir à igreja, estudar, descansar, comer muito *fast food*, foi „legal, legal“. Tal expressão mostra que ele pode ter gostado, achado interessante, mas superficialmente.

Acreditamos que ele esteja mais interpelado ao nacional brasileiro pela sua vivência física em Belém e não pelo que ouviu de Beatriz nas interações realizadas.

Beatriz, ainda do Par 2, estabelece outro tipo de abertura. Usando da ideia de Rolnik sobre a antropofagia para o estudo da subjetividade, Beatriz consome os elementos globalizados, mas é bastante sedimentada em sua cultura nacional. Ela sabe o inglês, mas pouco o usa nas interações, é explicativa de processos e elementos expressamente feitos aqui no Brasil, como autenticação, a rede de Skype, a Vivo, o funcionamento da sua igreja, as disciplinas e duração dos cursos, a aposentadoria. Ou seja, Beatriz explicava os trâmites que envolvem essas temáticas, mas não tinha interesse em saber como era do lado de lá para todos os assuntos. A sensação analítica desse par é que precisavam buscar assuntos para cumprir o horário do teletandem. Isso pode ser mais embasado pelo fato de Beatriz participar do teletandem como forma de cumprir horas de estágio no centro de línguas de sua universidade.

Por ser nosso par mais novo, isso pode ser uma característica relevante, os elementos globalizados são vivificados por ambos. Os dois conhecem e comem as comidas advindas dos lugares fabricados pela atualidade, *McDonalds*, *Burger*

King, Pizza Hut. Não dá para saber mais de onde proveem estes lugares! Eles são do mundo, são globalizados e híbridos por ganham toque nacionais onde chegam. O lanche do *McDonald's* não é igual no Brasil e nos Estados Unidos. Mais um traço que a proposta de homogeneidade trazida com a globalização esbarra nas identidades nacionais e, assim, constroem os híbridos ou simulacros de sujeitos e produtos.

Portanto, Beatriz e Jeremy, mostram-se, no espaço do teletandem, tendenciosos a valorizar o que a globalização deixou e cumprem seus papéis de interagentes elencando diferenças pontuais entre seu país e o do outro. A conversa pouco sedimenta valores novos; reforça os já estabelecidos tanto nacionais, particular para cada um, quanto os globalizados, coletivo, heterogêneo para os dois.

O Par 3, evidencia outra constituição. Orlando mais falante carrega uma valorização constante dos Estados Unidos, país de sua parceira. Ou seja, ele precisa valorizar a cultura norte americana a fim de se aproximar, diretamente, da língua inglesa.

Ele é preocupado em saber, através de sua parceira, a visão dos estadunidenses sobre o Brasil. Por ter esta preocupação, talvez instalada por ser um interagente do teletandem, ele se coloca a expor o que vê do Brasil, sua identidade nacional é recorrente para, como um espelho, estabelecer em Ashley o que ele queria ter dela, mais conhecimento sobre os Estados Unidos.

Na primeira leitura das interações feitas por eles, as maiores falas são de Orlando. Ashley concorda, pergunta significados e pronúncias, repete e usa da língua espanhola para ser uma ponte mais segura entre o inglês e o português e, conseqüentemente, ela e Orlando.

Quando questionado o porquê das diferenças, estabelecidas principalmente por Orlando, ele aponta que é uma questão cultural. Não estabelece uma explicação histórica ou social. Prefere englobar tudo na cultura e assim silencia a parceira e sua possível possibilidade de deslocamento. Ao pronunciar cultura parece que esta é fixa, fechada, sem possibilidades de fragmentações, de

atravessamentos. Assim, ele marca, por sua fala, a cultura vestida em identidade nacional sedimentada nos estereótipos de: shopping, praia, filmes, Rio de Janeiro.

Ashley, como Jeremy, responde com poucas palavras e se mostra “neutra” a aprender a língua, as culturas brasileiras. Ela tenta entender os processos de sedimentação estampados por Orlando, ao perguntar porque é assim. Como a resposta é a “cultura” questionamos como Ashley pode interpretar isso. Provavelmente, pela diferença de idade entre eles, ela absorva as informações passadas por Orlando e pode ressignificá-las em outra interação, outras conversas ou mesmo vendo os filmes e novelas brasileiros, como ela disse que veria.

No geral, houve maior identificação crítica no Par 1, maior sedimentação ao globalizado no Par 2 e maior preocupação com a proficiência nas línguas, mais que com a cultura no Par 3.

Nesse jogo de interações deflagrado no contexto online em teletandem, a troca de turnos de falas revestidas em performances promove o contato com estas perspectivas ideológicas que abrangem a subjetividade do sujeito interagente. Por isso, é neste espaço virtual de contato intercultural online que as identidades são confrontadas, discutidas e negociadas produzindo, possivelmente, um deslocamento (Hall, 2006), uma fragmentação do sujeito e, conseqüentemente, de suas subjetividades.

Os Estudos Culturais, com os trabalhos de Hall (2006), Silva (2013), sustentam o que acredito aparecer no teletandem, o hibridismo (Souza, 2004). O contato transcultural online pelo teletandem deflagra a mistura de culturas, de valores, de identidades e, por vezes, de línguas, reorganiza a ideia de identidades separadas, constitutivas de determinados espaços. Após participações iniciais no teletandem, as identidades não são mais originais, tendem a se fragmentar pela força dos discursos e, ao final dessa experiência, temos identidades (no plural) e subjetividades ampliadas. Exemplo deste processo são as confirmações, concordâncias com a fala do outro, além da argumentação coerente sobre as questões de política, sotaque, viver em outro país, os espaços e elementos globalizados e compartilhados como ressaltamos nos trechos das transcrições que

citamos como, por exemplo, o excerto da transcrição da primeira interação do Par 1:

Comparando opiniões

G: Você sabe o que é sucio em espanhol?

A: Sei, sei. É isso mesmo. Isso

G: É isso mesmo. Então [país do qual estão falando] é mui sucio.

A: Muito (risos).

Fonte: Inter 1: 94-97

A associação de performatividade na busca por entender melhor que identidades são essas que perpassam o teletandem evidencia que as identidades nacionais que se confrontam nas interações deste contexto virtual de aprendizagem tendem a se “hibridizar”, formando um núcleo fragmentado de nacionalidade. Núcleo fragmentado porque esta sofreu abalos face a outras culturas, línguas, valores e sabores. Neste núcleo, sobram resquícios da identidade nacional, já que o sujeito precisa da sensação, talvez inconsciente, mas construída socialmente, de pertencer a algo. Este *sujeito com identidades* passa a caracterizar o *sujeito híbrido*, fragmentado e muito mais amplo socialmente pelo encaixe ideológico de tantas diferenças que passou a habitá-lo.

O gênero estudado por Butler (2004) é vestido aqui por identidades nacionais. Neste vestir-se, existe a ideia de que um brasileiro possa assumir-se mais americano ou cubano que propriamente brasileiro, por suas performances recursivas e por seus contatos que o interpelaram a fazer tal escolha, identificando-se com ela.

Assim, estudar identidades e subjetividades remete a contextualizar que sujeitos temos hoje diante das novas tecnologias e do processo de globalização. Como essas novas tecnologias são fundantes para o deslocamento identitário e para novas inserções, novas práticas educativo-discursivas e novos sujeitos, globais, híbridos que, ao se fragmentarem, tornam-se mais, plural de

conhecimento, culturas e línguas, fabricando-se como híbridos por sua subjetividades.

Recorremos a Bauman (2005) para valorizar a escolha teórica de sustentação desta dissertação. Ele explana sobre a complexidade da identidade nacional.

Pôde-se ver a faca da identidade brandida nas duas direções e cortando dos dois lados nos períodos de “construção nacional”: em defesa de línguas, memórias, costumes e hábitos locais, menores, contra “os da capital”, que promoviam a homogeneidade e exigiam uniformidade – assim como na “cruzada cultural” organizada pelos defensores da unidade nacional que pretendiam extirpar o “provincianismo”, o paroquialismo, o *esprit de clocher* das comunidades ou etnias locais. (p. 83)

Percebemos nos dados como este movimento dual, da faca que corta para dois lados, carrega a faca no todo. Ora os interagentes referem-se ao local de onde falam ora se referem ao “capital”, ao estereotipo, ao simulacro.

Bauman, na tentativa de explicar o termo complexo, *identidade*, convoca-nos a: “as identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter” (p. 96). Por isso, nossa relação das identidades nacionais como roupas/bandeiras. Nos dados analisados, parece que Ricardo e Ashley estão com camisetas brancas e nesta a bandeira nacional aparece pequena porque querem preencher o branco com as cores de outras nacionalidades.

Ainda com Bauman, ele termina sua entrevista a Vecchi (2005) citando Hall. O alerta dado por este precisa ser mais divulgado.

Já que a diversidade cultural é, cada vez mais, o destino do mundo moderno, e o absolutismo étnico, uma característica regressiva da modernidade tardia, o maior perigo agora se origina das formas de identidade nacional e cultural – novas e antigas – que tentam assegurar a sua identidade e adotando versões fechadas da cultura e da comunidade e recusando o engajamento ... nos difíceis problemas que surgem quando se tenta viver com a diferença. (p. 105)

Assim, pensamos a questão perigosa desta pesquisa: rastreando as identidades nacionais corremos o risco de valorizá-las nos dados. Diante do contexto de uma atualidade tão globalizada e fragmentada, a sensação de, pela identidade nacional, se sentir mais seguro é uma mera idealização.

Considerações finais

Preocupada com a educação, com a formação de professores de línguas, desenvolvi a pesquisa com a necessidade de entender os sujeitos que se lançam a participar do teletandem como espaço virtual ressignificado de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Este espaço evidencia concepção de sujeito, tecnologia, aprendizagem e ensino contemplativa do momento atual e das necessidades dos sujeitos. Este espaço é tecnológico pelo meio social e meio intelectual. Portanto, envolver a tecnologia na sua também necessidade de aprender línguas para fluir no mundo visto como globalizado é uma ótima união.

Como muitos participantes do teletandem são alunos do curso de Letras, a prática do teletandem poderia ser evidenciada como uma disciplina ou parte da disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, como uma modalidade de estágio em língua estrangeira e portuguesa, já que são disciplinas separadas.

É na comparação de formas e modelos de ensino que o teletandem mostrará sua inovação, sua peculiaridade e respeito às necessidades globais dos indivíduos. O problema inicial é a falta de proficiência de um dos pares para as interações, mesmo que Brammerts & Kleppin tenham fornecido estratégias de aprendizagem para lidar com tal limitação da proficiência oral dos pares na língua estrangeira (Brammerts & Kleppin, 2013). Fato que pode ser estudado com novas pesquisas. Embora pareça que no mundo tão culturalmente globalizado hoje, as línguas chegam aos sujeitos mesmo que em pequenas doses.

A relevância do estudo com sujeitos neste espaço da interação é a vivência do par, às vezes em desequilíbrio, com os princípios de autonomia, reciprocidade e colaboração, tornando ativo no seu percurso de ensino e aprendizagem de língua e cultura.

Tomar a teoria da performatividade para ver tais interagentes é vê-los na ruptura da norma, da normatividade, do estereotipado. É a possibilidade de vê-los diferentes também, desconstruindo minhas imagens idealizadas de interagentes e brasileiros e estrangeiros. As identificações entre eles promovem minha identificação com eles e minha autoidentificação. Processo que julgo extremamente reflexivo e crítico na construção e posicionamentos como sujeito-docente.

Antes de fazer uma síntese conclusiva da pesquisa, ressalto que as questões pertinentes ao discurso, as relações de poder estudadas por Foucault e a complexa fabricação das subjetividades ficam, brevemente, em aberto. Há intrinsicamente aos discursos dos interagentes e também dos que participam do teletandem (mediadores, professores e pesquisadores) uma necessidade de perceber o que barra a transmutação, marca das identidades e subjetividades em trânsito. Para isso, pensar antropofagicamente, quem se deixa devorar e quem devora a língua e a cultura do outro, (re)fabricando-se é intrigante para novas pesquisas.

Este estudo contou com a análise de três pares de interagentes, quantidade que julgo necessária para o primeiro contato da teoria da performatividade para com os dados e a questão de pesquisa.

Por isso, pretendo seguir com uma análise longitudinal de interagentes que atuem com/no ensino de línguas além do teletandem (professores de línguas estrangeiras pré e em-serviço). A ideia é ver performativamente como tal interagente, professor interpela seus interlocutores (alunos e/ou interagentes). Na prática de ensino de línguas o quanto ele buscará pertencer a um lugar comum, formada pela educação de línguas, não tão favorável a ela ou, exatamente, por sua participação no teletandem, construirá novos caminhos teórico-metodológico para sua prática formadora de sujeitos.

Desejo que o processo de autoidentificação estabelecido aqui para, na sequência, entender minha subjetividade torne-me cada vez mais *queer* diante do universo de ensino.

Referências bibliográficas

AUSTIN, J.L.1962a. *How to do things with words*. Harvard University Press (Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. Quando Dizer é Fazer – Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990).

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, E. P.; GERALDI, J. W. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, Unicamp-IEL, n.19, jul./dez., 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BENEDETTI, A.M.; CONSOLO, D.A.; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Org.). *Pesquisas em ensino e aprendizagem no Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos*. Campinas: Pontes, 2010.

BENVENISTE, E. A filosofia analítica e a linguagem. In: Problemas de linguística geral I. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005.

BOLOGNESI, Roselaine. Da filosofia à educação. *Filosofia ciência e vida*. Entrevista feita por Fábio Antônio Gabriel, ANO VII, nº 94, maio de 2014, 5-13.

BRAMMERTS, H.; KLEPPIN, K. (2003) Supporting face-to-face tandem learning. IN: LEWIS, T; WALKER, L. (Eds.) *Autonomous Language Learning in Tandem*. Sheffield (UK): Academy Electronic Publications Limited.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York. Routledge, 1990.

_____. *Lenguaje, poder e identidade*. Trad. Javier Sáez y Beatriz Preciado. Madrid: Editora Síntesis, 2004.

_____. (1993). *Bodies That Matter*. Londres: Routledge, [o capítulo introdutório deste livro foi publicado, em português, em Guacira Lopes Louro (org.). (1999). *O corpo educado- Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p.151-172, com o título “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do „sexo“”].

CONSOLO, Douglas A. *Classroom Discourse in Language Teaching: a Study of Oral Interaction in EFL Lessons in Brazil*. Tese de doutorado. University of Reading, UR, Inglaterra, 1996.

CORACINI, Maria José (Org.). *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

COSTA, L.M.G. Performatividade e gênero nas interações em teletandem. Tese de Doutorado. P.P.G. em Estudos Linguísticos, UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2015.

DERRIDA, J. *Limited Inc.* Campinas: Papirus, 1991.

DONINI, A. Comunicação pessoal gravada quando do exame de qualificação. 16/03/2015.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Trad. L.F. de A. Sampaio. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FUNO, L. A. Teletandem: um estudo sobre identidades culturais e sessões de mediação da aprendizagem. Tese de Doutorado. P.P.G em estudos Linguísticos, UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2015.

GILHAN, B. *Case Study Research Methods*. London: Continuum, 2000.

GREGOLIN, MR. R. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Linguagem*. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

GUBA, E.G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N.K.; and LINCOLN, Y. S. (Eds.) *The Landscape of Qualitative Research: Theories and Issues*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KANAVILLIL, Rajagopalan. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. -----: Parábola, 2009.

KUNZ, J. C. & STUMPF, E. M. Constativos e performativos: Austin e Benveniste sobre os atos de fala. SITED, Porto Alegre. 2010 (277-282).

LACLAU, E. *New Reflections on the Revolution of Our Time*. Londres: Verso. 1990.

LIBERALI, Fernanda Coelho. *Formação crítica de educadores: questões fundamentais*. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. Dossiê. *Cult*, nº. 185, p. 31-37. <http://revistacult.uol.com.br/home/tag/judith-butler/>. Publicado dia 08/01/2014, às 18h15.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. *Retrospectiva*. D.E.L.T.A., 18:1, 2002 (117-143).

PARISI, Luciana. The Adventures of a Sex. In: *Deleuze and Queer Theory*. Edited by Chrysanthi Nigianni and Merl Storr. Edinburgh University Press,

ROSSI, G. S. O que acontece durante as interações de Teletandem: investigando os dados. In: TELLES, J.A. *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Daniel do Nascimento. Atos de fala, atos falhos: sobre a infelicidade do performativo. *Estudos Linguísticos XXXIV*, p.486-491, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TELLES, J.A. *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

_____. *Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos – Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger*. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP. 2006. Disponível em: <http://www.teletandembrasil.org/site/docs/TELETANDEM_BRASIL_completo.pdf>. Acesso em: 07/01/2015.

_____. *Teletandem e Transculturalidade na interação on-line em línguas estrangeiras por webcam*. Projeto de pesquisa financiado pela FAPESP, 2011.

_____. Teletandem and Performativity. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 1-30, 2015.

VARGHESE et al. Theorizing language teacher identity: three perspectives and beyond. In: *Journal Language, identity and education*. Routledge, Vol. 4, Issue 1, 2005.

VASSALO, M.L. e TELLES, J.A. Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem: histórias de identidades. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 2008, pp.341-81.

_____. M. L. (2010). “Telepresença no teletandem: um quadro teórico”. *Teletandem News*. Disponível em: http://www.teletandembrasil.org/site/dosc/Vassalo_Tandem%20como%20telepresen%C3%A7a_Toluca_ICDE_2007.PDF. Acesso em 27/07/2015.

VYGOTSKY. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEEDWOOD, Barbara. A Linguística no século XX. In: WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística* Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2013.

YIN, R. K. (2014) *Case Study Research: Design and methods*. Thousand Oaks: Sage Publications. (5th edition)

| STEUER, J., BIOCCA, F., & LEVY, M.R. (1995). Defining virtual reality: Dimensions determining telepresence. *Communication in the age of virtual reality*, 33-56.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, B (org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-33.

ZAKIR, M. A. Cultura e(m) telecolaboração: uma análise de parcerias de teletandem institucional. Tese de Doutorado. P.P.G. em Estudos Linguísticos, UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2015.

ANEXO

Histórias do Rio Negro, de Luciano Cury (Brasil, 2006)
por Eduardo Valente

O rio é o mesmo

Não por acaso, o filme não se chama “Histórias das Gentes do Rio Negro”, ou algo do tipo: seu título não deixa qualquer dúvida sobre quem é o verdadeiro protagonista do filme, o Rio Negro. Aqui, as pessoas só são usadas como foco da narrativa porque o rio



não sabe falar por si só – mas, se soubesse, isso seria o ideal, como vemos na seqüência final com imagens do rio e as vozes se superimpondo ao fundo. Este é um bom resumo do que é o filme: vozes indistintas que se confundem, sem nenhum interesse maior pelo específico de cada um dos entrevistados (sempre que algum parece perigar tornar-se “único”, é hora de seguir adiante), mas tão somente pelo que pode emergir do coletivo dos depoimentos ouvidos – e nisso o fato de que os nomes dos entrevistados só surgem agrupados nos créditos finais, sem que consigamos dar nomes aos rostos falantes, parece bem mais do que um simples acaso.

Histórias do Rio Negro é um exemplo bastante didático (palavra que lhe cai muito bem, aliás) para servir de diferença entre o que é um jornalismo básico disfarçado de cinema e o que é um olhar de cinema documental calcado em entrevistas (claro que o nome que vem à mente é o de Eduardo Coutinho – que, em oposição a este filme aqui, quando chama um filme de *Edifício Master*, poderia facilmente dizer “As Pessoas que Habitam o Edifício Master e sua relação com um cineasta”). Pois tudo que não existe em *Histórias do Rio Negro* é o desejo de possuir qualquer ponto de vista: estamos na seara do informativo, do ilustrativo, do institucional. O mundo em frente às câmeras preexiste a entrada destas em cena, e após a sua saída permanecerá o mesmo. Qualquer outro realizador munido da mesma “missão” (“retrate com um filme o entorno do Rio Negro”) poderia fazer exatamente o mesmo filme. Nada há de pessoal no olhar de Luciano Cury, não entendemos o seu interesse por aquilo que está em frente a ele – e, neste sentido, parece sintomático que até para entrevistar ele “contrate” um ponto de vista, no caso o do doutor Drauzio Varella (que, depois dos recentes quadros do Fantástico que apresentou, só empresta uma cara ainda mais genérica e televisiva ao filme).

O filme parece, assim, se eximir de tudo frente ao mundo, e patina o tempo todo no terreno do banal. Belas imagens? Claro, estamos frente a um fenômeno natural: com um pouco de conhecimento de luz e câmera, haveria material para fazer um

longa mudo só com as imagens do rio. Histórias minimamente interessantes? Claro, afinal qualquer pessoa tem pelo menos uma história boa para contar – tanto mais quando habitam um ambiente tão diferente do mundo moderno e urbano de onde vêm o diretor e (óbvio) os espectadores que verão o filme. Assim, qualquer menção a um parto natural feito com parteira ou à visão de um ser sobrenatural (curupira, cobra grande, etc) consegue algum efeito, não importando quão repetidos e reciclados sejam os temas. De fato, a comparação com um Globo Repórter ou com as capas da revista Veja seria procedente: assim como nestes, a impressão que fica é que já vimos este filme antes. E, provavelmente, já vimos – e ainda veremos de novo algumas vezes.

<http://www.revistacinetica.com.br/rionegro.htm> - 21/01/2015